



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS - CAHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS –  
PPGCS**

**MARAÍSA LISBOA DE SOUZA**

**ATUALIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA:  
ETNOGRAFIA SOBRE O PROCESSO DE CONVERSÃO RELIGIOSA  
DE CIGANOS EM CRUZ DAS ALMAS/BA.**

**CACHOEIRA, BA  
2017**



MARAÍSA LISBOA DE SOUZA

**ATUALIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA:  
ETNOGRAFIA SOBRE O PROCESSO DE CONVERSÃO RELIGIOSA  
DE CIGANOS EM CRUZ DAS ALMAS/BA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/CAHL como pré-requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Professora Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Comin de Carvalho.

**CACHOEIRA, BA  
2017**

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

S719a Souza, Maraísa Lisboa de  
Atualização e manutenção da identidade étnica: etnografia sobre o processo de conversão religiosa de ciganos em Cruz das Almas-Ba. / Maraísa Lisboa de Souza. – Cachoeira, 2017.

147 f.: Il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Ana Paula Comin de Carvalho.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2017.

1. Identidade étnica. 2. Conversão religiosa. 3. Ciganos. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento. II. Título.

CDD: 305

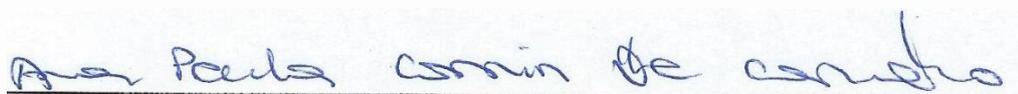
MARAÍSA LISBOA DE SOUZA

**ATUALIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA: ETNOGRAFIA  
SOBRE O PROCESSO DE CONVERSÃO RELIGIOSA DE CIGANOS EM CRUZ  
DAS ALMAS/BA.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/CAHL, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como pré-requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada, 12 de junho de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Comin de Carvalho (UFRB- Orientadora)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mirian Alves Souza (UFF- Examinadora externa)



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>o</sup> Kabengele Munanga (UFRB – Examinador interno)

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO I INTRODUÇÃO**

1.1 Como se deu o meu interesse pela temática .....	13
1.2 O incremento do número de protestante no Brasil .....	14
1.3 Conhecendo a cidade estudada.....	16
1.4 Pequeno histórico do cristianismo .....	19
1.5 Conceitos importantes.....	24
1.6 Método de pesquisa.....	27
1.7 Estrutura da dissertação.....	30

### **CAPÍTULO II A CONVERSÃO EUROPEIA E A CONVERSÃO AO PROTESTANTISMO DOS CIGANOS EM CRUZ DAS ALMAS**

2.1 As conversões religiosas: reflexões sobre a Europa e o Brasil.....	32
2.2 Os ciganos do Recôncavo Baiano.....	37
2.2.1 Como os ciganos vivem no Recôncavo.....	37
2.2.2 Como o protestantismo chegou no Brasil.....	47
2.2.3 A conversão religiosa em Cruz das Almas.....	48

### **CAPÍTULO III COMO OS CIGANOS SÃO VISTOS E SE VEEM: ESTEREÓTIPOS TRANSNACIONAIS E ESTEREÓTIPOS EM CRUZ DAS ALMAS**

3.1 Estereótipos Transnacionais.....	63
3.2 Imagens hétero-atribuídos aos ciganos.....	66
3.2.1 O que os evangélicos pensam dos ciganos.....	72
3.3 Imagens auto-atribuídos aos ciganos.....	77

### **CAPÍTULO IV CASAMENTO CIGANO NO RECÔNCAVO- PREPARAÇÃO, ARTICULAÇÃO E DINÂMICA**

4.1 Preparação para o casamento .....	84
4.2 Dinâmica da festa de casamento.....	87
4.3 Separação Espacial entre os gêneros nos casamentos dos ciganos calons na região do Recôncavo Baiano .....	92
4.4 O casamento em Sapeaçu .....	95
4.5 A cultura da submissão feminina.....	103

### **CAPÍTULO V A CONVERSÃO: MANUTENÇÃO E ATUALIZAÇÃO DA CALONIDADE**

5.1 Performance após a conversão.....	108
---------------------------------------	-----

5.2 O “empoderamento” singelo das ciganas após a conversão.....	113
5.3 Motivos que levaram a conversão.....	118
5.4 Mudanças ocorridas com a conversão.....	123
5.5 O que o “outro” pensa da conversão cigana.....	128
5.5.1 O que permaneceu no corpo das ciganas após a conversão.....	130
<b>Lista de Imagens.....</b>	<b>144</b>

*Dedico a minha mãe Maria, meu pai Manoel, minhas irmãs Geisela e Tarciana e aos meus sobrinhos Leonise, Thiago e Miguel.*

## **Agradecimentos**

Eu agradeço em primeiro lugar, ao Deus Todo Poderoso, que esteve comigo me fortalecendo e dando-me sabedoria para desenvolver este trabalho.

Em segundo lugar, eu agradeço a minha dedicada e paciente orientadora Ana Paula Comin de Carvalho, que me orientou desde o surgimento do tema até a finalização da dissertação, sem você eu não conseguiria, professora.

Também agradeço aos meus pais, Manoel Antonio e Maria Lisboa, minhas irmãs Josileia Lisboa e Tarciana Lisboa e meus sobrinhos Leanise, Thiago e Miguel Lisboa pelo apoio que me deram durante este período de caminhada árdua em busca do meu objetivo.

Agradeço também aos meus amigos irmãos Robelito, Arlete, Ronaldo, Patrícia, Sara Sanches, Maria Sanches, Davi Sanches e Roque Sanches pelo grande apoio que me deram na cidade de Cruz das Almas, obrigada pelo cuidado e carinho. Da mesma forma eu agradeço ao meu amigo Edmilson pela dedicação em me ajudar durante o período da escrita, onde eu não tinha tempo pra nada. Agradeço também a Roseane Araújo, minha colega de mestrado e de luta nessa trajetória acadêmica.

Meus agradecimentos também vão para meu amigo Martin Fotta, pelo apoio, sugestões e envio de materiais. Outrossim, eu agradeço a professora Mirian Alves Souza pelas sugestões e envios de materiais. Do mesmo modo, eu faço menção ao professor Kabenguele Munanga pelas sugestões durante a qualificação, as suas sugestões e as sugestões da professora Mirian foram de grande proveito para a confecção deste trabalho.

Eu gostaria também de agradecer a FAPESB pelo apoio institucional e financeiro.

## RESUMO

Este trabalho focaliza no processo de conversão religiosa dos ciganos calons ocorrida no município de Cruz das Almas. A problematização concerne na implicação da conversão religiosa na atualização e manutenção da identidade étnica. Deste modo, procuramos explorar as nuances deste fenômeno de conversão religiosa e entender como os ciganos se veem e como são vistos pela sociedade nos diferentes contextos sociais. Além disso, iremos conhecer os motivos que levaram conversão ao protestantismo e quais as mudanças ocorridas na vida desses ciganos, assim como, conheceremos melhor os estereótipos transnacionais e locais.

**Palavras-chave:** ciganos, calonidade, conversão religiosa.

## ABSTRACT

This work focuses on the calon gypsies religious conversion process, occurred in the municipality of Cruz das Almas. The problematization concerns the implication of religious conversion in the update and maintenance of ethnic identity. In this way, we seek to explore the nuances of this phenomenon of religious conversion and to understand how gypsies see themselves and how they are seen by society in different social contexts. In addition, we will learn the reasons that led to conversion to Protestantism and what changes in the life of these gypsies, as well as better understand the transnational and local stereotypes.

**Keywords:** gypsies, calonity, religious conversion.

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

A presente dissertação se situa no campo de estudos das Ciências Sociais sobre grupos étnicos. Sendo assim, nosso tema de investigação se refere ao processo de manutenção e atualização da identidade cigana. Busquei focar neste os ciganos residentes no município de Cruz das Almas, no Recôncavo Baiano.

Segundo Moonen (2012), os estudos sobre ciganos no Brasil são bastante escassos<sup>1</sup>, até mesmo na academia, muitos dizem que ser ciganólogo não dá emprego pra ninguém<sup>2</sup>, e por essa falta de incentivos muitos se desviam no meio do caminho e acabam estudando outros temas.

Todavia, Moonen denomina de ciganólogos<sup>3</sup>, um termo advindo do orientalismo, aquelas pessoas que pesquisam a cultura e a história cigana. No entanto, eu particularmente acho que esse termo se encontra ultrapassado e em desuso, falo com relação as atuais pesquisas sobre a população cigana. Porém, Moonen faz uso indiscriminado do termo.

Outra questão a ser discutida é o fato de Moonen afirmar que nós temos poucos estudos sobre ciganos no Brasil, porém, eu acredito que tem crescido o interesse em pesquisa da população cigana, já que em 2016 eu pude participar de um GT exclusivo para pesquisadores da população cigana na RBA (Reunião Brasileira de Antropologia). Todavia, eu posso afirmar que existem poucos trabalhos sobre ciganos comparados com outros grupos étnicos. No entanto, a questão a ser discutida não é ter poucos ou não trabalhos sobre ciganos, mas a visibilidade que essas pesquisas

---

<sup>1</sup> De acordo com Moonen (2012), a antropologia começou a se interessar pelos estudos ciganos somente a partir da década de 1980. Moonen cita três pioneiros da ciganologia no Brasil. Como MELLO Moraes Filho (1885/1886), seu primeiro trabalho, Cancioneiro dos Ciganos (1885), o segundo foi José Baptista d'Oliveira CHINA, meio século depois, em 1936. Seu livro Os ciganos do Brasil (embora publicado numa revista como artigo com cerca de 350 páginas) e o terceiro João DORNAS FILHO que em 1948 publicou um artigo sobre Os ciganos em Minas Gerais, baseando-se em documentos históricos. Moonen ainda cita na área das ciências Sociais, Maria de Lourdes Sant'Ana (1983) e Moacir Antônio Locatelli (1981). Depois destes trabalhos há mais uma longa lacuna antropológica sobre o tema, que volta a ser retomado apenas no final da década de 90 e início dos anos 2000, com destaque para os trabalhos de Maria P. Lopes (1999); Florência Ferrari (2002 e 2010); Claudia Bomfim da Fonseca (2002); Mirian Alves de Souza (2006); Erisvelton Sávio Silva de Melo (2008) e Lailson Ferrari da Silva (2010).

<sup>2</sup> Moonen, 2012, p.5.

<sup>3</sup> Termo utilizado no passado para designar os estudiosos da cultura e história cigana que não tinham formação específica de historiador ou antropólogo.

ganham no meio acadêmico, falo isso pelo fato dessas pesquisas ligadas ao povo cigano terem ganhado uma grande visibilidade nos últimos anos, assim como, a mudança de postura dos ciganos a se submeterem a ser objeto de estudo.

Considerando que o número de trabalhos acadêmicos sobre o grupo étnico cigano ainda é muito baixa no Brasil, comparando com as demais etnias, e por ter consciência da marginalização e estigmatização dos ciganos no imaginário coletivo; não só no Brasil, mas em todo o mundo, foi que eu escolhi escrever sobre essa temática.

Segundo Moonen (2012, p. 4-5), as pesquisas envolvendo a etnia cigana na academia ainda são muito marginalizadas. Sendo assim ele destaca:

Observa-se que realizar pesquisas sobre ciganos no Brasil é tarefa de estudantes. Antropólogos já formados e professores de Antropologia aparentemente ainda consideram a ciganologia um ramo marginal, de baixa categoria e que não dá status acadêmico. No Brasil, o mais comum é o estudante defender sua dissertação ou tese ciganológica, obter seu cobiçado diploma acadêmico, tentar conseguir um emprego numa universidade, e depois para sempre esquecer os ciganos e partir para temas “mais nobres”, mais tradicionais das ciências sociais.

Todavia, ao meu ver, isso está mudando gradativamente no meio acadêmico, até mesmo pela visibilidades que essas pesquisas estão tendo atualmente, hoje em dia algumas reuniões anuais de Antropologia tem aberto as portas para esse tipo de trabalho e reúnem um bom contingente de pesquisadores. Como o próprio Moonen (2012, p. 2) enumera no seu artigo: “CIGANOS E CIGANÓLOGOS: ESTUDAR CIGANOS PARA QUEM E PARA QUÊ?”, a 19ª Reunião Bianual da Associação Brasileira de Antropologia, em 1994, nenhuma das 9 mesas redondas e 33 grupos de trabalho tratou de ciganos; Na 25ª Reunião da ABA, em 2006, cerca de 1.200 antropólogos apresentaram comunicações: somente duas trataram de ciganos; Já a 28ª Reunião da ABA, em 2012, houve um Grupo de Trabalho sobre “Ciganos no Brasil” com a apresentação de dez comunicações e seis painéis.

Nosso problema de pesquisa consiste em saber quais são as implicações da conversão religiosa para a manutenção e atualização da identidade étnica. Temos como pressupostos que um grupo étnico persiste na medida em que se mantém as diferenças culturais entre eles e as demais coletividades com as quais interage. Mas para ter continuidade, um grupo étnico precisa ser capaz de se transformar mudar as diferenças culturais definidoras das fronteiras. Estas últimas dependem de uma

combinação entre os novos recursos materiais e simbólicos disponibilizados e as categorias classificatórias que lhes servem como referências. Nas interações interétnicas existem planos restritos e articulados. Os primeiros são norteados por um conjunto de prescrições sobre as situações sociais impeditivas a interação, enquanto nos segundos as diferenças de ordem cultural podem ser minimizadas e até mesmo negadas (BARTH, 1969).

Inicialmente eu acreditava que a conversão religiosa era uma forma dos ciganos convertidos lidar com o estigma<sup>4</sup> que os perseguem há anos, todavia, através da pesquisa eu acabei vendo de outra forma, que será mostrado ao longo dos capítulos.

O presente trabalho teve como objetivo geral compreender as implicações da conversão religiosa para a manutenção e atualização da identidade étnica cigana. Durante a pesquisa procurei verificar quais as estratégias utilizadas por esses ciganos evangélicos para continuarem utilizando nas igrejas os sinais diacríticos, como roupas, acessórios, adornos, dentes de ouro e outros, e também como essa identidade vai se atualizando e até mesmo como a igreja vai se moldando para receber essa etnia. Sendo assim, no decorrer dos capítulos iremos identificar quais valores foram atualizados para serem ajustados a atual realidade dos ciganos evangélicos em Cruz das Almas e quais foram deixados de lado, de uma forma temporária ou definitiva, já que a identidade é mutável.

#### Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa é o de compreender as implicações da conversão religiosa na manutenção e atualização da identidade étnica.

Os objetivos específicos são:

- a) Apontar os sinais diacríticos que são atribuídos aos ciganos e os que eles se auto atribuem no contexto interativo de Cruz das Almas/BA;
- b) Identificar as representações sociais sobre ciganos presentes nas igrejas protestantes<sup>5</sup> e fora dela;
- c) Conhecer as opiniões de não-ciganos e de ciganos convertidos e não convertidos sobre o processo de conversão religiosa ao protestantismo e sua relação com a identidade cigana.

---

<sup>4</sup> Sobre o “estigma” utilizo a ideia de Goffman, 1998.

<sup>5</sup> Eu utilizei o nome protestante pois é uma terminologia usada pelo IBGE para classificar as religiões no território brasileiro.

d) Analisar o modo como ocorre o processo de identificação, auto-percepção e identidade entre os ciganos convertidos;

Em nosso universo empírico, são estudadas as relações inter/étnicas entre os ciganos evangélicos e os demais membros da igreja, assim como, a relação entre ciganos convertidos e não convertidos, tendo como foco principal uma possível influência da conversão religiosa na manutenção e atualização da identidade étnica cigana. Neste contexto, foram analisadas as categorias êmicas, relativas a valores, tanto com a etnia cigana quanto entre os evangélicos. Nosso campo de pesquisa é composto por duas igrejas, situadas na cidade de Cruz das Almas/BA; na região do Recôncavo Baiano, e os ciganos evangélicos foram acompanhados também em suas habitações, juntamente com os ciganos não evangélicos. Contudo, veremos no decorrer dos capítulos, se realmente ocorre à manutenção da identidade ou se isso resulta em uma atualização da mesma.

Eu trabalhei com duas igrejas evangélicas tradicionais<sup>6</sup>, uma delas foi a I<sup>a</sup> Igreja Batista, situada no centro da cidade de Cruz das Almas, sendo uma igreja de fácil acesso para ciganos que transitam pela cidade, e uma congregação (extensão da primeira igreja) situada mais afastada do centro. Na congregação eles vão dois dias na semana, nas quartas e domingo pela noite, enquanto na I<sup>a</sup> Igreja Batista, ocorrem cultos dias de terça, quinta e aos domingos pela manhã e noite. Todavia, os ciganos costumam ir aos domingos pela manhã para a I<sup>a</sup> Igreja Batista e a noite para a Congregação Batista.

Dias de Culto no Templo Batista (Congregação)		
Quarta-feira	Domingo	
19h:30min	19h:30min	
Dias de culto na I Igreja Batista		
Terça-feira	Quinta-feira	Domingo
19h	19h	19h
		08h (pela manhã aos domingos)

<sup>6</sup> As igrejas tradicionais compreendem principalmente as chamadas igrejas históricas que tiveram origem no início da Reforma Protestante ou bem próximo dela. Irei citar algumas igrejas consideradas tradicionais: A Luterana: fundada por Martinho Lutero (Século XVI); A Presbiteriana: Fundada por João Calvino (Século XVI); Anglicana: Fundada pelo rei da Inglaterra Henrique VIII (Século XVI); A Batista: Fundada por John Smith (Século XVII); A Metodista: Fundada por John Wesley (Século XVIII).

É relevante destacar que no domingo pela manhã às 8h a igreja tem a EBD (Escola Bíblica Dominical), nesta escola os professores ensinam sobre a bíblia, onde cada dia se estuda uma passagem bíblica diferente. Todavia, os ciganos não frequentam a EBD, mas sempre estão nos cultos que começa às 10h da manhã. Apesar dos ciganos não frequentarem a EBD, eles têm um estudo bíblico na casa do pastor cigano Luan, lá os ciganos se reúnem e o pastor ensina sobre a bíblia e eles se sentem muito mais à vontade.

Depois de termos conhecido um pouco sobre a temática e os objetivos presentes na dissertação, iremos a posteriori, descobrir como se deu o meu interesse pelo tema envolvendo ciganos, identidade e conversão religiosa.

### 1.1 Como se deu o meu interesse pela temática

O meu interesse por essa temática “Atualização e manutenção da identidade étnica: etnografia sobre o processo de conversão religiosa de ciganos em Cruz das Almas/Ba.”, se deu no ano de 2013, quando eu fiz algumas visitas a uma igreja evangélica na referida cidade. Nesta visita, o que mais me chamou a atenção foi o fato dos ciganos e ciganas ali presentes conservarem alguns sinais diacríticos, como os vestidos das ciganas, os brincos, pulseiras, anéis e dentes com muito ouro, como por exemplo, os calons<sup>7</sup> com correntes e anéis, destacando que os idosos ainda usam roupas com bastante estampadas e botas. Sendo assim, eu parto do pressuposto, que os mesmos tem uma capacidade enorme de se adaptar às mudanças da sociedade dominante, permitindo preservar a sua autonomia através de costumes e tradições ancestrais.

Seguindo esta lógica, tudo isso me chamou bastante atenção, já que ocorre o oposto com outros grupos, como aquelas pessoas adeptas as religiões de matrizes africanas, que ao se converterem passam a ter mudanças significativas nos sinais diacríticos, como nas vestimentas e nos acessórios. Todavia, no decorrer dos capítulos buscaremos entender o porquê da permanência dessas características apesar da conversão.

De início o meu campo social seria em apenas uma igreja, no entanto, ao chegar ao local, percebi que o contexto sofreu mudanças e que seria necessário

---

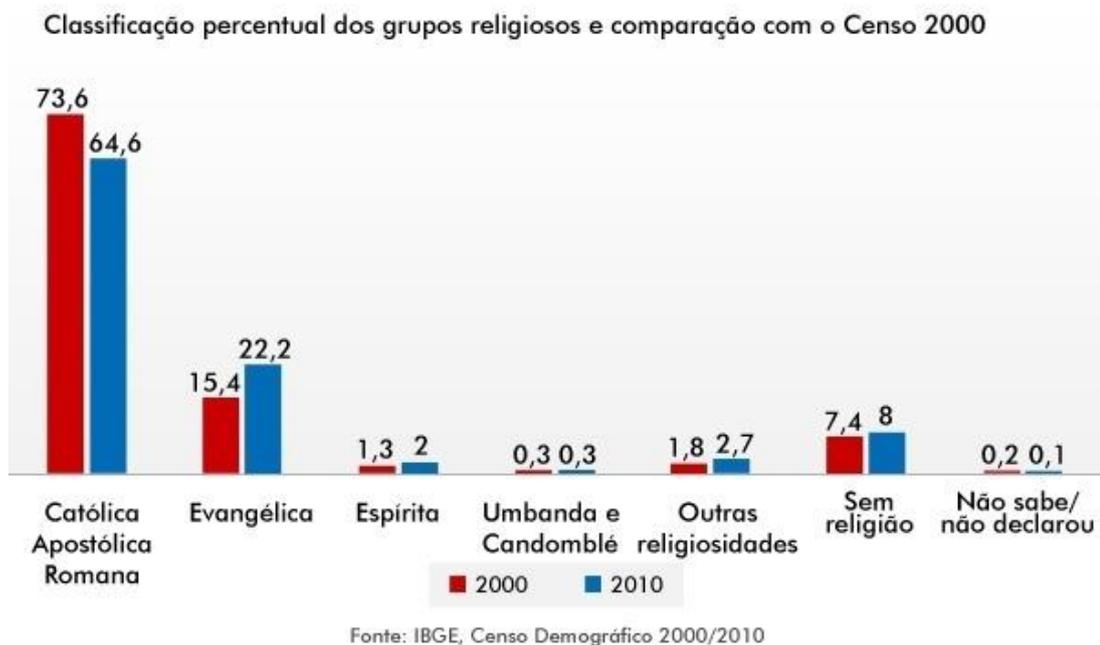
<sup>7</sup> Calon é o termo utilizado para denominar os homens ciganos.

pesquisar em uma outra congregação em paralelo, uma espécie de extensão da primeira igreja selecionada. Na verdade, o campo nos surpreende, ele é dinâmico e precisamos acompanhá-lo. Todavia, ter um padrão comparativo é muito importante numa pesquisa.

Uma vez apresentado como se deu o meu interesse pela temática e os objetivos da pesquisa, iremos conhecer um pequeno histórico do Cristianismo e dos ciganos, bem como, da cidade pesquisada.

## 1.2 O incremento do número de protestante no Brasil.

É notório que o número de protestantes no Brasil tem aumentado a cada dia. A seguir iremos visualizar um gráfico destacando a classificação dos grupos religiosos no país, assim como, observaremos através dos números o quanto tem crescido os adeptos ao protestantismo nos últimos anos.



### 1- Classificação de grupos religiosos no Brasil (2000/2010).

De acordo com a reportagem de Hanrrikson de Andrade, do UOL, no Rio 29/06/2012, segundo os dados do IBGE (2010), o número de evangélicos no Brasil aumentou 61,45% em 10 anos, segundo dados do Censo Demográfico divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2000, cerca de 26,2 milhões

se disseram evangélicos, ou 15,4% da população. Em 2010, eles passaram a ser 42,3 milhões, ou 22,2% dos brasileiros. Em 1991, o percentual de evangélicos era de 9% e, em 1980, de 6,6%. Como podemos perceber através dos dados, diante de uma sociedade outrora de “hegemonia” católica, houve um crescente número de adeptos ao protestantismo, sinalizando uma possível tendência da sociedade brasileira a se converter, incluindo nesse contexto as minorias étnicas<sup>8</sup> como os ciganos.

Assim como, a população brasileira de não ciganos estão se convertendo ao protestantismo, a etnia cigana está acompanhando esse processo, pois a cada dia surgem novos ciganos evangélicos; ainda mais pelos investimentos das igrejas protestantes em missões do povo cigano.

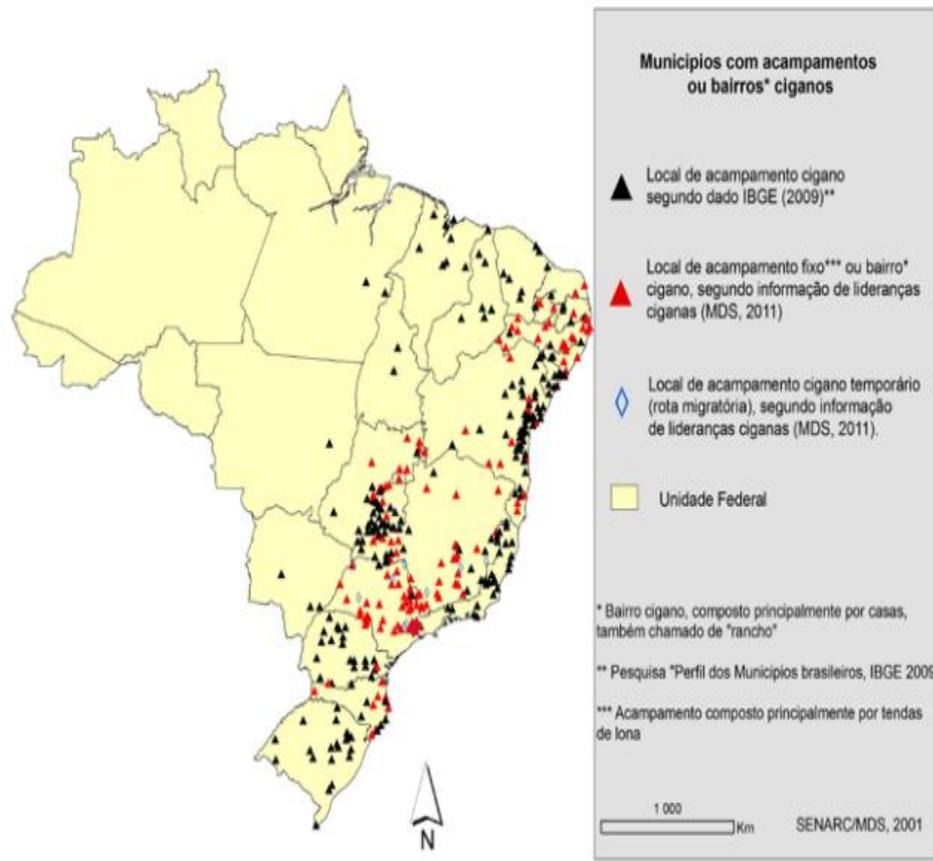
De acordo com Reginaldo Prandi (2008) a cultura católica existente na América Latina e no Brasil, diferenciada esta daquela apenas pelo caráter sincrético afro-católico brasileiro, está sofrendo uma grande influência da conversão religiosa, tal fenômeno abriria a possibilidade da religião evangélica em se expandir e tornar-se maioria entre os latinos americanos e entre a população brasileira. Prandi ainda afirma que a religião não só faz parte da cultura como também a abastece axiológica e normativamente.

Segundo o Censo 2010 do IBGE constatou-se a existência de 800 mil ciganos, espalhados em 291 acampamentos, dos 5.565 municípios brasileiros. Concentradas, principalmente, no litoral das Regiões Sul, Sudeste e Nordeste, destacando-se o estado da Bahia, com o maior número de grupos. Porém, esses dados não são precisos, já que muitos deles vivem uma vida itinerante e o IBGE não faz registros de identidade étnica, apenas de identidade social, como Mirian Alves Souza (2012, p.) aponta:

Os ciganos podem ser encontrados em todo o território brasileiro e nos diferentes níveis do espectro social. Embora não existam estatísticas confiáveis, uma vez que o censo brasileiro não permite o registro de identidades étnicas, apenas de identidades raciais, as estimativas do número de ciganos no Brasil variam de 800 mil a 1 milhão, números que não devem ser vistos como reflexos diretos de realidades demográficas ou indenitárias, mas sim como um artefato discursivo que reflete a busca de afirmação e o reconhecimento dos ciganos como parte integrante da narrativa nacional brasileira.

---

<sup>8</sup> As minorias étnicas são grupos que apresentam entre seus membros, traços históricos, culturais e tradições comuns, distintos dos verificados na maioria da população.

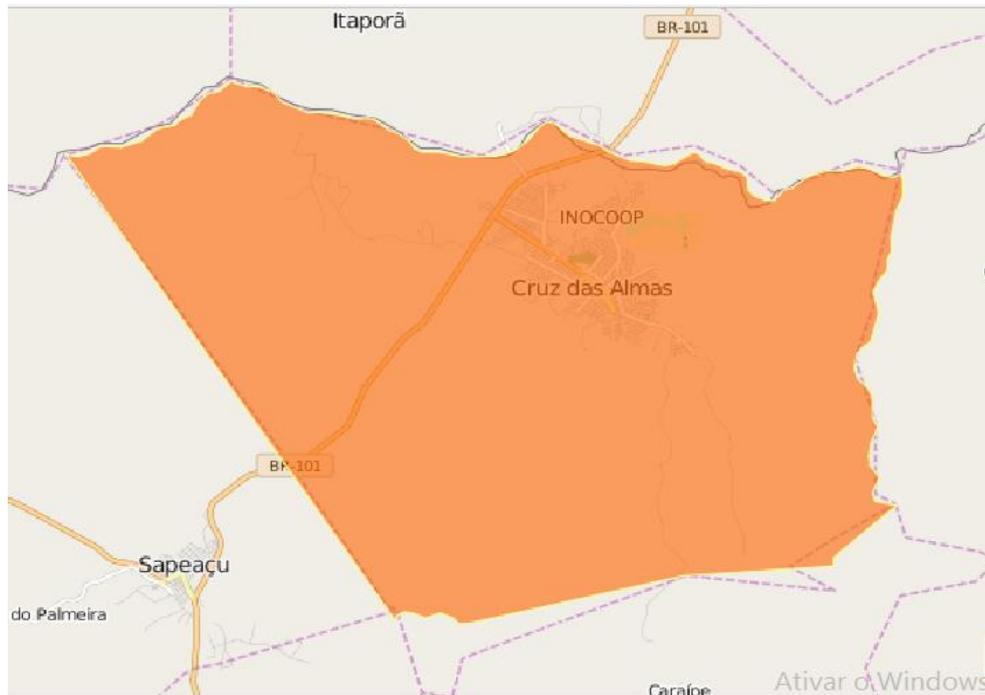


## 2- Mapa das comunidades ciganas por município-Brasil-2011.

Fonte: SEPPIR- Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social.

### 1.3 Conhecendo a cidade estudada

Cruz das Almas é um município brasileiro do estado da Bahia, localizada no Recôncavo Sul, distanciando-se 146 quilômetros da capital do Estado, Salvador, a qual liga-se pela BR-101 e BR-324. De acordo com o censo 2014 (IBGE), sua população estimada em 2015 era de 64.197 habitantes, sem contar cerca de 15 mil moradores flutuantes que residem na cidade durante o período de estudos.



3- Mapa de Cruz das Almas.

Fonte: IBGE 2010: Censo iconográfico / dados gerais. <http://cod.ibge.gov.br/NVH>.

Segundo o catálogo do IBGE (2016), o município de Cruz das Almas foi criado no ano de 1897, onde foi desmembrado de São Felix. Segundo a lenda, o nome Cruz das Almas tem origem antiga, dos tropeiros que passavam pela região, que, chegavam a antiga vila de Nossa Senhora do Bonsucesso, encontravam uma Cruz em frente à Igreja Matriz, onde aproveitavam para rezar pelas almas dos seus mortos.

Os primeiros povoadores de Cruz das Almas, vieram de São Félix e Cachoeira, no século XVIII, atraídos pela qualidade do solo. Dentre os pioneiro, destaca-se duas famílias tradicionais Batista de Magalhães e Rocha Passos, descendentes de portugueses e brasileiros.

Os iniciadores plantaram cana-de-açúcar, construíram engenhos e arraial no grande planalto, a margem da estrada real, que partindo de São Felix, se dirigia ao Rio de Contas e em seguida para Minas Gerais e Goiás. O arraial pertencia até então a São Felix. A capela foi elevada depois a freguesia com o nome de Nossa Senhora do Bonsucesso da Cruz das Almas, em 1815. Até o fim do Império, pertencia à freguesia de Outeiro Redondo. Após nove anos da proclamação da República, obteve independência. Assim, o arraial foi elevado à categoria de vila e município em 1897. Sendo assim, no século XIX finalmente a cidade de Cruz das Almas veio a se tornar município, ficando autônomo pela Lei Estadual nº 119, de 29 de julho de 1897.

Quanto à economia atual, podemos destacar que a mesma é voltada para a agricultura, tendo como principais a plantação de laranja, fumo, limão tahiti e mandioca. Existem ainda várias indústrias e distribuidoras nacionais, sendo estas exportadoras de produtos para diversos países. Cruz das Almas é conhecida como a “capital do fumo” por ser a maior produtora de tabaco da Bahia e possuir inúmeras indústrias voltadas para essa cultura. A cidade é uma das maiores exportadoras da América Latina, distribuindo mais de 1000 toneladas de fumo por ano para países de todo o mundo.

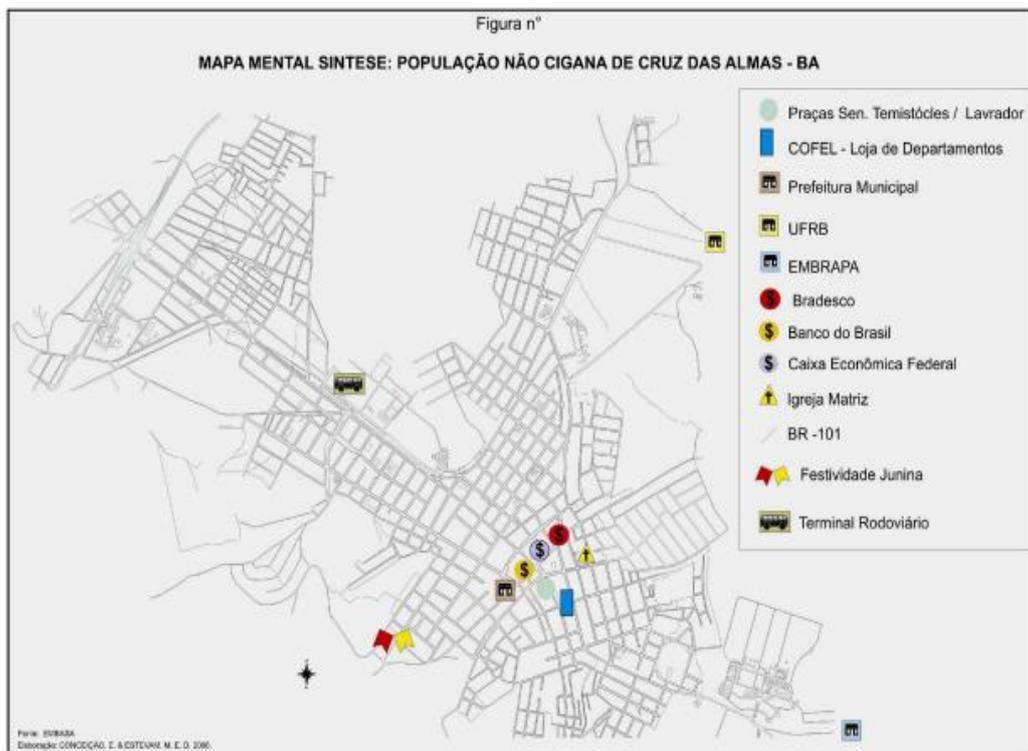
Com relação à economia cigana em Cruz das Almas podemos citar Estevam (2008), onde o mesmo afirma:

As atividades econômicas dos ciganos reportam-se ao espaço urbano, haja vista que estes, exercem o papel de agentes financeiros informais, com seus empréstimos a juros extorsivos, que na realidade local, tornaram-se comuns, porém não deixando de possuir o seu caráter ilegal, as praças são verdadeiros pontos de negócios para eles, formando para sua clientela espaços destinados a quem deseja realizar algum empréstimo ou negócio com ciganos.

Já quanto aos negócios relacionados ao solo urbano, Estevam (2008) destaca:

Os negócios realizados com o solo urbano foram observados com maior intensidade na cidade de Governador Mangabeira que em Cruz das Almas, pois nesta última os valores dos imóveis requerem um investimento alto, transformando o capital de giro dos empréstimos em capital fixo, diminuindo a capacidade de fornecimento de crédito por parte dos ciganos.

Já no setor secundário destaca-se o polo industrial calçadista e têxtil, que abriga filiais de empresas do ramo. No setor terciário, a cidade possui várias redes de serviços, grandes cadeias de lojas, além de possuir cinco agências bancárias. O mapa abaixo, por ser antigo apresenta apenas 3 agências bancárias, porém, este foi o único mapa que encontrei destacando o setor econômico.



4- Mapa do setor econômico de Cruz das Almas.  
 Fonte: CONCEIÇÃO, E; ESTEVAM, M. E.

Após conhecermos melhor sobre a cidade pesquisada, iremos imergir num pequeno histórico do cristianismo e dos ciganos.

#### 1.4 Pequeno histórico do cristianismo e dos ciganos

Existem muitas versões sobre a origem do povo cigano e também em relação ao seu modo de vida, sendo assim, podemos dizer que existem várias ciganidades. No entanto, os ciganos compõem diversos grupos, como rom, sinti ou manuche, romanichal e calon, com origens múltiplas, Egito, Turquia, Índia, sendo esta última a mais aceitável pelos pesquisadores. Existem maneiras de ser e estar no mundo que variam de acordo com sua historicidade e localização geográfica. Nesse sentido, minha pesquisa se refere a um grupo específico – o grupo Calon, situado no município de Cruz das Almas, Bahia.

Considerando que os ciganos tendem a absorver a cultura do lugar onde estão inseridos, e com vista a contribuir para o debate, busco contextualizar o meu trabalho. Nesse sentido, é importante frisar que a pesquisa se dá no Recôncavo Baiano, onde o que mais prevalece são as religiões católicas e as de matrizes africanas. E por esse

motivo, iremos perceber no decorrer do trabalho que os ciganos que hoje estão se convertendo, outrora pertenciam nominalmente a religião católica, porém, também frequentavam as religiões de matrizes africanas. É na verdade aquela conhecida dualidade do sincretismo “afro-católico”.

E com relação a essa conversão, podemos resgatar através da história que o cristianismo adentrou no Brasil por volta do século XVI, foram os franciscanos os primeiros a chegarem ao Brasil para evangelizar. E foi exatamente nessa época que se deu a maior disseminação do cristianismo pelo mundo, justamente na época colonial. Porém, atualmente com a globalização a disseminação torna-se transnacional e ligada em redes, facilitando a sua distribuição pelo espaço mundial. Nesse contexto, (Sarró et al., 2008, 839 afirma:

Se antigamente o cristianismo embarcava nas costas portuguesas e cruzava o oceano para chegar às costas da África e a América para evangelizar os povos que ia encontrando, hoje os «caminhos do Senhor» são muito mais inextricáveis: há cristianismos que vêm da África para a Europa e a América, outros que vão da Europa para a África, e outros que vão da América para a África e a Europa.

Para Guimarães (2012, p.175), existem analogias sobre os primórdios do cristianismo e o movimento cigano, o mesmo salienta:

Encontramos analogias entre os primórdios do cristianismo e o movimento cigano. As primeiras comunidades cristãs eram não-territoriais com um senso de comunidade ancorada nos fieis e não no território. Os primeiros cristãos eram considerados “templos do Deus vivo” e se opunham a uma rígida e fechada hierarquia adotando o discurso da universalidade, assim como os ciganos clamam o lema “o Romanistão vive em nossos corações”, como pátria móvel e global.

Todavia, não era apenas nos primórdios do cristianismo que os cristãos se viam como “templo do Deus vivo”. Atualmente nas igrejas protestantes todo membro se vê também como “templo do Deus vivo”. Ou seja, Deus não está na igreja “Física”, mas sim dentro de cada um que serve a Deus e seus ensinamentos, eles costumam falar que são a igreja do Senhor.

Os estigmas que perseguem os ciganos tentam mistificar a cultura cigana, colocando-a como propensa a mentira, a bebidas alcoólicas, a jogos de baralho, ao cigarro. Ou seja, todas as práticas que são extremamente condenadas pela fé protestante. Sendo assim, muitas pessoas acabam não acreditando que um cigano pode se converter ao protestantismo. Todavia, no decorrer do trabalho iremos

perceber como a conversão religiosa influenciou na vida desses ciganos, mais precisamente na manutenção e atualização da identidade étnica cigana, uma cultura marginalizada e estereotipada pela sociedade há séculos.

Segundo Fazito (2006), o nome “cigano” foi um estereótipo elaborado, embasado em representações coletivas provadas por indivíduos de diferentes tradições culturais ao longo de séculos de relação.

Ele ainda cita alguns estereótipos dos ciganos na Europa como *bohemians, egyptians, gypsies, heathens tsiganes e zigeuners*. Quanto à forma nômade de ser dos ciganos, o autor destaca que advém de constantes perseguições e exílios sofridos pelos mesmos em tempos passados, muitas vezes usando de violência.

Isso também é confirmado por Mendes (2005, p. 361).

(...) nas investigações sobre ciganos nas últimas décadas: o de «exclusão social». Associando a pobreza, a segregação espacial e cultural e o déficit de escolarização como *factores* mutuamente alimentados e reproduzidos, denuncia-os como alvos fáceis de discriminação e rejeição social — ou, numa lógica simmeliana, «estrangeirização».

Frans Moonen (1996, p. 123) em “A história esquecida dos ciganos no Brasil” fala sobre os primeiros ciganos a virem para o Brasil, já no século XVI:

O primeiro documento português que trata da vinda de ciganos para o Brasil data de 1574, nele consta que o cigano João de Torres foi preso e condenado a galé e que sua mulher Angelina deveria deixar o país dentro de dez dias. Alegando, no entanto, “era fraco e quebrado e não era para servir em coisa de mar e muito pobre, que não tinha nada de seu”, pediu para poder sair do Reino, ou então que pudesse ir para o Brasil para sempre. O pedido foi deferido e a pena foi mudada para “cinco anos para o Brasil, onde levará sua mulher e filhos”. Não se sabe, porém, se ele realmente embarcou, se aguentou a longa viagem marítima, se chegou ao seu destino, nem onde desembarcou, ou seja, nada se sabe do destino dele e de sua família. É possível que ele nunca tenha chegado ao Brasil, e que outros ciganos tenham chegado antes dele.

Os ciganos nessa época já eram vistos como uma ameaça à sociedade europeia, como podemos ver na citação acima, alegam um motivo banal para o degredo de João e sua família, apenas por ele ser pobre ele teria que ser condenado, isso está nos documentos encontrados em Portugal, porém, na realidade não sabemos se essa família realmente chegou ao Brasil.

De acordo com Ferrari (2002), alguns lugares são referenciados como origem do povo cigano, partindo de um ideário ocidental, é apresentada como locais de origem cigana, o Egito e a Índia, mais esses locais não são citados por acaso, pois são lugares que foram construídos como um ideário de terras exóticas e estranhas. Em muitas literaturas do início do século XIV, os escritores fazem menção a grupos de acrobatas e malabaristas de origem egípcia que transitavam na atual região da Europa, daí o termo *Egyptian*, que parte de uma crença histórica que os ciganos teriam habitado a região do Pequeno Egito na costa Peloponesa. Tempos depois, no final do século XIX, a partir de pesquisas linguísticas, essas indicariam a Índia como 'origem dos ciganos', afirmando que eles só poderiam ter alcançado a África pela Espanha, conseqüentemente, após cruzar toda a Europa.

Guimaraes (2012, p. 17), também fala sobre a origem indiana dos ciganos e como aconteceram as primeiras conexões:

O primeiro registro na Europa da conexão entre ciganos e a Índia foi feita em 1760, na Holanda, pelo estudante de teologia húngaro Vályi Stefán na Universidade de Leiden. Stefán notou similaridades entre o idioma sânscrito, falado por três estudantes indianos que estavam na mesma universidade, e a língua falada pelos ciganos de sua terra natal, Giör, com quem aprendera algumas palavras. Nos anos subsequentes, alguns pesquisadores europeus, como Rüdiger (1782) e Grellman (1783) começaram a estudar o romani e a sugerir de forma dedutiva que os ciganos teriam parentesco com os indivíduos do subcontinente indiano. O estudo se intensificou e foram formuladas diversas hipóteses sobre a origem dos ciganos.

Guimaraes (2012), na sua tese de doutorado, ainda afirma que o professor de linguística e ativista Ian Hancock, um dos pesquisadores mais dedicados a esse tema da origem cigana, supõe que os ancestrais dos ciganos teriam sido membros de uma casta militar que deixou a Índia durante o primeiro quarto do século do segundo milênio em resposta a uma série de invasões Islâmicas. Courthiade vai além e afirma que os primeiros ciganos que chegaram a Europa sabiam de sua origem indiana e que só depois o mito da origem egípcia começou a circular (2004, p.105)<sup>9</sup>.

Nesse sentido, podemos citar várias pátrias que poderiam ser aquela que deu origem aos ciganos, todavia, não existem certezas sobre a real história desse povo que pouco valoriza a escrita, mas, ótimos na história oral, algo normal para um povo

---

<sup>9</sup> COURTHIADE, Marcel. "Kannau3 on the Gnges, cradle of the Rromani people". In: Kenrick, Donald. *Gypsies: from the ganges to the Thames*. University of Hertfordshire Press, 2004, pp. 105-124.

que sofreu uma diáspora. Porém, pela ausência de textos escritos fica difícil ter certeza ao afirmar qual a origem desse povo que migra de um lado para o outro, principalmente pelas perseguições sofridas. Todavia, os ciganos calons de Cruz das Almas - BA, afirmam com toda certeza que vieram do Egito, isso foi passado de geração em geração, tornando assim a verdade para eles, com exceção dos ciganos que estudaram a história da sua etnia e acreditam que possivelmente, vieram da Índia. Dessa forma temos duas versões, a versão tradicional, que é passada de pai para filho e outra erudita, com a qual eles entram em contato quando buscam referências históricas oficiais.

O estereótipo cigano é bastante conhecido em todo o mundo e não é diferente na cidade de Cruz das Almas - BA. Os ciganos são bastante marginalizados pela sociedade, identificados como: ladrões, trapaceiros, agiotas, violentos e leitores de sorte e fedidas (as mulheres ciganas), que se destacam pela vestimenta e pelo conhecimento de enxergar o futuro lendo as linhas das mãos, uma tradição que perpassa de geração a geração há muito tempo. As Calins<sup>10</sup> costumam chamar a atenção apelidando os supostos “clientes” de “moça bonita” e “moço bonito” com o intuito de agradar, tendo como objetivo adquirir algum dinheiro através da leitura da mão, na venda de figas (para dar sorte) ou até mesmo rezando a pessoa para tirar o mal olhado.

A discriminação sofrida pelos ciganos, principalmente pelas mulheres, que são facilmente reconhecidas pelas suas vestimentas é espantosa. Segundo Moscovici (2009) a discriminação de categorias de grupos, denominada de estereótipos, como as categorias de brancos e negros, ciganos, cristãos, judeus, indígenas, alemães etc.- representa uma forma de reconhecer os “semelhantes” como favoritos e os “diferentes”, como desprezível, ou seja, se faz acepção dos que não são iguais a nós.

No entanto, Ana Paula Soria (2008, p. 18) enfatiza:

Através de ofícios, leis, documentos, notícias, estudos antropológicos e literários, os romà viram legitimadas suas perseguições e testemunharam a criação do estereótipo “cigano” que acarretou dolorosas sequelas identitárias. Desta forma, os romà ainda desconfiam da letra impressa, porém, souberam fazer da linguagem uma das fortes armas para manterem, tanto quanto possível, a coesão dos diversos grupos que constituem a etnia. Atualmente a língua romani é configurada por vários dialetos devido à divisão e a dispersão dos grupos por diferentes países e continentes e esta realidade é um dos fortes aspectos de manutenção da identidade.

---

<sup>10</sup> Calin são as mulheres ciganas.

Hilkner (2012), em seu artigo "Ciganos: um mosaico étnico" ressalta que quando falamos em ciganos, vem logo em mente, um arquétipo e um estereótipo, no entanto, isso deve ser desconstruído já que existem vários grupos, subgrupos e uma diversidade de situações. Podemos citar três grandes grupos ou "*natsias*": *Natsia Rom*, *Natsia Sinti* ou *Manouch* e *Natsia Calón*. Ressaltando que Hilkner, não cita o grupo romanichal, que vive principalmente no mundo saxão e por vezes remete a origem a Hungria.

Para Mota (1987) apud Hilkner (2012, p. 4), os *Calóns* foram os primeiros a migrarem para o Brasil, já no século XVI, os Rom migraram só em meados do século XIX, já os ciganos *Sinti* ou *Manouch*, migraram para o Brasil, vindos da Turquia a partir do final do século XIX. A dança, uma característica marcante dos ciganos, tem uma expressão divina, sendo Deus multifacetário, representando também uma personificação dos fenômenos naturais. As danças podem ser consideradas rituais que servem como instrumentos de manutenção das tradições e poderoso ponto de união entre os membros do *clã* e as divindades.

Contudo, após conhecermos um pouco da história do cristianismo e dos ciganos, iremos mergulhar nos conceitos trabalhados no decorrer da pesquisa.

### 1.5 Conceitos importantes

Neste subitem falarei um pouco sobre os conceitos importantes para o entendimento da dissertação, sendo assim, iniciarei com o conceito de identidade, identidade étnica, ciganidade, calonidade, assim como, mobilidade e trânsito religioso como sinônimo da conversão religiosa.

O conceito de identidade é muito pertinente no meu trabalho, apesar de preferir o termo calonidade, acho interessante falar sobre ele. Podemos citar um clássico que fala sobre essa temática, o grande Fredrik Barth (1998), onde segundo a concepção que ele apresenta, a identidade e a etnicidade são muito mais dinâmicas e não tão engessada como outros autores colocam. Ele fez questão de falar que as divisões étnicas são constantes reproduzindo-se e sendo estabelecidas. Para Barth a identidade se estende por vários princípios e esses princípios são compartilhados pelo grupo, fazendo com que os indivíduos se identifiquem como iguais pertencentes a determinado grupo.

Tomamos a identidade étnica enquanto forma de identificação social baseada na atribuição e auto atribuição, através da qual se criam e mantêm fronteiras em relação a outros grupos com os quais se interage. Optamos desse modo, por abordá-la enquanto uma característica da organização social da diferença. Um grupo étnico persiste na medida em que se mantem as diferenças culturais entre eles e as demais coletividades com as quais se relaciona. Mas para ter continuidade, um grupo étnico precisa ser capaz de se transformar na medida em que mudam as diferenças culturais definidoras das fronteiras. Estas últimas dependem de uma combinação entre os novos recursos materiais e simbólicos disponibilizados e as categorias classificatórias que lhe servem como referência. (BARTH, 1998).

Quando a identidade étnica é um estigma social (GOFFMAN, 1988), o domínio da impressão impõe-se como uma preocupação constante dos atores. Eles podem desenvolver táticas e estratégias para minimizar a importância da identidade étnica num determinado contexto interativo (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998).

Entretanto, já que falamos de identidade étnica, não podemos deixar de falar sobre o estudo da etnicidade. Nesse sentido, podemos citar Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.117) os autores ressaltam que:

Estudar a etnicidade consiste, então, em inventariar o repertório das identidades disponíveis em uma situação pluriétnica dada e descrever o campo de saliência dessas identidades nas diversas situações de contato. A análise situacional da etnicidade liga-se ao estudo da produção e da utilização das marcas, por meio das quais os membros das sociedades pluriétnicas identificam-se e diferenciam-se, e ao estudo das escolhas táticas e dos estratagemas que acionam para se safarem do jogo das relações étnicas. Entre essas táticas figuram especialmente a alternância de identidades (identity switching), o domínio da impressão e os processos de alter-casting que permitem atribuir um papel étnico ao outro.

Esta citação acima ressalta com muita clareza o estudo de etnias e situações pluriétnicas, situações essas que trabalhei na minha pesquisa, teremos a etnia cigana e suas fronteiras em um meio evangélico. Os autores também falam de comutação de identidade, comutação essa que significa troca, transformação, substituição, metamorfose. E na verdade é isso que muitas vezes acontece entre os ciganos convertidos e os evangélicos, ocorrem trocas através da sociabilidade, ocorrem também transformações, substituição de valores, lógico que isso também vai

dependem de cada indivíduo, pois a conversão é individual e assim como qualquer indivíduo a transformação vai depender de cada um.

Joana Zatz Mussi (2012), na sua tese de doutorado denominada “O espaço como obra: ações, coletivos artísticos e cidade” destaca Judith Butler e ressalta que a identidade calon não é fixa e nem essencial, mas se atualiza, é um processo de “fazer-se calon”, coloca a “calonidade” como uma performance contínua, como uma identidade que se atualiza. E por concordar com Judith, eu acho interessante trabalhar com o termo “calonidade”. Porém, alguns pesquisadores, como Mário Igor Shimura (2016), no seu artigo “Identidades Ciganas no Brasil”, faz questão de ressaltar sobre conceito de ciganidade. O termo ciganidade tem sido amplamente utilizado na ciganologia brasileira, geralmente como sinônimo para “identidade” e/ou “cultura cigana”.

No entanto, como a minha pesquisa é voltada para os ciganos calons do Recôncavo Baiano, e o termo calonidade faz um encaixe perfeito nesse trabalho, preferencialmente utilizo esse termo como sinônimo de identidade. Ferrari (2010), aponta que:

...a ideia mesma de ‘essência calón’ inexistente, na medida em que a calonidade é entendida como um processo de ‘fazer-se’, de ‘fazer aparecer’. A performance das emoções é, nesse sentido, constitutiva do modo de ‘fazer-se calon’ que deve ser mostrado, compartilhado” (Ferrari, 2010, p. 174-175).

Nesse sentido, os calons estão se atualizando constantemente, não é uma identidade fixa, ela é mutável, na verdade não podemos chamar de identidade calon, mas sim de calonidade, calonidade que não é mesma entre os calons no geral, que cada grupo pode ter a sua calonidade específica, independente de se auto denominarem calon.

Finalizando os conceitos importantes, iremos conhecer um pouco sobre a “mobilidade” e “transito” religioso, como sinônimo de conversão religiosa. Para Almeida e Monteiro (2001), quando falamos em “mobilidade” e “transito” religioso, termos que estão relacionados não as pessoas migrantes, mas também aos ritos, conteúdos e símbolos. Segundo os autores o transito religioso se desdobra em dois movimentos, sendo o primeiro ligado a circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas; e o segundo ligado a metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposição, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas, objeto preferencial dos estudos antropológicos.

Dessa forma, a minha pesquisa mostra os impactos contemporâneos da mobilidade e transito religioso junto a um grupo de características tidas como muito “tradicionais”, como os ciganos.

Os ciganos têm, ao longo da sua existência enquanto grupo étnico, adaptado as suas crenças as religiões dos países que os recebem. No entanto, existe certo ecletismo nas suas concepções e práticas religiosas que comporta alguns elementos de sua cosmologia e visão de mundo (SANTOS, 2001). Na Espanha e em Portugal a conversão dos ciganos ao pentecostalismo tem ocasionado uma proposta identitária alternativa aos movimentos tradicionais promovidos pelas associações laicas, bem como incorporou e reproduziu dinâmicas particulares relacionadas à mobilidade e ao modo de vida cigano (BLANES, 2012).

#### 1.6 Método de Pesquisa

A metodologia utilizada nessa investigação é de cunho qualitativo, lançando mão das técnicas de observação participante<sup>11</sup>, diário de campo e entrevistas semiestruturadas, frisando que as entrevistas eram sempre individuais. As observações participantes ocorreram no município de Cruz das Almas/BA, junto à população não cigana e cigana convertida e não convertida ao protestantismo. Foram identificados e selecionados informantes chaves (ego) e pessoas a serem entrevistadas sobre os temas da pesquisa, bem como produzir registros visuais (fotografias) dos diferentes momentos do processo de pesquisa. As entrevistas foram guiadas por um conjunto de tópicos relativos à identidade étnica cigana, a conversão dos ciganos ao protestantismo e suas implicações. É muito importante destacar que todas as pessoas entrevistadas nesse estudo foram identificadas por codinomes, com o objetivo de preservá-las e por questões éticas.

Na minha pesquisa, eu utilizei na inserção do campo apenas a observação participante, porém, eu fui me aproximando aos poucos para evitar um choque por parte dos meus interlocutores. Eu dei início à observação participante em 13-02-2016, essa observação aconteceu na Iª Igreja Batista de Cruz das Almas. E logo de início eu pude perceber a existência de um grupo de ciganos que sempre sentavam juntos, todavia, observei muita curiosidade por parte dos membros da igreja no geral. Entretanto, no final do culto eu procurei as ciganas evangélicas e me identifiquei como

---

<sup>11</sup> Na “observação participante” utilizo ideias de Velho, 1978, Malinowski, 1922, e entre outros.

estudante, e as mesmas foram bastante solícitas, carinhosas e prestativas, muito diferente das outras ciganas não-evangélicas que eu conheço. Algumas me abraçaram disseram que poderia contar com elas, fiquei até surpresa com a recepção, pois eu achei que seria muito difícil a inserção no campo, já que eu iria trabalhar com outra etnia. As observações foram no total de 45 dias, sendo que, esses dias foram divididos entre as observações na I<sup>a</sup> Igreja e no Templo Batista.

Nesse sentido, a técnica de observação participante, sem dúvida é essencial para as pesquisas dos antropólogos. Cardoso (1986) faz uma ressalva a respeito da observação participante, afirmando que devemos valorizá-la e por termos certo compromisso com ela, precisamos saber no íntimo sobre a sua utilidade. A autora também salienta que observação participante, na época em que o forte era objetividade e a neutralidade axiológica, passa a ser participação observante com a valorização do método qualitativo. Ela destaca ainda que essa técnica passa de adjetivo para substantivo nesse caso. No decorrer das observações participantes, pude entrar em contato com as ciganas evangélicas na igreja. Acredito que para mim foi mais fácil essa aproximação, devido a minha opção religiosa, já que faço parte da mesma religião e comungo dos mesmos princípios. Elas não me viam como pesquisadora, mas sim como uma irmã da igreja, alguém que elas podiam confiar. Contudo, entre os homens percebi muita desconfiança, ficaram um pouco afastados e só observando. As ciganas se mostraram muito solícitas, em pouco tempo de observação, consegui uma informante-chave que se disponibilizou em dar entrevistas, disse onde morava e que as portas da casa dela estariam abertas para mim, foi a cigana Cassandra. Durante as minhas pesquisas fiz entrevista semiestruturada com todos os meus interlocutores, foram realizadas 25 entrevistas, tendo em média de 20 a 45 minutos de duração. Entre os entrevistados, estão os ciganos evangélicos e não evangélicos e não ciganos evangélicos e não evangélicos. Nesse sentido, Flick (2004, p.99) ressalta que “uma meta das entrevistas semiestruturadas em geral é revelar o conhecimento existente de modo a poder expressá-lo na forma de resposta, tornando-se, assim, acessível à interpretação”.

Porém, Da Matta (1978), destaca que o exercício do ofício ou podemos chamar de rotina, é um mal necessário, não temos como fugir dele, por mais que tentemos. O autor ressalta que devemos transformar o exótico no familiar e o familiar no exótico uma vez inseridos no campo social, seriam essas duas transformações do ofício do etnólogo. Todavia, em outro momento ele fala que o exótico nunca pode passar a ser

familiar e o familiar nunca pode ser transformado em exótico. Porém, quando o etnólogo começa a se familiarizar com uma cultura diferente, ele tende a adquirir competências nessa cultura, tornando o trabalho mais fácil e legítimo. Foi isso que eu tentei fazer no meu campo social, torna-lo familiar para mim, principalmente nos “ranchos”<sup>12</sup> dos ciganos e no caso dos cultos evangélicos torna-los exóticos.

No meu campo social familiarizei com alguns termos ciganos, como Jurin, juron, burnin<sup>13</sup>, burnon<sup>14</sup> que respectivamente significam mulher não cigana, homem não cigano, é como eles tratam pessoas estranhas a sua etnia. Mesmo tentando me familiarizar sempre existiu uma fronteira que nos separava, pois nunca conseguirei ser uma cigana e as ciganas nunca conseguirão ser uma jurin. Muitas vezes quando eu pegava carona com os ciganos evangélicos, pois são bastante prestativos, eles falavam em sua língua (o chibi) tranquilamente, já que sabiam que eu era uma jurin e não dominava a língua deles. Essas estratégias usadas pelos ciganos reforçam a sua identidade, a meu ver, e servem também como uma fronteira que separa jurin de cigana e juron de ciganos. Mesmo tornando-se evangélicos eles conseguem ser um grupo diferenciado dos demais da igreja.

Por eu ser evangélica, tentei fazer certo estranhamento das questões evangélicas e me familiarizar com os termos ciganos que aos poucos conheci e compreendi os significados e olhar as questões evangélicas com distanciamento, porém, essa foi uma tarefa muito difícil. Todavia, como Da Matta afirma no final do seu trabalho, o familiar nunca pode se tornar exótico, por isso que esta tarefa foi bastante desafiadora.

Da Matta ainda brinca, dizendo que o antropólogo tem o seu lado “romântico” do trabalho, quando o mesmo precisa fazer o papel de contador de história, mediador entre índios e FUNAI, cozinheiro, médico. Enfim, podemos nos transformar em tantas coisas que nem imaginamos, ao estar inseridos no meio social, sendo como uma caixinha de surpresa que nos deparamos a cada dia de pesquisa. No meu campo social, muitas vezes fui fotógrafa de casamentos, onde devido à condição financeira os ciganos não poderiam pagar um fotógrafo profissional. No entanto, como eu estava sempre com uma câmara fotográfica, eles me consideravam uma fotógrafa naquele

---

<sup>12</sup> Os ranchos seriam os acampamentos ciganos.

<sup>13</sup> Burnin seria mulher não cigana.

<sup>14</sup> Burnon seria homem não cigano.

momento, onde as ciganas me orientavam como queriam as fotos e me chamava de um lado para outro para registrar os diferentes momentos da festa.

Na minha pesquisa utilizei as linguagens visuais, como o uso de fotografias, em diferentes momentos, como nos cultos, nas casas e ranchos ciganos, assim como, nos casamentos calons. Saliendo a importância desse recurso, muitas vezes esquecido por alguns autores, mas que pode auxiliar bastante nas nossas pesquisas. Sendo assim, Semain (1998), destaca que sem os meios de comunicação, como a linguagem, a mímica, gestos, fala, escrita não existiriam ciências humanas. Ressalta ainda que nós somos pouco “alfabetizados” visualmente, assim como nas práticas visuais. Nós não costumamos utilizar fotos, vídeos, iconografias, devido ao fato de sermos “alfabetizados” nessa área, desconhecendo a sua importância e não sabendo utiliza-los de maneira correta. Com relação a esse tema, podemos destacar (Burnet, 1995):

As imagens visuais parecem conter não somente mensagens, mas também os mapas necessários para compreender essas mensagens. No momento em que se realiza um tipo particular de investimento da imagem, o contexto da comunicação adquire um significado cada vez maior. O resultado é um tipo diferente de imagem, que depende da especificidade cultura e da história local.

Nesse sentido, as imagens que eu trabalhei descaram a ciganidade dos calons de Cruz das Almas, e as características do estilo de vida protestante. Nesse sentido, eu pude registrar através das fotografias os cultos evangélicos, onde as ciganas louvavam no ministério de louvor das ciganas, onde os ciganos liam a bíblia, levantavam suas mãos como sinal de adoração, fotografei casamentos, as casas dos ciganos, os ranchos. Enfim, as fotografias deram significado a minha pesquisa.

## 1.7 Estrutura da dissertação

A presente dissertação estrutura-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo, está à introdução, destacando os objetivos, métodos da pesquisa e como se deu o meu interesse pela temática estudada. Também estaremos salientando um pequeno histórico do cristianismo e dos ciganos, focando nos estereótipos advindos da Europa

através da migração forçada dos ciganos por meio do degredo português<sup>15</sup>. Ainda na introdução, iremos conhecer os conceitos importantes na pesquisa, e, pôr fim, a estrutura da dissertação trazendo um apanhado geral concluindo assim o primeiro capítulo.

O segundo capítulo é dedicado a conversão religiosa cigana na Europa, destacando a Igreja Filadélfia, situadas em Portugal e também na Espanha, usando principalmente os referenciais de Ruy Llera Blane e Ana Paula Santos. Outrossim, destacarei em escala nacional, a conversão cigana ocorrida na Igreja Batista de Cruz das Almas. Nesse sentido, estarei tecendo reflexões em relação a esses dois contextos de conversão.

No terceiro capítulo abordaremos os estereótipos ciganos transnacionais, focando principalmente os estereótipos conhecidos na Europa, onde destacarei os autores Florência Ferrari, Dimitri Fazito Rezende, Bourdieu, Barth, Guimarães e outros. Avançaremos conhecendo através da pesquisa, como os ciganos são vistos e também como eles se veem em Cruz das Almas, destacando alguns estereótipos locais.

O quarto capítulo versa sobre o casamento cigano no recôncavo, visto como um rito de passagem da infância para a fase adulta. Neste capítulo iremos destacar o casamento ocorrido em Governador Mangabeira e também o casamento ocorrido em Sapeaçu. Destacaremos também como ocorre a articulação, preparação das ciganas e a dinâmica do casamento, assim como, conheceremos a divisão espacial entre homens e mulheres. Neste capítulo também iremos frisar a submissão feminina muito vigente na cultura cigana, onde ao homem tudo é permitido e a mulher só resta ser submissa.

No quinto capítulo, teremos como escopo a conversão religiosa e a manutenção e atualização da identidade cigana. Iremos verificar o que permaneceu da identidade cigana após a conversão e o que mudou com a mesma. Saberemos quais as performances adquiridas pelos ciganos convertidos após a conversão, assim como, apontarei sobre o “empoderamento” singelo das ciganas após a mudança religiosa. Neste capítulo também conheceremos os motivos que levaram esses ciganos a se converterem ao protestantismo e o que o ‘outro’ pensa dessa conversão.

---

<sup>15</sup> Moonen, 1996.

## CAPÍTULO II

### CONVERSÃO EUROPEIA E A CONVERSÃO AO PROTESTANTISMO DOS CIGANOS EM CRUZ DAS ALMAS

O segundo capítulo versa tratar sobre a conversão religiosa cigana ocorrida na Europa, sendo assim, o foco principal será a Igreja Filadélfia, situada na Espanha e em Portugal. Já na escala nacional destacarei a conversão cigana ao protestantismo, na cidade de Cruz das Almas/BA. Tecendo reflexões em relação a esses dois contextos da Europa e do Brasil, isto é, espera-se que o que ocorreu na Europa nos ajude a entender o que está acontecendo aqui com as devidas considerações acerca da particularidade do fenômeno estudado.

#### 2.1 As conversões religiosas: reflexões sobre a Europa e o Brasil

Nesta seção abordaremos a conversão religiosa na Europa, frisando principalmente a Igreja Filadélfia, formada quase exclusivamente por ciganos. Pela Europa abrigar um contingente significativo de ciganos, achei importante falar sobre esse fenômeno que é a Igreja Filadélfia. Como aponta o sociólogo Arthur Ivatts (1975), praticamente quase a metade da população total de ciganos está concentrada na Europa, sendo assim, esse fenômeno ganha a sua acuidade e seu destaque nesse trabalho. Todavia, estarei fazendo reflexões em relação aos dois contextos, a Europa e o Brasil, sendo que neste último, destacarei a conversão cigana em Cruz das Almas.

O fenômeno de inserção e conversão dos ciganos no mundo se deu em um movimento evangelístico num contexto transnacional de evangelização, iniciado deste os anos 50 do século XX, especificamente na Espanha e depois se estendendo para Portugal.

Para Max Weber (1992) a religião é a principal porta de interpretação para o entendimento dos processos culturais mais amplos. Além disso, coloca a religião como um estilo de vida próprio promovido pelo indivíduo, que acaba interferindo na conduta de um grupo ou de uma coletividade, testemunho pelo fato do sujeito weberiano não ser uma entidade isolada, possuindo uma natureza social e cultural.

Neste contexto, pelo fato de alguns ciganos terem se inserido na religião evangélica, isso pode ter influenciado os outros ciganos do meio social em que viviam,

ao perceber a mudança no estilo de vida, interferindo dessa maneira, na conduta de um grupo, ainda que pequeno. Goffman (1985, p. 9) afirma que o papel que os sujeitos desempenham é moldado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros indivíduos e, ainda esses outros também formam a plateia.

A religião também serve para atualizar a identidade cigana e o gosto pela música pode ser um desses elementos de atualização. De acordo com Blanes (2008, p. 58):

[...] Neste sentido, esta forma de categorização e de criação de meios de difusão e circulação de produção musical é, como referíamos, relevante na implantação social – social constituency (James 1999) – da identidade cigana, na medida em que disponibiliza noções concretas e actualizadas de pessoa, tempo (historicidade) e espaço [...]

Blanes no seu livro “Os aleluias” destaca que a implantação do movimento evangélico com ideologias conservadoras, acabava proibindo algumas atividades tidas como mundanas, como a música e o baile. Isso parecia cortar um dos poucos meios de valorização social cigana. No entanto, Blanes resolveu estudar a Igreja Filadélfia e seu sucesso, justamente porque nesta igreja existiam práticas políticas de recepção, através das músicas, discursos e configuração identitárias. Todavia, não foi apenas a familiaridade com a música que levou a conversão dos ciganos em Cruz das Almas, um fator de suma importância e essencial que não podemos ignorar, é o fato de existir um pastor cigano que juntamente com sua esposa acaba influenciando a ida e a conversão dos calons e calins ao protestantismo.

Blanes ainda transcreve uma citação de Clément Le Cossec, um pastor francês da Assembleia de Deus, que tinha uma missão de evangelização de ciganos, o mesmo foi pioneiro e fundador da Mission Évangélique Tzigane (MET): - um movimento religioso transnacional, que serviu de espelho para a criação do movimento evangelístico que acabou gerando a Igreja Evangélica de Filadélfia.

E nessas citações do livro de Blanes, o Clément Le Cossec salienta que a libertação espiritual dos ciganos deu-se inicialmente, pelo fato dos músicos terem começado a improvisar e criar um sincretismo musical para glorificar o Senhor. Em outra citação ele ressalta que o número de músicos teria aumentado com o passar dos anos, porém isso foi de forma espontânea, começaram a levar vários instrumentos que ficaram a serviço de Cristo, formando assim uma bela orquestra, porém, o que o

chamava a atenção era que ninguém conseguia ler as notas de música. E mesmo assim, muito cheios do Espírito, conseguiam compor cânticos, melodias e letras.

Essas citações demonstram a importância da música para a conversão e a permanência dos ciganos na igreja, não só na Europa, mas também na conversão cigana ocorrida, no Brasil, na cidade de Cruz das Almas, pois ela serve um como estímulo a mais para a fixação dessas pessoas no meio evangélico. Eu disse estímulo a mais, pois percebi através das pesquisas que além das músicas ajudarem na conversão cigana, a busca por uma cura, seja espiritual, mental ou física e a grande influência do pastor cigano também é um dos principais estímulos, no caso dos ciganos convertidos em Cruz das Almas.

Todavia, é interessante sinalizar que a música é algo importante na vida cigana, mas ela poderia leva-los para várias outras religiões. O fato desses ciganos estarem se convertendo tem muito mais a ver com as redes de relações que acabam influenciando para que esses ciganos entrem na igreja evangélica e não em uma religião de matriz africana, por exemplo, onde a música é um dos componentes principais nas cerimônias. Mas eles estão indo para uma igreja onde o pastor é cigano e isso faz toda diferença.

Santos (2001, p. 537), enumera algumas regras que os ciganos convertidos em Portugal devem seguir:

Percebida como uma instituição que não lhes foi imposta, mas antes como uma instituição que lhes pertence, administrada por eles próprios, os ciganos convertidos facilmente adoptam as regras ditadas pela Igreja: viver segundo os mandamentos da Bíblia. Na prática, trata-se de uma moral exigente que lhes impõe regras rígidas (sobretudo aos que aceitam o baptismo). Pedem-lhes que não bebam álcool, não usem drogas, nem armas. Rejeitam-se hábitos pouco salutareos como o roubo, o jogo, o tabaco, o adultério e, sobretudo, a violência. Além dessas regras, as mulheres que se baptizam têm umas quantas que lhes são especialmente dirigidas: devem usar apenas saias compridas, as blusas têm de ter mangas, devem ser sempre comedidas, sobretudo durante as festas (não dançar, por exemplo).

Fazendo uma analogia, pude perceber que todas essas regras também devem ser seguidas pelos ciganos calons convertidos ao protestantismo aqui no Brasil. Destacando que as regras são reforçadas para aqueles que foram batizados, esse batismo é como uma confirmação de que a pessoa vai morrer para as vontades do mundo, como as citadas acima por Santos (2001), e vai viver para Cristo, ou seja, viver para a vontade de Deus, seguindo os mandamentos bíblicos.

Blanes (2007a) em seu artigo “Contacto, Conhecimento e Conflito: Dinâmicas Culturais e Sociais num Movimento Evangélico Cigano na Península Ibérica” analisa os cultos evangélicos, enquanto “*significador social*” e a importância dele na experiência religiosa e identitária num movimento protestante entre os ciganos de Portugal e Espanha, nele Blanes afirma que a crença era realizada a partir da possibilidade do contato imediato com o divino através de manifestações do Espírito Santo de Deus. O autor explica a realização cultural local e socialmente implantada, propondo três conceitos “*contato*”, “*conhecimento*” e “*conflito*”. “*Contato*”, pelo fato da ação cultural proporcionar uma interação entre os crentes; O “*conhecimento*” seria a interação e comunicação entre os membros, visto que os mesmos introduzem corpos de ideologias e práticas; Enquanto o “*conflito*” ocorre por conta desses corpos não serem homogêneos, sendo no debate e na oposição que se renovam e reconstroem.

No entanto, é de ligeira importância destacar que nas igrejas ocorre sociabilidade entre ciganos e membros das igrejas evangélicas e que dessas interações são geradas ideologias e essas são refeitas e atualizadas a cada dia. Seguindo esta lógica, tais ideologias acabariam sobrepondo-se a identidade étnica cigana. Neste sentido, BOURDIEU (2006) salienta que a linguagem nunca consegue ser neutra. Em sua formulação, Bourdieu concebe o universo da linguística, como tantos outros espaços de manifestações da cultura, enquanto algo suscetível às interações e à dinâmica do próprio mercado. Sendo assim, um discurso é um produto, o qual tem seu produtor – que está condicionado a produzir um discurso de determinada maneira e seus receptores a auferir.

Ana Paula Santos (2001, p.538), no seu artigo intitulado “Ciganos evangélicos portugueses: a conversão ao pentecostalismo”, fala sobre a conversão cigana ocorrida mais precisamente em Portugal:

A necessidade de coesão familiar é fundamental e tem-se traduzido na conversão de todos os membros do grupo. A solidariedade intraétnica tem igualmente vindo a aumentar para além das divisões familiares. O movimento pentecotista é percebido pelos ciganos convertidos como o factor de unificação que faltava, tornando-se um elemento de identidade étnica. Este novo compromisso religioso parece, portanto, permitir-lhes garantir a reprodução social e reforçar a coesão do grupo. Assim, a resolução de muitos dos problemas que enfrentam tem contribuindo para o sucesso da Igreja.

Ana Paula Santos, afirma que os ciganos de Portugal sentem a necessidade de coesão familiar, e por isso, a tendência é que toda família se converta. No entanto,

entre o grupo de ciganos em Cruz das Almas, nós temos exemplos de apenas uma família que quase todos os membros se converteram ao protestantismo, é o caso da família do pastor cigano. Porém, as outras famílias têm no máximo duas pessoas que são evangélicas, sendo que muitas delas sofrem preconceito da sua própria família pela opção religiosa.

Todavia, Santos (2001), assegura que a resolução dos problemas que os ciganos enfrentavam em Portugal, tem contribuído para o sucesso da igreja. Dessa forma, vindo para o contexto brasileiro, isso é confirmado pela minha pesquisa, já que ouvi testemunhos ou relatos de curas de câncer, de livramento de morte, cura de depressão, fim nos problemas conjugais, cura de vícios como drogas e bebidas alcoólicas. E por esse motivo a igreja aqui no Brasil também tem tido sucesso.

Segundo Santos (2001, p. 532), os ciganos em Portugal, estão deixando de ser itinerantes para viver uma vida sedentarizada, como podemos constatar abaixo:

Se, num primeiro tempo, os ciganos tinham sido bem recebido noutros países, entram em Portugal precedidos pela sua má reputação de ladrões, mentirosos e maus cristãos, o que se traduzirá, ao longo dos séculos, por sucessivas interdições de entrar, persecuções e até massacres. Desenvolveram conseqüentemente um forte nomadismo, que se atenuou, porém, nestas últimas décadas. O sedentarismo parece ser actualmente a nota dominante entre as comunidades ciganas portuguesas.

Santos (2001), salienta que os ciganos tem se tornado sedentários, porém, no meu ponto de vista eles continuam sendo nômades, porém esse nomadismo tem se atualizado. O nomadismo pode não está se mostrando pelo fato de estarem acampando em vários lugares diferentes, mas o nomadismo está presente de outras formas, como mudar várias vezes de residência, ir pregar o evangelho em outra cidade, viajar muito com as missões. Então, pelo fato dos ciganos evangélicos de Cruz das Almas estarem morando na cidade, não significa que eles são sedentários.

Santos (2001, p. 538), destaca o desafio da Igreja Filadélfia em se adaptar a cultura cigana, já os ciganos não negam a sua origem, como podemos ver na citação abaixo:

Quanto à Igreja Evangélica de Filadélfia, se é verdade que ela tem a sua origem num movimento evangélico mais vasto, teve igualmente que se adaptar à cultura cigana. Isto é particularmente visível ao nível das práticas religiosas, durante as quais os fiéis exprimem categoricamente o seu desejo de permanecer ciganos. Que este novo

compromisso, assumido por grande número de ciganos portugueses, seja portador de um novo compromisso cultural, parece bem visível. No entanto, este duplo fenómeno não significa rejeição da cultura cigana; pelo contrário, o desejo de ser cigano persiste e, de certo modo, de forma bem determinada. Embora culturalmente tenham mudado, esta Igreja evangélica permite-lhes largamente a manutenção da identidade cigana.

Da mesma forma como os ciganos da Igreja Filadélfia, não negam a sua origem e a sua cultura, os ciganos calons de Cruz das Almas também não negam o seu pertencimento cultural, sendo que os mesmos se autodenominam ciganos evangélicos.

## 2.2 Os ciganos do Recôncavo Baiano

A presente sessão será iniciada com a apresentação de como vivem os ciganos calons no recôncavo, posteriormente farei menção a um pequeno histórico do protestantismo, logo em seguida, apresentarei minha experiência como pesquisadora, assim como, destacarei a conversão religiosa em Cruz das Almas.

### 2.2.1 Como os ciganos vivem no Recôncavo

O grupo calon de Cruz das Almas é formado por núcleos familiares ligados por relações de parentesco. Isso foi comprovado através das minhas visitas de campo, nas quais já que pude perceber que na casa de Luzia, uma cigana evangélica, moram ela, o seu esposo, os seus dois filhos e a sogra, que hoje se encontra em uma situação de viuvez. Luzia é a única que ainda segue a tradição de morar em barracas. Na outra barraca, situada ao lado, moram o seu cunhado, a sua concunhada, e os dois filhos do casal.



5- Casa de uma das ciganas evangélicas do Templo Batista.

Outrossim, através das visitas de campo, pude perceber que os ciganos são bastante unidos, e costumam viver sempre próximos a família, seja no mesmo terreno ou no mesmo bairro. Esse pequeno acampamento na cidade de Cruz das Almas é murado, sendo que no interior existem duas barracas montadas, uma para cada núcleo familiar.

Ao entrar naquele pequeno terreno, onde estão montadas as barracas, eu fui muito bem recebida, logo ao adentrar, uma senhora colocou uma cadeira de plástico e disse: - Fique à vontade, vou chamar a Luzia. Comecei a fazer algumas perguntas para concunhada de Luzia, perguntei sobre a vida dela e percebi que a mesma estava frequentando a igreja evangélica, porém, a sua concunhada disse que é sem muito compromisso, ela fala que gosta dos louvores evangélicos e por isso vai à igreja.

Logo após, pedi para conhecer o interior da sua casa, e fiquei surpresa, já que são barracas bem divididas, com cortinas improvisadas com tecido e muito bem organizadas. Logo no início da barraca tem a cozinha, com fogão, geladeira, baterias<sup>16</sup> e as panelas bem arriadas que brilhavam como novas. Depois da cozinha tem a cortina que separa o quarto de uma pequena sala com o rack e a televisão. As ciganas fazem questão de manter tudo muito limpo e arrumado.

<sup>16</sup> Lugar onde se pendura as panelas.



6- Casa da concunhada da cigana Luzia.

Na outra barraca, da cigana Luzia, também existiam divisões muito parecidas com a da primeira. No entanto, a cozinha com fogão, geladeira e a bateria de alumínio ficava ao lado da sala, na qual tinha a televisão e uma cadeira de plástico. A cortina dividia esses dois cômodos, no quarto estavam duas camas de casal, numa cama dormia Luiza e seu esposo e na outra os seus dois filhos e sua sogra. Pois essa senhora é viúva, e segundo a tradição cigana quando a mulher fica viúva, ela passa a morar com um dos seus filhos.

A questão da viúves é bastante radical, segundo as ciganas quando a mulher fica viúva ela precisa juntar todas as roupas e móveis e queimar, ela fica sem nada, algumas pessoas falam que nem tudo elas queimam, vendem todos os pertences para conseguir algum dinheiro. Á partir do momento que a mulher se torna viúva, ela não pode mais vestir algumas cores, e nem usar brilhos nas roupas, os vestidos da viúva passam a ser bem simplórios, como podemos ver na imagem a baixo.



7- Vestidos de uma viúva.

Esses são os vestidos de uma cigana viúva de Cruz das Almas, eu conseguir através da costureira Flora, ela é uma costureira especializada em roupas ciganas, Flora faz a maioria dos vestidos das ciganas evangélicas e não evangélicas de Cruz das Almas. Ela ressalta que “esses vestidos precisam ficar separados dos outros, simplesmente porque as ciganas casadas não querem que os seus fiquem junto dos vestidos da viúva”. Por curiosidade, perguntei o porquê disso e Flora fala:

- Por que esses vestidos não podem ficar próximo dos outros?
- Na verdade, elas falam que dá azar, não sei bem como é, mas elas sempre falam: -Nunca coloque o meu vestido perto desses de viúva! Elas falam que se isso ocorrer dá mau agouro, não dá sorte, essas coisas assim sabe? Mas, tem viúva que quando fica nova, casa novamente, já vi várias que casaram de novo, mas as que ficam em certa idade, não casa, mas fica numa situação de dá dó, sabe? Sem dinheiro pra nada, começa a usar esses vestidos simples assim [...]

A mulher cigana é bastante dependente do marido, e quando ele morre a mulher fica em uma situação difícil, a maioria vai morar com algum filho, porém a situação financeira não é mais a mesma. Quase sempre as ciganas viúvas tendem a

fazer leitura de mão e venda de figas para conseguirem algum dinheiro, e, por esse motivo, acaba sendo um alvo ainda maior de discriminação.

Uma das figuras importantíssimas na minha pesquisa foi o Pastor cigano, cujo codinome é Luan, tem 36 anos é responsável pela congregação do Templo Batista e casado com Ariane, também cigana. Atualmente faz pós-graduação em Missiologia, tem aproximadamente 11 anos de convertido. Em uma das entrevistas, perguntei se existia um líder do grupo calon de Cruz das Almas, e o mesmo respondeu com essas palavras:

- O formato da organização do povo cigano é tribal. Eu tenho uma comunidade na maioria são todos parentes e ali um líder se destaca ou pela forma de tratar os não-ciganos ou pela sabedoria de tratar os conflitos internos ou pela condição financeira... Então, hoje os ciganos de Cruz das Almas estão dentro de um contexto de empresários, microempreendedores, num contexto de criadores de gado. Então, isso acaba tomando o tempo do cigano chefe cuidar de outros assuntos alheios da família e nós estamos caminhando para uma família nuclear, vários líderes e cada Líder governa sua esposa e seus filhos.

Outra família também segue esse núcleo de parentesco, é a família da cigana Carmen, ela tem 28 anos, estudou até a segunda série, é uma das ciganas convertidas, e tem aproximadamente 8 anos que ela se converteu ao evangelho, Carmem é casada e tem duas filhas, sendo que o seu esposo já frequentou a igreja, porém está desviado<sup>17</sup>. A sua mãe também é evangélica e as duas frequentam a I<sup>a</sup> Igreja Batista e também o Templo Batista, aos domingos pela noite e nas quartas-feiras, elas vão para o Templo Batista e domingo pela manhã vão para a I<sup>a</sup> Igreja Batista.

Ela mora em uma casa em Cruz das Almas e no mesmo terreno, também moram a sua mãe, o seu pai e o seu irmão, cada um em seu imóvel. Logo quando que adentramos no terreno, nos deparamos com um galpão do lado, e em frente uma casa em construção, do lado da casa em construção, moram a Carmem, seu esposo e suas duas filhas.

---

<sup>17</sup> Desviado é o nome dado os pessoas que foram “crentes” por um período, ou seja, levantam a mão dizendo que aceita a Jesus como seu único e suficiente salvador, ficam frequentando um bom tempo a igreja e muitos até chegam a se batizar, mas param de frequentar a igreja e não se denominam mais crentes, esses são os desviados do caminho do Senhor.observação



8- Casa em construção de uma das ciganas evangélicas.



9- Casa temporária de uma das ciganas.

Essa última casa (imagem 9) é chamada de galpão, na verdade, ela tem a estrutura de um galpão, sem divisões de concreto, onde a pessoa divide os cômodos com cortinas. Como podemos ver na imagem, temos a sala do lado direito e a cozinha do lado esquerdo, sendo que a parte do quarto é dividida por uma cortina feita de tecido pelas próprias ciganas. Segundo elas, esse tipo de construção é muito comum no Recôncavo Baiano e muitas famílias aderem a esse modelo os quais são divididas até mesmo por várias famílias diferentes. Porém, a cigana está morando temporariamente no galpão, pois a sua casa está sendo construída à frente do galpão.

Logo em seguida, temos a casa de Marcia, ela tem 28 anos, é casada, tem uma filha, tem três anos de convertida. Do lado direito podemos ver a casa onde vive a cigana Márcia, seu marido e sua filha de 5 anos. Já do lado esquerdo mora a sua sogra e seu sogro. O que eu achei interessante nessas casas foram algumas frases acima das portas de entrada e no centro das duas casas



10- Casa da cigana evangélica Márcia.



11- Frase encontrada sobre a porta da casa da sogra de Márcia.



12- Frase encontrada acima da porta da cigana Márcia.

Como podemos ver acima, uma das casas tem a frase “O Espírito Santo e a paz habite nesta casa.” Já na casa da Márcia consta os dizeres: “Não sinta inveja de mim, não sou rico, apenas trabalho”.



13- Frase na varanda da casa.



14- Frases encontradas entre as duas casas.

Como podemos observar, a cigana evangélica pediu para colocarem uma frase bíblica que se encontra no Salmo 23:1 "O Senhor é meu pastor e nada me faltará". E em contrapartida, o seu esposo colocou "Não sinto inveja de mim, não sou rico,

apenas trabalho”. Com o intuito de dizer que ele conquistou aquele patrimônio apenas com o trabalho dele.

Essa casa abaixo pertence a um casal de ciganos evangélicos pertencentes ao Templo Batista, nesta casa mora o casal e o pai de um deles, pois o mesmo ficou viúvo. Como eu havia afirmado anteriormente, a pessoa que fica viúvo ou viúva, na maioria das vezes ficam com um dos filhos, na cultura cigana, não é comum histórias de abandono de um pai ou de uma mãe.



15- Casa de um casal de ciganos evangélicos.

Em seguida temos a casa da cigana Ysis, ela tem 30 anos de idade, estudou até a primeira série do fundamental I, convertida ao protestantismo há 7 anos.



16- Casa de uma da cigana evangélica Ysis.

É importante ressaltar que todas as casas que eu coloquei nesse trabalho são próprias e como os ciganos sempre estão fazendo negócios, podemos observar que a casa está à venda. É próprio da cultura cigana, vender e trocar, casas, terrenos, carros, pois é muito difícil uma família cigana ficar muito tempo residindo em uma casa, ou um terreno, ou até mesmo com um carro, tudo eles colocam à venda ou trocam.

Todavia, é interessante frisar que o tipo de negócios foram mudando de acordo com o contexto histórico. Segundo Teixeira (2008, p. 48), era frequente a negociação de cavalos e mulas.

Durante todo o século XIX, a atividade de barganhista de cavalos e bestas de carga foi descrita por diversos viajantes estrangeiros e memorialistas que encontraram com ciganos pelo interior do país, muitas vezes havendo negócios entre eles. Alguns destes ciganos, conjugaram esta ocupação com a negociação de escravos, comprados ou permutados, principalmente, nos mercados da Corte (Valongo).

De acordo com o Pastor Luan, a sua descendência também negociava com animais, e a sua família hoje descende desse povo.

- O Senhor conhece a história do grupo Calon de Cruz das Almas?

- Sim, eu conheço. Os ciganos que por consequência do degredo de Portugal para o Brasil, e assim, chegaram primeiro nas terras do recôncavo, que foram os primeiros locais de exploração dos portugueses. E aí a minha família decente dessas famílias que ficaram aqui na região, para o meu povo logo desde o início, foi difícil, porque não tinha como ganhar a vida, se sustentar, mas logo percebendo a necessidade de animais para trabalho da cana, do engenho, os ciganos desenvolveram o comércio de animais. Isso é um dos motivos que fizeram com que permanecemos nesta região do recôncavo, por causa do plantio da cana e por causa dos Engenhos.

Entretanto, Teixeira (2008), também destaca que além dos ciganos negociarem com animais, eles também negociavam com escravos, além das atividades com saltimbancos e circos.

A seguir iremos conhecer a história do protestantismo no Brasil.

### 2.2.2 Como o protestantismo chegou no Brasil

Já que iremos falar sobre a conversão cigana ao protestantismo, achei conveniente explicar um pouco sobre o histórico do protestantismo no Brasil. Segundo Antônio Gouvêa de Mendonça (1995, p. 71-79)

No segundo quartel do século XIX, no Brasil, começavam a despertar os interesses econômicos e políticos da Europa e dos Estados Unidos da América, ocasião em que este último iniciou o envio sistemático de missionários protestantes para o país. O protestantismo missionário, como se apresentava no Brasil, quer fosse britânico, quer escocês ou norte-americano, era protestantismo ortodoxo, avivalista, conversionista, revigorado pelo metodismo e pela ideologia das missões, conforme.

Para Mendonça (1995) a inserção do protestantismo no Brasil, deu-se principalmente pelos interesses comerciais de ingleses e norte-americanos, como também no calvinismo missionário pietista norte-americano do século XIX. Os protestantes norte-americanos, eram representados no Brasil como aqueles que levavam progresso científico e tecnológico, tidos como heróis da civilização (BASTOS, 1938).

Após conhecermos um breve histórico do protestantismo no Brasil, iremos adentrar na conversão religiosa em Cruz das Almas.

### 2.2.3 A conversão religiosa em Cruz das Almas

Ao iniciar as minhas pesquisas no campo social, eu me imaginei como Clifford Geertz no livro “A Interpretação das culturas”, com todas aquelas aventuras, da briga de galo em Bali, todavia, o meu início de pesquisa foi muito mais tranquilo e harmonioso. Os ciganos evangélicos aparentemente demonstravam muito interesse em aprender mais sobre a Bíblia nos cultos religiosos, e sempre sentavam em grupos, onde na maioria eram pertencentes à mesma família. Todavia, esses ciganos foram se convertendo de uma forma individual.

Para Prandi (2008, p. 160):

[...] Quando aquele futuro chegou, se pôde perceber como a religião a que agora o indivíduo adere por livre escolha (e que não é a religião tradicional) pode ser uma nova fonte de lealdade, criando-se no âmbito da nova cultura elementos de apoio emocional e justificativas socialmente aceitáveis para que ele possa se libertar com legitimidade da antiga religião e daqueles outros velhos laços sociais. A religião passa a atuar, portanto, como solvente numa cultura.

Como podemos ver na citação de Prandi acima, onde fala da conversão individual, temos vários pontos para discutir, o primeiro ponto que não se encaixa com o grupo estudado, é quando o autor fala de religião tradicional, pois os ciganos não tem uma religião tida como tradicional, uma religião peculiar cigana. O segundo ponto que eu gostaria de frisar, é pelo fato de Prandi falar que a conversão iria libertar das antigas religiões e dos velhos laços sociais, pois eu não acredito que a religião tenha esse poder, pois sempre vai haver alguém da família que seja do catolicismo, espiritismo, do candomblé e outras tantas religiões, e essas pessoas estão diretamente ligadas ao indivíduo convertido. O terceiro ponto e último é que a religião serviria como solvente<sup>18</sup> numa cultura, coisa que no meu ponto de vista é impossível de acontecer, pois nada é capaz de dissolver uma cultura, pode haver uma atualização da identidade, mas dissolver uma cultura já é um certo exagero.

A conversão modificou algumas atividades que outrora pertenciam ao grupo estudado, as ciganas, por exemplo, ao se converterem, acostumadas a superstições, leitura de mão, venda de figas. Ao se tornarem evangélicas acaba se desligando de antigas atividades e passam a não mais fazer leituras de mão, venda de figas e não procurar outras práticas religiosas<sup>19</sup>, porém isso pode ser temporário ou não. Isso eu pude perceber através das minhas entrevistas com os ciganos convertidos.

Nesse sentido, a conversão é sinônimo de “mudança” e “transformação”. Gomes (2011, p. 157) salienta em seu artigo que:

Esse termo comporta uma ideia de transformação, tanto no nível das crenças como no nível das práticas. A dimensão de mudança de percepção do mundo representa de resto o único consenso que os investigadores em ciências sociais estabelecem em torno do conceito. A conversão evoca “mudança de coração”, “um processo de mudança do senso de realidade”, ou ainda, “um deslocamento da consciência em seu sentido aterrador”.

Segundo Souza (2012) a mudança com a conversão ocorre do interior para o exterior, seguindo a linha de raciocínio dos membros da igreja evangélica. Nesse sentido Souza ressalta:

---

18 Pierucci (2006), também afirma que a religião detém uma força social capaz de dissolver antigas pertencas e linhagens religiosas estabelecidas. Pierucci, ainda tomando como base a obra de Max Weber, salienta que a religião universal individual, tende a predominar sobre as demais, funcionando como dispositivo que desliga as pessoas do contexto cultural de origem.

19 É importante frisar que os meus entrevistados eram reticentes em falar sobre as antigas religiões, até mesmo pelo fato do discurso de conversão negar o passado, preferiram focar no momento atual já que eles estavam diante de uma pessoa que estava vivenciando com eles esse momento.

A grande mola propulsora é a transmutação do espírito (anima) que apresenta como corolário uma nova visão dos hábitos cotidianos. Pensando no cotidiano, é quando muitas práticas locais são tidas como pecado sob a denominação de adultério, roubo, assassinato, infanticídio, antropofagia, feitiçaria etc. Significa dizer que para os missionários protestantes há primeiro uma “mudança interna”, para conseqüentemente haver uma “mudança externa”. (Souza, p.90)

Uma das minhas primeiras interlocutoras foi Cassandra, ela é uma cigana, convertida a mais de dez anos, tem quarenta e cinco anos de idade, é casada, tem dois filhos e faz parte da membresia<sup>20</sup> do Templo Batista, onde o pastor cigano é seu irmão. Cassandra frequenta a igreja juntamente com sua cunhada Ariane, Luana e seu irmão Caio. Cassandra fala sobre o seu processo de conversão religiosa ela diz que:

- Me fale um pouco sobre a sua conversão.
- Na verdade minha irmã, Deus foi tratando a minha vida de uma forma tremenda, tirando todas as práticas que não convinha a uma mulher de Deus, sabe? Antes de me converter eu lia a mão, fazia essas coisas...tudo isso é espírito de engano minha irmã... tudo isso é “espírito de engano<sup>21</sup>”. Que nada minha irmã, essas práticas são condenadas por Deus e o que não é de Deus é engano, coisas para ludibriar as pessoas.  
O que favoreceu para que você se convertesse? Tem um fato especial?
- Aconteceu minha irmã, foi a cura do meu irmão, ele estava condenado de morte, os médicos falaram que ele iria morrer, mas Deus restaurou a saúde dele, pra glória de Deus! Ele bebia, agora não bebe mais, Deus transformou e trabalha em nossas vidas.

Como podemos ver na fala de Cassandra, uma das coisas que a influenciou foi à cura de um irmão, que tinha uma grave doença, o câncer, e após a conversão ao protestantismo teve a saúde restaurada e se libertou de práticas como o consumo de bebidas alcoólicas e outras coisas que a mesma não quis falar.

Nesse sentido, Koning (2008) salienta:

A maior parte das histórias coletadas contém um elemento de mudança pessoal radical associado com problemas pessoais ou de ócios que levaram o narrador à conversão, a se tornar um cristão renascido. Houve bastante debate acadêmico sobre a utilização de narrativas, histórias contadas, e/ou histórias de vida nas ciências humanas e sociais, mas a maior parte dos autores concorda que a

<sup>20</sup> Membresia são aqueles que são membros da igreja.

<sup>21</sup> O espírito de engano seria demônios que enganam as pessoas fazendo acreditar que as leituras de mão seriam verdadeiras

forma narrativa é a forma mais básica que os seres humanos utilizam para dar sentido às experiências. (KONING, 2008, p.53)

Todavia, um fato que acabei sabendo no meu campo social, e que me chamou bastante a atenção, foi à morte de um cigano convertido. Onde, o mesmo já estava frequentando a igreja a um bom tempo, e segundo os próprios familiares, ele teria parado de praticar a agiotagem e outras atividades que não eram aceitas pelos cristãos evangélicos. Porém, em um certo dia, ele foi buscar o seu filho na escola, e de repente foi atingido por um tiro, tiro esse, que provavelmente foi disparado por um antigo rival. Após esse fato, vários ciganos abandonaram a igreja evangélica, ficando apenas aqueles que tinham realmente convicção da sua conversão ou que não foram abalados com o ocorrido. Talvez esses ciganos que se afastaram da igreja, acreditassem que a conversão serviria como uma espécie de proteção contra todo mal, ou seja, uma vez convertidos e frequentando a igreja nada de ruim poderia acometê-los.

Buscando saber mais sobre o afastamento dos ciganos após o assassinato, comecei a coletar informações com os membros da Igreja Batista. E a membra Mariana, de 46 anos de idade, casada, e convertida há 40 anos, fala um pouco sobre esse momento na igreja:

- Você ficou sabendo sobre o assassinato de um cigano evangélico?

- Eu fiquei sabendo sim. E na época culparam o Pr. Luan, e ficaram falando, -Porque Luan disse que era pra tirar a arma e que o Deus de Luan iria guardar a gente. E aí ficaram um bom tempo culpando Luan e ele sofreu bastante com isso, aí muitos ciganos depois da morte dele se afastaram da igreja.

. No entanto, na contemporaneidade é muito comum que as pessoas mudem de religião, principalmente por questões de saúde e familiar, porém, nem toda conversão é definitiva e outros ciganos também podem deixar de ir à igreja por outros motivos.

Não obstante, apesar de alguns ciganos terem deixado de ir à igreja após o fato, muitos deles permanecem naquele espaço até hoje e pude perceber o quanto os mesmos demonstram atenção pela pregação do pastor, sempre com as suas bíblias na mão e sentados juntos, formam um grupo bem coeso diferenciando-se dos demais membros da igreja, principalmente por continuamente estarem afirmando a sua etnia

através do seu comportamento, do jeito de se vestir, da forma como interagem, assim como, através da maneira como eles vão se recrutando pelas relações de parentesco, e tudo isso acaba formando uma fronteira étnica. Nesse sentido Barth afirma que:

Isso significa que a fronteira étnica - em sua acepção mais extensa - na verdade é livre dos constrangimentos territoriais, é algo "portátil". Basta encontrar com uma pessoa de outra cultura, mesmo em seu próprio país, para que a fronteira étnica como estandarte da alteridade e da separação indissolúvel seja suscitada... Barth (2000, p. 21)

Isso significa que onde quer que os ciganos estejam sempre essa fronteira étnica será visível. Segundo Barth (2000) para definição de um grupo, devemos focar nas fronteiras étnicas e não no conteúdo cultural já delimitado por ela. Neste sentido, devemos centralizar as fronteiras sociais. Há medida que um grupo mantém sua identidade mesmo com os seus membros interagindo com outros, são necessários critérios para determinar o pertencimento ou exclusão. Barth revela ainda que devem haver características organizacionais nas relações interétnicas e carecem de regras nesses encontros sociais. O autor, além disso, enfatiza que as categoria étnicas são dotadas de valores distintos, e quanto maior a discrepância entre esses padrões valorativos, maiores serão as restrições, a interação étnica e a ocorrência de sanções negativas.

Os não-ciganos convertidos parecem já terem se acostumado com a presença de ciganos na igreja, tratando isso como uma normalidade. É importante destacar também que durante a minha pesquisa não presenciei nenhuma situação de discriminação ou repúdio aos ciganos convertidos. Nesse contexto, os autores destacam:

:

Quando a identidade étnica é um estigma social (GOFFMAN, 1988), o domínio da impressão impõe-se como uma preocupação constante dos atores. Eles podem desenvolver táticas e estratégias para minimizar a importância da identidade étnica num determinado contexto interativo (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, 1998).

De acordo com a citação acima, os indivíduos de uma etnia estigmatizada, tende a desenvolver estratégias para minimizar a importância da sua identidade, entretanto, não é isso que acontece com os sujeitos de minha pesquisa, eles fazem

questão de assumir a sua identidade, assim como, valoriza-la, afirmando que tem orgulho de ser cigano ou cigana e que para eles isso não é uma vergonha e sim uma honra.

Durante as minhas visitas aos cultos pude perceber que os ciganos convertidos sempre sentam juntos. Na maioria das vezes, eles costumam sentar-se do lado direito quando estão no Templo Batista e nos bancos enfileirados no centro da Igreja Batista. Tal comportamento é extremamente normal, assim como acontecem com um grupo de jovens em um seminário na faculdade ou um grupo de professores em uma reunião com os docentes da cidade, por exemplo.



17- Ciganos convertidos na Congregação Batista.



18- Ciganos sentados na fileira de bancos centralizada. (I Igreja Batista).

É notório que os ciganos evangélicos de Cruz das Almas- BA, não querem ser vistos apenas como evangélicos, mas sim como ciganos evangélicos. Isso é perceptível na medida em que encontramos sinais diacríticos, como a utilização de vestimentas típicas, dentes de ouro e outros sinais que não escondem a sua calonidade, como tatuagem no corpo feminino, utilização de pentes no cabelo, a forma de falar arrastado, a prática de falar o chib entre eles. Nesse sentido, é importante salientar que, “A etnia cigana não é, de modo algum, uma etnia «congelada», imóvel, que se reproduz idêntica a ela mesma; pelo contrário, revela um grande dinamismo” (Santos, 2001, p. 533).

Barth (2000), em seu livro “O guru, o iniciador e outras variações antropológicas”, ressalta as fronteiras étnicas, neste, apresenta a tribo Pathan e a tribo Baluchis. Os Pathans, do sul tornam-se baluchis, sem que ocorra ao contrário. Sendo que essa mudança de identidade pode ocorrer individualmente ou em grupos. Tais mudanças de identidade cruzam limites de unidade política e ecológica, com isso um restrito grupo Pathan, usando a sua alto-identificação como critério fundamental de identidade étnica poderia assumir obrigações políticas correspondendo à identidade étnica da tribo Baluchi, ao adotar práticas agrícolas e pecuárias, e mesmo assim continuar a identificar-se como Pathans.

Nesse sentido, podemos fazer uma analogia entre os ciganos e evangélicos e entre os pathans e os balúchis, citados por Barth. Os ciganos convertidos ao protestantismo de Cruz das Almas, sempre se identificam como ciganos evangélicos, todavia, os evangélicos não ciganos, não podem se considerar ciganos, a não ser que se casem com um membro, sendo esta última opção, algo muito difícil de acontecer entre os calons de Cruz das Almas.

Em uma das minhas visitas ao campo social, especificamente em um culto no Templo Batista, ocorreu um fato muito interessante, onde um cigano (ainda não convertido), acompanhado da sua esposa (convertida), pede a oportunidade para contar um livramento<sup>22</sup> que Deus tinha dado a sua família. O mesmo utilizando de termos êmicos dos evangélicos, pegou o microfone e começou a falar que o casamento do seu filho estava para acontecer no dia seguinte, dia 19 de maio de 2016, porém, um conhecido dele o alertou, dizendo que a família da noiva do filho tinha bastante inimigos e esses inimigos estavam planejando uma chacina para o dia do casamento, matando todos que estivessem no local. O cigano temendo tal tragédia resolveu desfazer o trato (o casamento) e entendeu que este fato seria um livramento divino, e por esse motivo, como forma de gratidão a Deus ele contou para a edificação<sup>23</sup> da igreja. Sem sombra de dúvida, a esposa dele foi influenciada pela ideologia evangélica, e por ele estar acompanhado a esposa nos cultos ele também foi influenciado, e tem grandes chances de se converter ao protestantismo, assim como a sua esposa.

---

<sup>22</sup> Livramento seria uma intervenção divina, livramento divino, no termo êmico dos evangélicos.

<sup>23</sup> Edificação é para encorajar, animar e renovar a fé dos membros da igreja.



19- Cigano contando o testemunho na igreja.

É interessante entendermos que existem ciganos frequentando as igrejas, porém, ainda não são evangélicos. Na maioria das vezes, o pastor pergunta no final do culto se existe alguém que gostaria de “Aceitar a Jesus como seu único e suficiente salvador”, na maioria das vezes os pastores pedem para levantar o braço ou levantar-se do banco, como sinal de aceitação. Logo após acontecer isso, o pastor chama a pessoa para ir ao púlpito<sup>24</sup>, faz novamente a pergunta e se a pessoa falar “sim”, naquele momento ela “aceita a Jesus”, porém, essa pessoa precisa frequentar os cultos, mostrar interesse de se transformar e deixar o que não convém segundo as escrituras. Com relação aos testemunhos é importante destacar Blanes (2012).

... Os ciganos evangélicos, pelo contrário desde cedo foram construindo narrativas próprias que incorporam um evidente sentido histórico. Essas narrativas podem assumir vários formatos, desde as biografias e autobiografias publicadas em livro aos testemunhos

<sup>24</sup> Lugar onde os pastores ficam pregando (falando) da palavra de Deus.

orais partilhados no contexto dos cultos religiosos, ou ainda as letras veiculadas nos cânticos e coros da igreja. Enquanto "testemunhos" de acontecimentos e processos públicos e historicizantes, estas narrativas também oferecem leituras *emic* dos mesmos, que servirão de memórias de conversão coletivas, ou seja, de elementos de compreensão e para os crentes e frequentadores do movimento IF. (Blanes, 2012, p. 130)

A segunda fase do processo é o batismo, para que ocorra o batismo, a pessoa precisa estar frequentando os cultos e se preparar para se batizar. A preparação consiste em estudos das escrituras bíblicas, onde é esclarecido o porquê de ser batizado em nome de Pai, do Filho e do Espírito Santo. Depois da preparação, o indivíduo precisa estar convicto que é realmente isso que ele quer. No meio evangélico costuma-se falar que ao ser batizado, “a pessoa morre para o mundo e vive para Cristo”. Sendo assim, o indivíduo deixa as coisas do mundo de lado, como idolatrias, pecados, coisas que na concepção deles, os afastam de Deus, e começam a viver para Cristo, viver segundo os mandamentos de Cristo, e dessa forma alcançarão a vida eterna aqueles que perseverem até o fim.

A música, assim como entre os ciganos evangélicos da Europa, tem um papel muito importante para os ciganos evangélicos de Cruz das Almas, tanto que as ciganas evangélicas fizeram um ministério de louvor e adoração ao Senhor. Onde as “irmãs”<sup>25</sup> com muita alegria e satisfação, cantam louvores ao Senhor. A cultura cigana é muito alegre e valoriza bastante as músicas, e as ciganas convertidas enxergam na música uma libertação, uma expressão de adoração ao Senhor, a música é uma forma alegre de adorar a Deus, até mesmo porque os ciganos apresentam um gosto descomedido por festas e cantos. Todavia, para saber melhor o que a música representa para as ciganas, estarei colocando algumas entrevistas com as falas de alguma delas. A primeira a falar sobre os louvores ou músicas, foi a cigana Ariane, ela tem 36 anos e está convertida há aproximadamente 11 anos.

- Você gosta dos louvores evangélicos? Por quê?

- Gosto, gosto muito. Porque assim... o louvor liberta, no momento em que a gente está atribulada, fadigada, e aí a gente coloca um louvor para ouvir e tudo passa... aí a gente fica com a alma pura, eu creio que o louvor liberta.

- O que os louvores representa pra você?

---

<sup>25</sup> Irmãs: os membros das igrejas evangélicas são chamados de irmã ou irmão em Cristo, pois são todos filhos de um mesmo Deus, e por esse motivo se consideram irmãos.

-Uma libertação, eu me sinto muito feliz quando estou louvando, me sinto renovada, com o coração quebrantado, tem louvor que a gente sente a presença de Deus.

A cigana Ysis também fala sobre os louvores que ela costuma cantar no ministério de Louvor cigano:

- Você gosta dos louvores evangélicos? O que os louvores significam pra você?

- Eu amo, amo os louvores evangélicos. Adorar ao Todo Poderoso, porque ele é digno de todo louvor e adoração, todos os que tem fôlego adore e louve ao Senhor. Ele é digno do louvor, ele é dono do louvor. E nós temos é que louvar mesmo esse Deus querido, lindo e maravilhoso, gosto muito de louvar viu? Quando eu começo a louvar aqui, meu Deus do céu... é o dia todo.

Outra cigana evangélica que fala sobre os louvores é a Nalva, ela tem 25 anos de idade, tem 3 anos de convertida e estudou até a quarta série.

- O que os louvores representa pra você?

- Eu me sinto mais perto de Deus quando estou louvando, os louvores me traz calma, fé em Deus, me deixa mais alegre, mas viva, dá um espírito de mansidão.

A musicalidade serve como referência identitária entre os ciganos evangélicos e não evangélicos, entre os ciganos evangélicos a música é uma forma de libertação, alegria e adoração a Deus. Enquanto os ciganos não evangélicos enxergam a música como distração no cotidiano e também uma forma de divertimento nas festas de casamento e nas festas de largo.

Para Blanes (2007a, p. 30):

(...) Reformulando, procurava conhecer as particularidades deste movimento religioso protestante, compreender o seu lugar na contemporaneidade dos ciganos e gitanos e explicar o porquê do seu sucesso em contextos nacionais de hegemonia religiosa católica, por um lado, e de suposta antinomia cultural dos ciganos face à ética e moralidade conservadora da fé evangélica (a dita juerga ou inclinação “festiva” versus a ética conservadora) – acrescentando-se a esta equação a centralidade da música enquanto referente identitário, tanto em termos de etnicidade cigana como de prática religiosa.

Contudo, as músicas se diferenciam quanto à categoria profana e sagrada, sendo a música do mundo ou secular<sup>26</sup> profana e as músicas religiosas sagradas. A seguir, podemos visualizar algumas imagens das ciganas dançando músicas profanas em um casamento e as ciganas louvando no Ministério de Louvor cigano.



20- Ciganas dançando música profana no casamento.



21- Ciganas convertidas louvando (cantando) na I Igreja Batista de Cruz das Almas.

---

<sup>26</sup> As músicas do mundo ou secular seriam as músicas que não são sagradas, que não falam de Deus, das escrituras, são as músicas que segundo os evangélicos não edificam ou acrescentam espiritualmente em nada.

A Primeira Igreja Batista de Cruz das Almas é formada por vários pastores, presbíteros e diáconos, no entanto, o único pastor que pertence a etnia cigana é o pastor Luan, ele está responsável por uma congregação Batista, na qual eu também pesquisei.

Santos (2001), afirma que o segredo do pentecostalismo na Europa dar certo, é pelo fato da igreja ser formada tão somente por ciganos, tanto líderes como autoridades, do pastor até as hierarquias mais baixas. Sendo assim, na concepção da autora os ciganos se entendem e se houver conflitos tudo é resolvido entre eles, contudo, a presença de não ciganos poderia ocasionar divergências.

Todavia, na Primeira Igreja Batista existem vários ciganos convertidos e toda a hierarquia é formada por brasileiros<sup>27</sup>, ou seja, a maioria dos membros são formados por pessoas não-ciganas. E, nem por isso, acontecem conflitos ou desentendimentos entre eles. Por esse motivo, não concordo com a afirmação de Santos, 2001.

Segundo Manuela Cantón Delgado (2003. p. 182):

A lo largo de los últimos cuarenta años se han ido levantando un número espectacular de templos, capillas, iglesias, culto- por toda Andalucía que, llevados en su mayoría por pastores gitanos, vienen funcionando como espacios de hibridación cultural y de gestión desde dentro de las consecuencias más dramáticas de los procesos de cambio, y como espacios de lucha contra la exclusión social, política, económica, religiosa y simbólica.

Cantón Delgado, na citação acima afirma que as igrejas são espaços de combate à exclusão social, política, econômica, religiosa e simbólica. Eu concordo plenamente com Cantón, pois posso ver nas igrejas que os pastores promovem a inclusão social dos ciganos dentro e fora delas, assim como a inclusão na política, economia no ramo religiosa e simbólico.

Não obstante, o Templo Batista é formado por apenas um pastor cigano e os demais cargos da igreja são compostos por não-ciganos. Na minha pesquisa eu pude perceber que há um bom convívio entre ciganos e não ciganos, todavia, pode existir algum conflito devido as formas diferentes de pensamento, mas, durante o período que estive em campo não presenciei nenhum tipo de conflito ou desavenças, muito pelo contrário, sempre percebi um bom relacionamento entre ciganos e não-ciganos

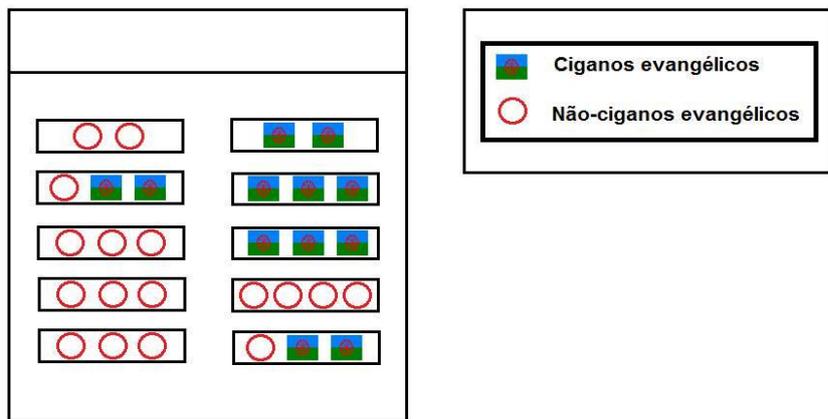
---

<sup>27</sup> Brasileiros: todos as pessoas nascidas no Brasil e que não são ciganas.

na igreja e fora dela. Sendo assim, a formação da igreja apenas de ciganos não é a chave do sucesso nas Igrejas Batistas de Cruz das Almas.

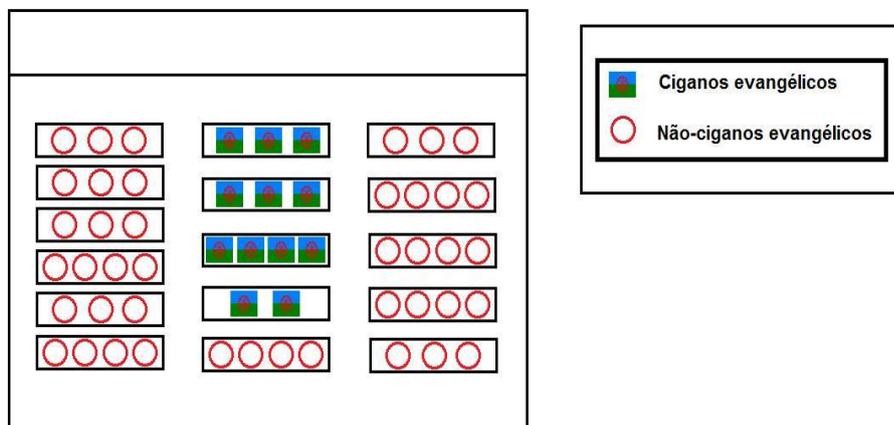
Logo em seguida podemos ver dois croquis, onde um deles está simbolizando o Templo Batista e o outro a 1ª Igreja Batista. Nela estão à disposição espacial dos ciganos e não-ciganos nos templos.

Croqui do Templo Batista (congregação)



22- Disposição dos ciganos evangélicos no Templo Batista.

Croqui da 1ª Igreja Batista de Cruz das Almas.



23- Disposição dos ciganos na 1ª Igreja Batista de Cruz das Almas.

Como vimos acima, os ciganos formam um grupo coeso e unido na igreja, sempre se acomodam nos mesmo lugares, fazem questão de dizer que são ciganos evangélicos e que agora servem ao Senhor Jesus. Podemos ver na igreja que as pessoas se sentam próximos de alguém que tenham afinidade e muitas vezes no mesmo lugar, isso acontece também com os ciganos, eles se sentem à vontade entre as pessoas da sua etnia, com as quais tem mais afinidade.

Já com relação ao enfrentamento de condutas erradas nas igrejas Cantón (2003, 193) destaca:

La renovación viene de la relectura crítica que se realiza en las iglesias de las costumbres y tradiciones gitanas: desde los templos se ponen en marcha formas distintas de entender las identidades gitanas revisándose, por ejemplo, el papel de las mujeres y los jóvenes, o la violencia prevista en la ley gitana para enfrentar las conductas consideradas ofensivas (la agresión física que puede conducir al asesinato, la venganza, el destierro para evitar males mayores, etc.), así como las relaciones con los vecinos no gitanos, la necesidad de respetar "su ley" y evitar las estafas, los robos, la transgresión penalizada desde el sistema jurídico payo. El gitano evangélico no quiere dejar de ser gitano, no ha interiorizado hasta ese extremo el estigma que pesa sobre su cultura, ni utiliza la religión para desvincularse de la lógica comunitaria que ya ha dejado de resultarle ventajosa, como de hecho ocurre en numerosas poblaciones indígenas centroamericanas que he conocido (Cantón, 2003).

Pude perceber através dos cultos religiosos, que a igreja tem um papel muito importante no combate as condutas tidas como “erradas”, com relação aos princípios bíblicos e também no sentido ético e moral da sociedade. A igreja, repreende a mentira, a idolatria (culto a outros deuses), o uso de drogas, a prostituição, o uso de bebidas alcoólicas, o vício do cigarro, empréstimo de dinheiro à juros, enfim, são diversos atos que o cristão deve deixar de fazer para permanecer na igreja. Então os ciganos que se propõem a se converter devem estar preparados para renunciar a várias coisas, principalmente a agiotagem, no caso dos ciganos homens. Isso é comprovado por Santos (2001). Onde a mesma ressalta que as conversões ao pentecostalismo têm promovido muitas mudanças socioculturais e tais mudanças extrapolam os limites dos cultos nas igrejas e trilham para o cotidiano dos ciganos.

Após falarmos sobre a conversão dos ciganos em Cruz das Almas, iremos saber como os ciganos são vistos e como eles se veem, assim como conheceremos os estereótipos transnacionais e locais.

## CAPÍTULO III

### COMO OS CIGANOS SÃO VISTOS E SE VEEM- ESTEREÓTIPOS TRANSNACIONAIS E ESTEREÓTIPOS EM CRUZ DAS ALMAS

O capítulo III aborda inicialmente os estereótipos ciganos transnacionais, posteriormente, iremos conhecer as imagens hetero-atribuídos aos ciganos, e por fim conheceremos as imagens auto atribuídos a etnia, ou seja, iremos saber o que o outro pensa sobre esses indivíduos e o que o cigano pensa de si mesmo.

#### 3.1 Estereótipos Transnacionais

Nesta sessão abordo os estereótipos ciganos transnacionais, onde destacarei os autores Florência Ferrari, Dimitri Fazito Rezende, Bourdieu, Barth, Guimarães e outros. No artigo “Ciganos Nacionais”, de Florência Ferrari (2006), ela frisa sobre as obras literárias produzidas pelo ocidente, onde ver o cigano ora com o sentimento de temor ora com o sentimento de fascínio, de acordo com o contexto. A autora trabalha com duas nações, o Brasil e a Espanha. Onde a mesma destaca o famoso ensaio de crítica literária escrito originalmente em 1970, “Dialética da malandragem”, Antonio Candido e propõe uma nova leitura do romance, Memórias de um sargento de milícias, de Manuel Antônio de Almeida. Em um dos capítulos o autor apresenta um trecho a chegada da “praga dos ciganos”.

Com os emigrados de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócios, porque tinha certeza de levar carolo. A poesia de seus costumes e de suas crenças, de que muito se fala, deixaram-na da outra banda do oceano; para cá só trouxeram maus hábitos, esperteza e velhacaria [...]. Viviam em quase completa ociosidade; não tinham noite sem festa. Moravam ordinariamente um pouco arredados das ruas populares, e viviam em plena liberdade. As mulheres trajavam com certo luxo relativo aos seus haveres: usavam muito de rendas e fitas; davam preferência a tudo quanto era encarnado, e nenhuma delas dispensava pelo menos um cordão de ouro ao pescoço; os homens não tinham outra distinção mais do que alguns traços fisionômicos particulares que os faziam conhecidos. Os dois meninos com quem o pequeno fugitivo [Leonardo] travara amizade, pertenciam a uma família dessa gente que morava no Largo do Rossio, lugar que tinha por isso até algum tempo o nome de Campo dos Ciganos. [...] como de costume, havia festa de ciganos (e este costume ainda hoje se conserva); faziam, dissemos, festa todos os dias, porém

motivavam-na sempre. Hoje era um batizado, amanhã um casamento, agora anos deste, logo anos daquele, festa deste, festa daquele santo. Na noite de que tratamos havia um oratório armado, e festejava-se um santo de devoção; não lhe sabemos o nome (Antônio de Almeida, [1855] 1998: 29-30).

Segundo o pesquisador Dimitri Fazito Rezende (2000, p.8): “Os ciganos, ao contrário do que maioria das pessoas (não-ciganas) imagina, muitas vezes se mostram completamente diferentes dos estereótipos mais comuns (como ladrões de criancinhas, preguiçosos, selvagens, ignorantes, etc.). Na verdade as pessoas generalizam um estereótipo e acha que realmente todos os ciganos são ladrões, trapaceiros, agiotas, enganadores, enfim, eles carregam consigo um estigma marcado no corpo que perpassa de geração em geração.

Neste contexto, (BOURDIEU, 2003, p. 691) afirma que:

Porque a imagem do “cigano” é o espelho em negativo da sociedade ocidental, sedentária e moderna, que inscreve seus diacríticos no corpo do indivíduo (e seu grupo) e, portanto, nomeia à força da opressão física e simbólica o espaço marginal destinado àqueles que perderam a luta antes mesmo de terem reconhecido sua posição no jogo.

A citação de Bourdieu descreve como os ciganos carregam um estigma colocado pela sociedade como uma forma de sinal diacrítico imputados sem dó e sem piedade sobre todo um grupo. Jean Pierre Liégeois (1988, pp. 46-7) apud Fazito (2006, p. 693) destaca:

os nomes atribuídos aos ciganos são muito variados e designam, para aqueles que os empregam, realidades imprecisas e diferentes. Essas denominações nascem de uma visão míope e parcial da história dos ciganos (como é o caso na França com os chamados bohemians, nome dado aos ciganos que levavam cartas do rei da Bohemia, ou do espanhol húngaros), bem como de lendas e mitos (tal é o caso de todos os termos que procedem da palavra “Egito”, como gitans, gitanos, gypsies...) e de uma terminologia empregada na língua cigana deformada (por exemplo, na França os chamados manouches e os romanichels [nos Estados Unidos]), ou de termos mais ou menos pejorativos e regionais, ligados a um aspecto físico (como os mustalainen da Finlândia – “os negros”). LIÉGEOIS (1988, pp. 46-7).

Fazito (2006, p. 698), destaca a história dos ciganos, assim como os ciganos eram conhecidos ou chamados em uma determinada época.

Talvez o fato mais importante para a história dos ciganos tenha ocorrido na fixação de alguns grupos numa região grega denominada Pequeno Egito (ou monte Gyppe). Posteriormente, ao longo do século XV, muitos ciganos que chegam a solo ocidental passam a afirmar sua proveniência do Pequeno Egito, que freqüentemente seria confundido pelos europeus com o próprio Egito. Os nomes gypsies (inglês), gitanos (espanhol), gitan (francês), zingari (italiano), zigeuner (alemão) e ciganos atestam essa relação e essa representação fundamental sobre grupos etnicamente distintos.

A discriminação e o estigma sofrido pelos ciganos há anos, são frutos de uma representação coletiva que perpassa de geração em geração. Nesse sentido, podemos citar Durkheim em seu livro “Formas elementares da vida religiosa” no qual ainda destaca sobre as categorias e as representações coletivas.

...se se admite a origem social das categorias, uma nova atitude torna possível, permitindo escapar destas dificuldades contrárias. (...) As categorias são representações essencialmente coletivas, elas traduzem antes de tudo estados da coletividade: dependem da maneira pela qual esta é constituída e organizada, de sua morfologia, de suas instituições religiosas, morais, econômicas, etc. A sociedade é uma realidade sui generis, ela tem seus caracteres próprios que não se reencontram, ou não se reencontram sob a mesma forma, no resto do universo. As representações que a exprimem têm, portanto, um conteúdo completamente diferente que as representações puramente individuais e pode-se de início estar seguro de que as primeiras acrescentam alguma coisa as segunda. As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo. (Durkheim, 1983, p.216).

Barth, em sua citação, destaca sobre os grupos estigmatizados na Europa, os chamados párias, destacando os ciganos também como estigmatizados e estereotipados.

Uma forma extrema de posição minoritária, exemplificando alguns – mas não todos – os traços da minorias, é o dos grupos párias. Estes são grupos que são rejeitados de forma ativa pela população hospedeira, em razão do comportamento ou de certas características inegavelmente condenadas, se bem que frequentemente utilizáveis em um plano prático específico. **Grupos párias europeus dos séculos mais recentes (os carrascos, os negociantes de carne e couro de cavalo, os coletores de esterco humano, os ciganos etc.)** ilustram muitos desses traços: como rompedores de tabus básicos, eles foram rejeitados pela sociedade em geral. Sua identidade impôs uma definição de situações sociais que lhes deixou muito pouco espaço para a interação com pessoas da população majoritária, e que, simultaneamente, como um estatuto imperativo,

representou uma inabilidade incontornável que os proibia de assumir os estatutos normais envolvidos em outras definições da situação de interação. Apesar dessas barreiras enormes, tais grupos não parecem ter desenvolvido uma complexidade interna suficiente para que possamos considerá-los como grupos étnicos íntegros; apenas os ciganos, que são culturalmente estrangeiro, constituem um grupo deste tipo. (BARTH, 1998, p.217) (Grifo nosso)

Guimarães (2012, p. 67), na sua tese intitulada “O associativismo transnacional cigano: identidade, diáspora e territórios”, o autor fala dos estereótipos na Europa e a forma paradoxal como os ciganos são vistos:

Durante séculos, os ciganos tem sido representados por imagens paradoxais. São retratados como vagabundos, indolentes, marginais, parasitas, sujos, não confiáveis, ladrões, trapaceiros, ou por outro lado, como livres e alegres. Estigmatizados por clichês racistas e estereótipos que impossibilitam a aceitação social plena, os ciganos são perseguidos até os nossos dias e são os alvos preferenciais da violência da extrema direita europeia e até de políticos socialistas, como François Hollande.

Após conhecermos alguns estereótipos transnacionais, iremos saber o que a população de Cruz das Almas pensa dos ciganos calons.

### 3.2 Imagens hétero-atribuídos aos ciganos.

Durante as minhas pesquisas de campo em Cruz das Almas, realizei várias entrevistas com a população e pude perceber que existem estigmas com relação a etnia cigana, que penetram na sociedade cruzalmense como uma “doença” devastadora. Sendo assim, conheceremos um pouco de cada um dos interlocutores. Ana, de 28 anos, casada, tem 2 filhos, sempre morou em Cruz das Almas, estudou até o segundo grau e trabalha no comércio da cidade, A segunda pessoa que eu entrevistei foi Catarina, moradora da cidade há 30 anos, tem 65 anos de idade, estudou até a quarta série. A terceira moradora, é a Samanta, tem 38 anos e nasceu na cidade, tem nível superior completo, e ela relata uma circunstância ocorrida, no entanto, acaba generalizando, dizendo que todos os ciganos são ladrões. É importante destacar que por questões éticas eu utilizo codinomes para os entrevistados. Nesse sentido, em seguida vamos ver as entrevistas de Ana, Catarina e Samanta, respectivamente.

Esses ciganos nós não podemos confiar não, rouba tudo que ver pela frente, se tiver oportunidade elas rouba mesmo...Eu sempre tive receio com relação a ciganos. (Ana, comerciante da cidade).

Os ciganos não são confiáveis, eu mesmo não confio... essa corja de ladrões, vive aí pedindo as coisas para as pessoas, e ainda vem vender figa e ler a mão, só besta para acreditar nessas coisas de cigano. (Luzia, moradora de cidade).

Menina, você não sabe? Quando eu trabalhava no comércio, em uma lojinha de bebê, chegou aquele grupo de ciganas, elas me ludibriaram [...] Assim, ficaram umas na minha frente e aí vieram outras e roubaram as roupinhas das crianças e saíram correndo e não pagaram nada. Eu achei aquilo o cúmulo do absurdo! E isso era constante, eles são ladrões mesmo! (Samanta, moradora da cidade)

De acordo com as entrevistas citadas acima, fica claro e notório que os ciganos de Cruz das Almas, carregam consigo estigmas que os colocam de uma forma depreciada pela sociedade, muitas vezes levando adjetivos pejorativos.

Goldfarb (2013, p. 96) fala um pouco sobre a exclusão dos ciganos pela sociedade:

Excluir, banir os ciganos dos limites do “mundo ordeiro” representa uma estratégia de exclusão, limitando ou impossibilitando o diálogo, confinar – visível ou invisivelmente – através da exclusão social significa proibi-los de fraternizar, familiarizar, do conúbio ou do comércio.

A Patrícia Goldfarb (2013, p. 96), ainda fala que a exclusão e o confinamento da população cigana, torna-se favorável para que ocorra um distanciamento social, onde atribui aos “outros” comportamentos considerados inadequados e os males da sociedade. A mesma ainda assegura que o processo de estigmatização afirma e reafirma relações de poder.

Outra comerciante de Cruz das Almas, já tem uma visão diferente das anteriores, mas relativa com relação aos ciganos, ela não generaliza.

Raquel é dona de um estabelecimento comercial a mais de dez anos, anteriormente o seu pai tomava conta da loja, porém, com a idade avançada do mesmo, Raquel passou a administra-la. Ela tem 39 anos, tem o terceiro grau completo e é casada.

- Você já teve contato com ciganos? Se a resposta for sim, quais os contatos?

- Já tive contato sim com ciganos. Tem até uma senhora que eu apelidei de “moça bonita”, porque ela me chamava de moça bonita. Ela agora está morando em Mangabeira. Ela comprava sempre aqui e chegou até a ter crediário, notinhas aqui, a gente notava uma coisa ou outra. E daí ele entrava, e para a gente tudo bem, nunca tivemos problemas com ela, sempre foi tranquila. Nunca roubou nada na loja, e na maioria das vezes eles ficam anos morando na cidade e aí nós temos um contato maior. Eles normalmente compram aqui no comércio, aqui no centro e estão sempre por aqui, circulando também na feira, você vê muito vendendo figa, vendendo essas coisas e você convive mais. Aí tem uns clientes fixos, uns casais que costumam comprar aqui, aí tem alguns casais que compravam aqui já se mudaram... aí nós acabamos perdendo o contato.

- O que você acha dos ciganos?

- É uma cultura interessante. Porque tem as histórias do casamento que dura muitos dias, que dura dois, três dias... É mas tem coisas que a gente concorda e tem coisas que não concordamos. Você acha extremamente complicado, porque é totalmente diferente da nossa cultura, essa coisa das mulheres serem muito dependentes dos homens, e depois quando ficam viúvas, elas ficam praticamente pedindo esmolas, dependentes dos filhos e tudo... Então essa parte é muito diferente da nossa, então você não vê com bons olhos. A cultura deles é bastante interessante e todo o processo de criação das crianças, tem umas meninas que a gente vê pequenininha usando roupa normal e depois nós vemos já usando aquelas roupas típicas, quando adolescentes já começam a vir com as saias, e depois passa para o vestido, é todo um processo... E casam muito cedo também, isso para mim é muito estranho... Essa coisa de casar muito cedo.

- Você gostaria de ser cigana?

- Eu acho que eu não conseguiria não risos, risos... Se eu tivesse como escolher entendeu? Por causa dessa parte intolerante, de muita submissão, de muita dependência, eu acho que eu não conseguiria por isso, é uma cultura muito machista.

- Eu conheço pessoas que se casaram com ciganos, você se casaria com um cigano?

- Eu não me casaria. Justamente por essa parte de submissão, eu não me adequaria a essa questão machista deles, entendeu? Mas eu conheço uma mulher, ela agora é promotora, e ela casou com cigano, ela tem até uma filha, eu gosto muito da filha dela, e ela sempre passa para falar comigo. E o casamento não deu certo justamente por isso, porque ela é uma mulher independente e a cultura deles tem esse lado machista, foi por isso que não deu certo o casamento. Tem ciganos que são muito tradicionais, hoje em dia a maioria tem cartão de crédito, tem conta aí nas lojas, você ver eles agora com celulares modernos, coisa que a gente não via antigamente. Pois antigamente eles viviam de empréstimo de dinheiro, e as mulheres ficavam cuidando dos filhos, da casa de tudo. Hoje você já ver ciganos evangélicos, ciganos trabalhando em lojas. Eles precisam se adaptar

na verdade as mudanças, acompanhar essas mudanças. Tem até o cigano um loirinho que trabalhava em um restaurante era o antigo Ricão Gaúcho, não sei se ele ainda trabalha. Mas ele é bastante tranquilo, um dos que a gente acompanhou o crescimento dos filhos, sempre compra aqui na loja, não sei se ele foi embora, a esposa dele também é bem simpática.

Raquel é dona de um estabelecimento no centro de Cruz das Almas, porém, ela fala que tem clientes ciganos que fazem compras com frequência no seu comércio e é interessante falar que ao contrário de outros comerciantes ela não generaliza a desconfiança com relação a furtos por meio das ciganas, ela em um momento apenas me falou sobre uma cigana viúva que pega algumas coisas para comer e saciar a fome. Mas, que os ciganos que costumam ir são bastante confiáveis. Raquel também frisou bastante sobre o machismo dos ciganos e que não se adaptaria a essa cultura onde a submissão feminina é extrema.

Infelizmente as mulheres ciganas estão restritas ao ambiente doméstico, elas só podem exercer a função de dona de casa, cuidar dos filhos e marido. Ao perguntar a cigana Nalva se ela gostaria que o seu marido ajudasse nas tarefas domésticas, ela responde:

- A gente quer, mais eles não faz né? Tem dia que eu fico tão cansada e eles ficam de pra lá e pra, sai de manhã e só volta de tarde.

Outra indagação que fiz a cigana Nalva, foi se ela gostaria de ser não cigana, e ela responde:

- Eu não, eu nasci cigana e gosto de ser cigana, mas a única coisa que eu queria da brasileira era ter uma profissão como vocês, dirigir um carro sabe? Ser independente!! Isso eu queria!

Também fiz entrevista com Elisangela, ela é cruzalmense, tem 48 anos de idade, tem segundo grau completo e trabalha como vendedora no comércio de Cruz das Almas há 12 anos,

- Você já presenciou algum tipo de preconceito com algum cigano na loja?

- Já presenciei. Aqui na loja tem muito isso, os clientes costumam ter muito preconceito com ciganos. Quando chega algum cigano na loja eles sempre olham com outra cara, com outro jeito, desaprovando. E tem até alguns que chegam perto da gente e falam: - cuidado! eles podem roubar a qualquer momento! Fiquem ligados!.

Elisangela fala logo no início da entrevista que não tem nada contra ciganos, porém, quando pergunto se ela gostaria de ser uma cigana, ela tem uma reação inusitada:

“Eu?? Tem umas que é muito fedendo, é sério. Tem duas que vem aqui mesmo que são arrumadas viu? Agora tem umas duas que já são mais pobrezinhas e não fazem uma higiene corporal. Eu só queria se fosse pra ser chique igual as duas que vem aqui.”

Elisangela na sua fala acaba fazendo crítica às ciganas que frequentam a loja, falando que exalam odores ruins, porém, ela não generaliza, frisando que na loja também vem umas chiques, ela se refere a duas ciganas que tem um poder aquisitivo maior e que fazem uma boa higiene corporal. Nesse sentido Goldfarb (2013, p. 71), fala um pouco sobre o corpo como veículo de apresentação dos ciganos.

Como podemos ver o corpo é encarado tanto como veículo de apresentação dos ciganos e também críticas; pensado por meio das roupas (coloridas, sujas, desajeitadas), da higiene (ausente, não valorizada), das posturas (acocorados, desajeitados) e da fala (arrastada, diferente). A análise sobre o corpo nos leva a uma relação recíproca entre o físico e suas representações, onde o olhar de um grupo sobre o outro pode ser representado na ideia de que um está sempre em vantagem.

Também conversei com Carol, ela tem 55 anos de idade, tem ensino superior completo, ela faz parte da membresia do Templo Batista, onde a maioria dos membros são ciganos. Carol é casada e frequenta o Templo Batista há anos, antes mesmo dos ciganos virem congregar no templo, por ela está desde a chegada dos ciganos a entrevista ganha sua acuidade. Carol fala da admiração que ela tem das ciganas pelo pudor com o corpo.

- O que acha das ciganas?

- Eu conhecia muitas ciganas, as ciganas tem o zelo pelo corpo delas... eu conhecia uma mesmo que ia tomar injeção e já entrava na sala

mostrando só lugar que queria tomar a medicação, era uma coisa linda mesmo, e hoje eu fico feliz porque eu vejo essas meninas lá na igreja Batista, isso tem uns 10 anos. E hoje quando eu vejo essas meninas na igreja elas me dão muitos abraços, tem duas lá na sede, são tão amorosas...

Ao mesmo tempo que as ciganas são criticadas por sua higiene, elas são apreciadas pelo pudor com o corpo, por sempre vestirem aqueles longos vestidos coloridos e brilhantes que atrai pela beleza e cria todo um imaginário sobre ciganos.

Nas minhas entrevistas eu acabei fazendo perguntas que poderia indicar algum tipo de preconceito contra os ciganos.

Também fiz perguntas para Levi, ele tem 30 anos, tem o ensino superior incompleto e é solteiro. Levi trabalha na casa dos ciganos há 2 anos e convive diretamente com eles

- Você já teve algum contato com ciganos? Se teve, qual foi?
- Eu tenho direto, mas um contato profissional, eu trabalho aqui. Meu contato direto tem dois anos.
- Que você acha dos ciganos?
- Os daqui são tranquilos.
- Se os seus filhos falassem que iriam casar com um cigano ou uma cigana. Qual seria a sua reação?
- É muito difícil, as ciganas casam com 15 anos, mas eu deixaria a critério deles. Agora eu, não me casaria.
- Você já teve medo de ciganos?
- Já tive sim. Tinha uns ciganos daquele lado de lá, que oh cigano terrível... Tinha umas ciganas do lado dos passinhos que oh ciganas viu... Quando acampava ali, não tinha um que não tinha medo. Agora que os brasileiros enfrentam os ciganos, mas antes os ciganos eram uns cangaceiros. Os ciganos eram terríveis. E hoje é assim, toma o que não é deles e falam que é deles e coloca a cara pra cima e pronto. O brasileiro tomou as rédeas. Todo mundo tem porte de arma, todo mundo atira mesmo.
- Quais as diferenças entre ciganos e não ciganos?
- O jeito dos ciganos falarem é diferente, as vestes, a cultura diferente do não cigano. As músicas deles são diferentes, os brasileiros gostam de pagode, eles não gostam. As músicas dos ciganos tem mais letra né? Osvaldo Braga, Tayrone, Vanole, eles gostam mais de sertanejo. Milionário e José Rico, antigamente, Teodoro e Sampaio, Eduardo Costa, Leonardo.

- Você votaria para um cigano para lhe representar como prefeito ou vereador da cidade de Cruz das Almas?
- Rapaz... Eu voltaria sim! Se fosse uma pessoa com muito caráter. Porque assim como existe cigano trapaceiro existe também ciganos de caráter.
- Você acha que os ciganos podem ser professores?
- Acho. Porque hoje os direitos são iguais. Agora são iguais a brasileiros, tem uns que gostam de estudar e outros não gostam.
- Como os ciganos ganham a vida aqui em Cruz das Almas?
- A maioria com os juros doído deles. Agora todo mundo sabe que eles cobram juros altos, mas vai quem quer. Se tem o banco pra fazer empréstimo? Porque pega na mão dos ciganos? Tipo o seu Fernando, quando liga pra cobrar... ele ameaça... Grita: -Eu quero o meu dinheiro!!! Eu vou fazer isso, eu vou fazer aquilo.
- Você adotaria uma criança cigana?
- Não adotaria, porque teria certeza que futuramente teria problema. Eu adotaria um brasileiro, como eles adotam brasileiro.

O entrevistado Levi demonstrou temor para com os ciganos, ele trabalha a dois anos na casa de indivíduos dessa etnia, quando eu perguntei se ele se casaria com uma cigana, ela demonstrou medo e falou que não se casaria jamais, ele tem consciência que eles estão estudando, se qualificando, porém fala que não adotaria uma criança cigana, pois daria problemas no futuro, segundo sua concepção. Levi ressalta a prática da agiotagem e frisa que os ciganos cobram juros exacerbado, porém, 'vai quem quer'. Durante essa entrevista eu percebi bastante o medo do interlocutor e muitas vezes ele falava baixo para os ciganos não ouvirem. Porém, através das respostas de Levi é notório o preconceito que ele carrega em relação a esse povo, todavia, é aquela velha história, de que aqui no Brasil as pessoas tem preconceito de ter preconceito.

### 3.2.2 O que os evangélicos pensam dos ciganos

Em uma das minhas visitas na igreja, tive a oportunidade de conversar com Mariana, ela tem 46 anos de idade, tem 30 anos de convertida, atualmente faz faculdade em Teologia, tem uma filha e seu esposo não é convertido.

- Você já teve algum contato com os ciganos?
- Sim, na igreja, pelo convívio na igreja.
  
- O que você acha de ciganos?
- É um povo bonito, e é um povo assim também... é um povo que precisa de mais amor de nós que não somos ciganos.
  
- Você gostaria de ser cigana? Por quê?
- Nunca passou pela minha cabeça em ser cigana... eu não sei...eu não tenho preconceito, mas se eu fosse uma cigana seria uma cigana linda.
  
- Você se casaria com um cigano?
- Sim. Porque eu acho que é um ser humano como outro qualquer. Só porque eles são de costumes diferentes da nossa, mas me casaria. Acho que só não me adaptaria a submissão, acho que não me encaixaria nesse lado aí.
  
- Se seus filhos falassem que iriam se casar com um cigano, qual seria sua reação?
- Sei lá... eu conversaria primeiro e mostraria os dois lados, falaria do estilo de vida deles que são diferentes pra não ter conflito mais tarde.
  
- Você já teve medo de ciganos?
- Não. Nunca tive. Ouvia falar que eles pegavam as coisas dos outros.
  
- O que você acha da conversão cigana?
- Eu acho isso excelente, maravilhoso eles estão tendo sede do verdadeiro Deus. E com isso Deus tem mudado a vida deles e da família deles. Tem dado libertação e eles têm sido mais livres. E é um meio deles e estarem mais inseridos na sociedade, porque a igreja é o meio social.

Mariana durante a entrevista não apresentou nenhum sinal de preconceito com relação a ciganos, porém ela não concorda com o fato das mulheres serem submissas a seus maridos e também das mulheres não estudarem.

Na oportunidade, conheci o Diego na igreja, ele é evangélico, tem 49 anos e tem aproximadamente 36 anos de convertido, ele é casado com Francisca, também

evangélica e tem 3 filhos. Diego concluiu o ensino médio e trabalha no comércio de Cruz das Almas.

- Você já teve contato com ciganos? Se teve, qual foi?

- Já tive. Quando eu era criança, quase nessa faixa de idade de 12, 13 anos, eu me mudei pra Rua em Cruz das Almas e tinha uma família de ciganos, a família do cigano Bendito. Eles são bem conhecidos, bem populares aqui em Cruz das Almas, E aí a gente brincava de bola e de gude, onde hoje um deles é pastor. Então, o que eu acho deles... Então o povo cigano tenho seus costumes e aqui vive mais de agiotagem, emprestar dinheiro à juros.

- Você já presenciou algum tipo de preconceito contra ciganos aqui em Cruz das Almas?

- Rapaz eu já presenciei até na loja, quando um cliente normal, chega as pessoas atende com toda atenção, mas quando os ciganos chegam, se eles pudessem não atendiam, porque dá impressão que os ciganos são mais exigentes, principalmente as mulheres. Um dia desses mesmo eu fui atender uma cigana e ela me perguntou: - Não tem uma vasilha que não tenha arranhão não? Ai eu atendi bem, procurei com ela a vasilha, mas percebi que elas são bem exigentes.

- Quais as principais diferenças entre ciganos e ciganas?

- O homem é mais propenso agiotagem, as trocas, eles gostam de negociar, e as mulheres gostam mais de sair pela rua querendo ler a mão e vender aquelas figas, muitas querem rezar na pessoa pra conseguir algum dinheiro, muitas vezes enganar pra ter um dinheirinho, as ciganas também gostam de pedir, as vezes eu nem sei se na casa delas tem essa falta toda, mas elas tem aquele costume de pedir, inclusive tem uma que se chama Regina, que todo ano eu dou um presente de natal para ela, mas essa é bem pobrezinha aí eu e o outro rapaz da loja dá um presente a ela.

- Você adotaria uma criança cigana?

- E eu não sei, não sei se adotaria uma criança cigana. Talvez eu preferia adotar uma criança que não tivesse esses costumes, se bem que a criança a gente pode moldar, eu colocaria em porcentagem, eu colocaria 30% para adotar uma criança cigana e 70% para adotar uma criança que não fosse cigana.

- Você gostaria de ter vizinho cigano?

- Eu já tive, como eu te falei no início quando eu era criança tínhamos vizinhos ciganos e não tenho nada contra não.

- Quando você tinha vizinhos ciganos, o que você achava de mais diferente na cultura deles?

- É justamente a maneira deles se comportarem, é totalmente diferente da nossa, se bem que ciganos que eram meus vizinhos se adaptaram muito ao jeito da gente, jogava bola, brincavam de gude, fazia tudo que a gente fazia, mas eu notava que os procedimentos dos pais era totalmente diferente dos meus, os ciganos eles saiam mas na maioria das vezes estava em casa, coisa diferente da nossa realidade, pois os nossos pais na maioria do tempo está na rua trabalhando, já os ciganos ficam mais em casa e bem vestidos com aquele chapéu, aquela camisa branca, Todo social praticamente.

- Você acha que um cigano pode ser pastor ou padre?

- Sim. E assisto as pregações dele constantemente.

- Você daria emprego a um cigano?

- Daria, se ele mostrasse interesse em trabalhar sim. Porque na maioria das vezes eles não se adaptam ao trabalho da gente.

Diego fala de vários assuntos nessa parte da entrevista, destaca que já teve vizinhos ciganos que se adaptaram com a vida dos Jurons ou não ciganos rapidamente. Todavia, ele desde criança percebeu que os pais ciganos tinham costumes diferenciados, pois não trabalhavam, porém os pais dele trabalhavam fora e era difícil estarem em casa. Mas, quando eu pergunto se ele adotaria uma criança cigana ele ficou pensativo, e falou que preferiria adotar uma criança não cigana, devido os costumes diferenciados. Talvez ele tenha pensado que os estigmas dos ciganos viriam na criança e que ele teria problemas futuros. O estigma carregado pelos ciganos é tão forte que até mesmo uma criança, pelo simples fato de pertencer a esse grupo sofre a mesma proporção do estigma.

Ferrari (2006, p. 80), destaca sobre a necessidade do contato com o outro para descobrir a si mesmo.

A necessidade do contato com um outro para descobrir a si mesmo é um lugar-comum do exercício da antropologia. Tomamos consciência de nossa cultura no instante mesmo em que nos defrontamos com outra cultura. Ou ainda, em outros termos, ao inventarmos outra cultura, inventamos simultaneamente a nossa. Esse procedimento de contraste, contradição e reflexão permite, em determinadas circunstâncias, afirmações de identidades por oposição, e também por semelhança.

Então, como vimos na entrevista de Diego e dos outros entrevistados, eles conhecem a cultura do outro e percebem que a sua cultura é diferente. Alguns

interlocutores conhecem a cultura do próximo e reconhecem que não se adaptaria aquele modo de viver tão diferente do seu, é obvio que o antropólogo faz esse exercício de uma forma bem mais apurada e científica, cabe salientar. Mas, é muito interessante vermos opiniões de uma pessoa com cultura diferenciada, para sabermos qual a visão que ela tem do outro, ainda mais sobre os ciganos, uma etnia tão marginalizada, estereotipada e que carrega tantos estigmas.

Também conversei com Antonio, morador de Cruz das Almas, evangélico, casado com Ana Rita, tem 12 anos de convertido e 40 anos de idade, ele tem o segundo grau completo.

- Você gostaria de ser cigano?
- Eu particularmente não.

- Por que?
- Acho que a gente olha assim... o sistema de vida deles... É bem diferente do nosso, o jeito de se vestir, o jeito de falar é totalmente diferente. Não que a gente tenha preconceito, não é preconceito, eu não gostaria de ser cigano.

- Será que você não gostaria de ser cigano por todo o estereótipo conhecido pela sociedade com relação a ciganos?

- Bem, não são todos, mas costumam ser violentos e a maioria andam armados e qualquer coisinha parte pra violência, e essas coisas não faz parte da minha personalidade, acho que não me adaptaria para ser um cigano.

Pude conhecer um membro da 1ª Igreja Batista, cujo nome é Ezequiel, é casado, tem 55 anos de idade, 40 anos de convertido e tem quatro filhos. Ezequiel tem o segundo grau completo, esse membro presenciou a chegada dos primeiros ciganos na igreja devido ao tempo de convertido. Ezequiel fala um pouco sobre a conversão cigana.

- Se por acaso o pastor Luan fosse pastor da Primeira Igreja Batista, teria algum problema, pelo fato dele ser cigano?

- O que importa é que as pessoas independente de ser e cigano ou não, o que importa é que cada um pregue a palavra e viva a palavra, porque é a palavra que faz diferença entre o mundo e o homem, cada ser humano Deus deu o livre arbítrio e a sua escolha, mas o que importa é que não haja acepção de pessoas, se Jesus fosse preconceituosa ele não teria vindo ao mundo pra nasce e morre por causa dos nossos pecados. Ele foi o principal exemplo de combater o preconceito.

- Quando começaram os primeiros ciganos a irem na igreja, houve algum murmurinho entre os membros se perguntando o que os ciganos estavam fazendo na igreja?

- Independente da posição social, da classe, todos são convidados a conhecer a Jesus, e não pode, não pode existir no meio da igreja do Senhor é acepção de pessoas, né? O amor, o cuidado tem que ser igual para que as pessoas vejam que aqui as pessoas que forma a igreja de Deus são pessoas diferentes, são pessoas que não fazem acepção de pessoas.

Na entrevista de Ezequiel, podemos perceber que ele sempre se refere aos ensinamentos bíblicos e faz questão de falar que Deus não fez acepção de pessoas e as pessoas da igreja também não devem fazer. Diante disso, Ezequiel não me pareceu preconceituoso, ele ainda falou que faz visitas aos ciganos não convertido para falar da palavra de Deus.

### 3.3 Imagens auto atribuídos aos ciganos.

Falar sobre a imagem auto atribuída aos ciganos é algo complicado, pois na visão deles, dos calons, os ciganos são iguais aos “brasileiro” a única diferença é a cultura e os costumes.

Sobre esse assunto eu entrevistei Rafael, ele é cigano, filho de pai e mãe cigana, tem 26 anos de idade, é casado com Luzia, também cigana e evangélica, estudou até o terceiro ano do fundamental I, e é membro do Templo Batista há 4 anos. Rafael fala o que é ser cigano para ele

- O que é ser cigano pra você?

- O cigano é como um homem normal, é igual a brasileiro mermo...nós veste igual a brasileiro, faz as coisa que o brasileiro faz, eu mermo trabalhei na roça catando limão um bom tempo na roça do irmão da igreja, a única coisa que não é igual é a língua, a forma de falar mermo só isso... os costumes também... só isso mermo...

Porém, quando eu pergunto se ele gostaria de ser não-cigano, ele fala um pouco do que realmente ele pensa sobre alguns ciganos.

- Você gostaria de ser brasileiro ou não cigano?

- Eu? Mas se Deus já me colocou assim, eu tenho orgulho de ser cigano. Tenho orgulho da cultura cigana. Mas tem algumas atitudes

de algum cigano que eu vou dizer para você, eu não apoio não. Vou ser sincero com você eu não gosto não. Sobre os costumes de tratar as pessoas de ser mais educado... Alguns são muito brutos não sabe tratar com educação. Eu fico assim achando chato eu como cigano entendeu? Não apoio certas atitudes. Eu acho chato a forma de tratar os outros. Ele muitas vezes são grossos, pega mulher na rua, cai na farra...

Nesse momento ele fala das atitudes de alguns cigano, como eles tratam as pessoas, muitas vezes com grosseria, tendem a ter relações extraconjugais<sup>28</sup>, gostam de ingerir bebidas alcoólicas, porém é de ligeira importância frisar que ele não generaliza.

Também entrevistei a esposa do Rafael, a Luzia, ela é uma cigana evangélica, tem 25 anos de idade, e já tem quatro anos de convertida, Luzia estudou até a quinta série do fundamental e tem dois filhos. Luzia é membra do Templo Batista.

- O que é ser cigana pra você?
- A cigana é igual a uma brasileira... a única diferença é a roupa que é diferente, que cigana usa esses vestido e elas usa roupa de brasileira...

Também entrevistei o cigano de codinome Luan, ele tem 36 anos, é pastor e responsável pela congregação Templo Batista, casado com Ariana (também cigana). Atualmente faz pós-graduação em Missiologia, tem aproximadamente 11 anos de convertido.

- O que é ser cigano para você? Quais as características de um cigano?
- Então... Ser cigano é nascer de pai e mãe ciganos. Agora o que caracteriza o cigano, nem sempre é sua forma de falar, de vestir, mas o que caracteriza um cigano é ele pensar que é um cigano, ele sentir que é cigano. O traço mais forte da característica da identidade cigana é a língua, quando ele fala a língua, quando ele é casado com uma cigana e ele vive na comunidade cigana ele tem todas as prerrogativas de um cigano. Mas ainda existe vários outros detalhes. Tem ciganos que o pai é cigano e a mãe não é cigana se ele for criado fora do grupo quase ninguém vai considera-lo como cigano ou então vão chama-lo de cigano "Juronzado"<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> As relações extraconjugais mencionadas neste trabalho são relacionadas aos homens calons e não as mulheres calins.

<sup>29</sup> Juronzado é o termo êmico utilizado para identificar o filho de um cigano com uma não cigana, ou vice versa, é um termo que é relacionado com a palavra misturado, aquilo que não é puro.

Então o cigano Luan, ressalta que ser cigano é ser filho de pai e mãe ciganos. E ainda afirma que os ciganos mestiços não são legitimados pelo povo cigano quando não são criados no grupo.

Já Ariane tem a sua concepção de cigano. Ariane é cigana, casada com um cigano evangélico, tem 36 anos e sabe ler, sendo que antes da conversão, segundo ela, não sabia ler direito, mas após a conversão ela foi aperfeiçoando a leitura, através da leitura da bíblia, Ariane tem 11 anos de convertida.

- O que é ser cigana para você? Quais as características de uma cigana e de um cigano?

- Ser cigano pra mim é bom, coisa boa, é uma cultura escolhida por Deus, amo ser cigana. As características? Os costumes né? as mulheres sempre é submissa aos seus maridos, a cigana cuida da casa, cuida dos filhos, cuida das coisas do marido e cuida do marido. Isso é submissão né? ao marido, porém a gente já cresce nesse costume. Já os ciganos gostam de festa, comes e bebes

Em outro momento eu faço a mesma pergunta para a Ariane, porém, ela responde de uma forma diferente. Mas, é isso que ela acha que é ser cigano e cigana.

- Me fale como é ser cigana?

- Ser cigano é querer ser livre, cigano gosta de viver livre, sentir o vento bater no seu rosto. Cigano gosta de fazer seu próprio horário, não gosta de ser mandado pelos outros, por isso cigano não gosta de trabalhar da forma como os brasileiros trabalham. A mulher cigana tem que ser submissa aos seus esposos, cuidar direitinho do marido, da casa e dos filhos. Ser cigano é isso...

Nas minhas caminhadas por Cruz das Almas, encontrei um jovem de 21 anos de idade chamado Bernardo, onde a sua mãe é Jurin ou “brasileira” e seu pai calon, ele é considerado pelo seu grupo, como um cigano mestiço, e ainda usam um termo êmico “juronzado”, ele mora em Cruz das Almas há 20 anos e se considera cigano apesar de ser mestiço, estudou até o sétimo ano do fundamental e atualmente ele trabalha em uma locadora de veículos. Segundo Bernardo, ele não convive muito com a família cigana, mas faz visitas frequentemente nas cidades próximas de Cruz das Almas, como Governador Mangabeira e Conceição da Feira. Logo em seguida podemos ver a entrevista que eu fiz com Bernardo.

- O que é ser cigano pra você?

- Ser cigano é minha tradição, meu orgulho, eu tenho orgulho de chegar assim, e dizer assim: - Eu sou cigano! Eu não tenho vergonha, tem uns colegas mesmo que tem uns lugar que eles chegam aí eles ficam tudo aflito, porque a galera fica olhando, falando: -Ah! Cigano é ladrão, que cigano é isso, que cigano é aquilo. É porque a gente conquista as coisas da gente, aí ficam falando que cigano é ladrão, isso não tem nada a ver, e ainda tá no dicionário brasileiro que o cigano é velho, rabugento, que a gente cheira mal, não tem nada a ver isso sobre a gente. Tipo, na escola a galera falava: - Ah! Ele é cigano! Um bocado de gente fazia amizade comigo, mais tinha uma boa parte que tinha medo de mim, como se eu fosse um bicho horroroso, e aí ficavam falando: - Ele é cigano! Ele é cigano!
- E o que achava deles sentirem medo de você?
- Às vezes eu achava até bom, porque pelo menos não mexia comigo e eu ficava no meu canto.
- Você sofria bullying na escola então?
- Um pouco, porque eu já deixei de ter vários amigos por causa de ser cigano, e nem sou puro, eu sou mestiço.

O cigano frisa que sofria com bullying na escola, mas apesar de tudo, ele tinha orgulho de pertencer a esse grupo. O bullying não fazia com que ele escondesse a sua origem, apesar da mestiçagem. Bernardo Sofre preconceito também do seu próprio grupo, já que os mesmos usam o termo “juronzado” para identificar os ciganos mestiços que não moram com o grupo cigano. Contudo, ele sofre discriminação duas vezes, já que sofre discriminação dos não ciganos e também do seu grupo.

Uma outra questão que eu gostaria de frisar é o fato de alguns ciganos reforçarem alguns estereótipos, como vimos na entrevista de Bernardo, como forma de auto defesa, até mesmo pelo fato da imagem do cigano ser bastante deteriorada e estereotipada pelos não ciganos.

Conversando com uma das ciganas convertidas, a Luzia, esposa de Rafael, e contando a minha experiência com os roubos dos pratos, que eu irei falar com detalhes no capítulo V, a Luzia me falou que já aconteceu com ela também. Porém, isso só ocorreu com ela pelo fato dela ser evangélica e algumas ciganas não gostarem dessa opção religiosa, a calin ainda fala que colocaram apelido nela por conta de sua opção, Luzia fala um pouco sobre isso:

- É minha irmã, esse negócio de roubar os pratos não aconteceu apenas com você não, já aconteceu comigo também nos casamentos, e ainda me chamavam de “crente do jegue” só porque eu sou cristã. Eu sofri muito com isso.

Como podemos ver alguns ciganos que se convertem sofrem com a discriminação do seu próprio grupo, ganhando apelidos e ainda tem que suportar rejeições de alguns integrante. Porém, é importante frisar que nem todos os ciganos

não evangélicos pensam dessa forma, na maioria das vezes que eu perguntava sobre a conversão eles falavam que era algo maravilhoso que é muito bom ser crente.

Logo no início das minhas pesquisas eu sentia uma enorme dificuldade na hora de perguntar o que é ser cigano/a para eles, pois sempre falavam que eram iguais aos brasileiros. Então, decidi perguntar de uma forma diferente.

A Márcia, 27 anos, estudou até a 6ª série do fundamental II, membra da Igreja Batista, casada e tem dois filhos, fala um pouco sobre ser cigana.

- O que eu tenho que fazer para me tornar uma cigana?
- Vestir roupa de cigana, usar os brincos, mudar o jeito do cabelo... se comportar do jeito de cigana, se comportar feito cigana.
- Como é se comportar feito cigana?
- Se comportar, se vestir bem, não deixar as pernas do lado de fora, cuidar da vida, lavar prato, lavar roupa, porque cigana é assim, não trabalha nessas coisas de loja, nesses trabalhos fora de casa. Aí tem que ir lavar roupa, lavar prato, fazer comida... Tem que cuidar do marido.
- E como vocês cuidam do marido?
- Dá comida na hora certa, quando chamar ouvir, não dá repelão, não reclamar.
- E que mais eu tenho que fazer para me tornar cigana?
- Tem que falar a língua de cigana, o chibi...

Aproveitando a oportunidade, também falei a Márcia, sobre o meu marido querer se transformar em um cigano, e o que ele deveria fazer para isso.

- E se o meu marido quiser se comportar como cigano, o que ele deve fazer?
- Fazer as coisas que cigano faz, trocar rádio, celular, trocar relógio, carro, terreno, sobrevivi disso. Porque assim tem homens que são donos de mercados, de fazenda, e cigano não tem isso. Cigano faz negócios, cigano trabalha de ambulante, ajudante de pedreiro. O corte do cabelo é diferente também...
- Você acha que o seu marido deveria ajudar nas tarefas domésticas?
- Ajuda não! Eles só fazem colocar comida dentro de casa, o resto é a gente que tem que fazer.

Depois de conhecermos melhor os estereótipos transnacionais, assim como, a visão do outro sobre os ciganos e também a visão dos ciganos sobre eles mesmos, iremos dar prosseguimento com os casamentos ciganos.

## CAPÍTULO IV

### CASAMENTO CIGANO NO RECÔNCAVO- PREPARAÇÃO, ARTICULAÇÃO E DINÂMICA

O casamento é um momento de rito de passagem muito importante para as calins e os calons do Recôncavo Baiano, é justamente no casamento que os noivos passam de crianças para a fase adulta e isso é pariforme para ambos os gêneros.

Com o intuito de sabermos um pouco mais sobre o casamento cigano na Bahia de uma forma resumida, eu gostaria de mencionar a entrevista com Bernardo, de 21 anos de idade, um cigano mestiço, filho de pai cigano e mãe não-cigana, eu pergunto sobre a cultura cigana e ele me fala um pouco sobre os casamentos, como eles fazem questão de se casarem entre a própria família, fala sobre o dote e a agiotagem.

- Você pode me falar um pouco sobre a cultura cigana?

- É... os ciganos foram emigrados da Turquia e da Índia, quando tava iniciando a população no Brasil, aí eles se misturou com os índios, de lá pra cá... e a tradição cigana é mais o casamento, o dote, ouro e... a tradição do casamento é assim, se eu tenho um filho e minha prima tem uma filha a gente casa eles, tipo assim... eu tô aqui e eu tenho uma prima, aí eu caso com minha prima pra não sair da família, entendeu? Aí eu tenho um filho e vamos supor que o meu irmão tem uma filha, aí a gente casa os dois, aí no caso o meu irmão banca tudo, até o dote quem dá é o pai da noiva... aí são três dias de festa, começa o primeiro dia, aí casa, depois de lá são três dias e nesse intervalo a noiva troca de vestido umas nove a doze vezes, só aqueles vestidos bonitos mesmo, aí depois que acaba a festa eles vão para casa deles, que já tem tudo lá, tudo mesmo que você pensar em uma casa, eles tem tudo, cama, sofá, esses bagulho tudo... Aí tem a primeira noite, onde a menina tem que provar que era virgem, aí no outro dia pela manhã eles mostram a camisa suja de sangue. E outra coisa, o pai da menina dá uma ponta em dinheiro, geralmente dá 30 mil, 40 mil, 20 mil, varia pela condição da família, aí eles vão se movimentando com aquele dinheiro.

- Vai investido e multiplicando, é isso?

- Sim. Porque a gente cigano é difícil você ver trabalhando (risos). Na verdade, a gente vive mais de agiota, emprestando dinheiro à juros, só que tem uns que gosta de trabalhar, né?

Fiquei sabendo do acontecimento do casamento cigano em Governador Mangabeira através de uma ex. vizinha, a cigana Marisa, residente no município de Governador Mangabeira. A Marisa falou que iria acontecer um grande casamento na cidade e que teria muita comida, muita bebida, muita dança e que ela já tinha ido na

costureira para fazer o seu vestido. Sabendo do evento, acabei comentando com as minhas interlocutoras, e a maioria falou que iria, e que o tecido já estava na costureira. Passados alguns dias, o pastor Luan mencionou que iria realizar a cerimônia, então eu falei que gostaria de estar presente, já que nunca tinha presenciado um casamento como esse.

#### 4.1 Preparação para o casamento

Partindo do pressuposto que as ciganas estavam se preparando para o casamento, através da confecção dos vestidos, resolvi focar nessa preparação. Fazendo visitas para a costureira especializada em vestidos ciganos, na tentativa de obter maiores informações sobre os maravilhosos e fascinantes vestidos ciganos.

Em vários trabalhos sobre casamento cigano, ainda não tinha encontrado nenhum retratando a preparação dos convidados, através da confecção dos vestidos, sendo assim, achei interessante mostrar esse assunto que é muitas vezes esquecido pelo pesquisador.

[Maraísa]: Logo no início das minhas pesquisas, fiquei sabendo do acontecimento desse casamento na cidade de Governador Mangabeira. Logo depois quando fui até Cruz das Almas, não se falava em outra coisa, se não no casamento. As mulheres todas preocupadas com vestido novo que teria que fazer para o casamento tão esperado.

As mulheres ciganas estavam muito preocupadas com os vestidos, e a maioria foram para as costureiras. Então, eu resolvi pesquisar os modelos dos vestidos que as ciganas estavam pedindo para o casamento.

No dia seguinte fui até a costureira, cujo codinome é Florência, ela tem 57 anos de idade e faz costura para ciganas a mais de 30 anos, é uma costureira especializada em vestidos ciganos, ela faz a maioria dos vestidos das ciganas evangélicas e não evangélicas da cidade de Cruz das Almas. Então eu fui até a Florência, e perguntei quais os modelos que ela costumava fazer para esse público.

Eu costumo fazer de quatro pontas normal, quatro pontas com capinha do lado, três babados aberto do lado, três babados fechado, princesinha de babadinho do lado, princesinha normal, duas princesinhas, Tayrone, que é abertinho do lado, asas livres, com nesga na frente e nesga atrás e as pontas do lado, tem

da Barbie que tem que ser 16 metros todo cortadinho e queimadinho nas bordas, todo cheio de babadinho ou faz decorado ou faz comum, Elusa , rainha e tem rainha fechado e aberto, tem vários modelos, 4 pontas a maioria das roupa de cigano tem que ter capa geralmente tem capa, é difícil não ter capa colorido, quando uma quer todo mundo que é igual

É muito impressionante a quantidade de modelos de vestidos e o engraçado é que quando uma quer de um modelo todas querem, é como se fosse uma moda gerada pelas ciganas do Recôncavo Baiano. A seguir eu coloquei alguns modelos de vestidos feitos para o casamento cigano.



24- Vestidos modelo três babado fechado e Barbie.



25- Vestido modelo quatro ponta curta fechada.



26- Vestido modelo Rainha.



27- Vestido modelo Tháís.

Depois de termos conhecido as preparações dos convidados para casamento, vamos conhecer um pouco sobre a dinâmica da festa e como ocorre a separação espacial entre os gêneros.

#### 4.2 Dinâmica da festa de casamento

Este casamento foi uma das partes mais ricas da minha pesquisa, já que existiam ali ciganos evangélicos e não evangélicos, todos reunidos sem distinção aparente. Este casamento foi realizado por um pastor cigano, entretanto, vale salientar que outrora todos os casamentos eram realizados apenas pelo padre na igreja Católica. Isso ocorre, pois o Pastor é visto como uma referência religiosa entre os calons do Recôncavo, além de referência religiosa ele faz parte da mesma etnia, o que denota toda diferença. A cerimônia desse casamento foi bastante rápida, pois segundo o pastor, os ciganos não tem muita paciência para cerimônias.

No momento em que eu cheguei ao clube onde estava acontecendo a festa de casamento, sem sombra de dúvida foi um choque cultural, todos dançando, comendo feijão, arroz, macarrão e carne, isso às sete horas da manhã. Depois do choque, fiquei

observando o salão de festa, porém eu percebi que todos me olhavam, como se dissessem: “O que essa jurin está fazendo aqui?”, então achei melhor esperar o pastor Luan e sua esposa Ariane chegarem para finalmente adentrar a festa, esperei por quinze minutos, enquanto isso, observava a quantidade absurda de carros na redondeza do salão de festa, cheguei a presenciar grupos de ciganos olhando um carro que aparentemente estava à venda, eles conversavam muito entre si e avaliavam o carro com precisão, logo após voltaram para o salão. Passados os quinze minutos, finalmente o pastor Luan e sua esposa chegaram, todos bem arrumados, o pastor com blazer cinza bem brilhoso e sua esposa com um vestido verde com muito brilho, nós nos cumprimentamos e entramos na festa. Logo ao entrar comecei apenas observando toda dinâmica da festa, observei como as mulheres costumam ficar separadas dos grupos masculinos e como as elas dançavam entre si.



28- Separação espacial das calins no casamento.



29- Grupo masculino no casamento.



30- Calins dançando entre si no casamento.

Como podemos observar nas imagens acima, o casamento cigano tem uma dinâmica diferenciada dos demais casamentos, as ciganas costumam sentar sempre juntas e dançar entre si, enquanto os homens costumam ficar de pé conversando sobre negócios, como por exemplo, compra de carro, compra de terreno, troca de

carro, empréstimo de dinheiro. No casamento um cigano estava responsável pelo churrasco, ele retirava da churrasqueira e outro cigano cortava as carnes para a distribuição entre os convidados. Já o feijão, o arroz e o macarrão eram distribuídos por uma Jurin, em uma parte reservada do salão para venda de bebidas. As ciganas pegavam o prato com a jurin e ela colocava o feijão, arroz e macarrão no prato, após isso, elas pegavam a carne com o cigano responsável pelo churrasco.

Através da observação, comecei a perceber que os ciganos não evangélicos ostentavam bastante os seus colares de ouro, uns mais grossos que o outro, com formato de animais, como escorpião, leão, no entanto, os ciganos evangélicos eram mais singelos, não ostentavam muito as suas joias, até porque eles não dão o mesmo significado as joias<sup>30</sup>, Porém, as mulheres evangélicas continuam usando seus colares e brincos que usavam antes da conversão, muitas delas ainda usavam dentes de ouro e tatuagem no corpo, algumas falam que usam os dentes de ouro por gostar e achar bonito, já outras falam que usam porque já não tem mais os dentes e necessitam usar prótese, porém as tatuagens ainda permanecem pela dificuldade em retirar-las do corpo. Todavia, os ciganos evangélicos e não evangélicos se misturavam de uma forma tão harmoniosa que era impossível saber diferenciá-los, na verdade eles se convertem, mas tem algumas características da calonidade que permanecem.



31- Casamento cigano em Governador Mangabeira.

---

<sup>30</sup> Os colares, brincos, pulseiras são vistos pelos ciganos não evangélicos como um amuleto que impede o acontecimento de algum mal, servindo como proteção pessoal. Já os ciganos evangélicos não ver mais o ouro como um amuleto, eles creem que o Deus que eles servem vai proteger independente de usar ouro ou não.

Até mesmo na hora de cerimônia a dinâmica é diferenciada, primeiro o noivo entra com os padrinhos, e fica esperando a noiva entrar com os padrinhos dela, é importante frisar que esses são os padrinhos de casamento e não padrinhos de batismo, como acontece em outros casamentos ciganos no Brasil, e os noivos se encontram no local que será realizada a cerimônia.

Depois do momento da entrega da noiva para o encontro com o noivo, o pastor Luan começa a cerimônia, porém poucas pessoas se interessam em ver a realização do casamento, enquanto o pastor fala, muitos continuam nos seus lugares bebendo e comendo, sem se importar nem um pouco com o fato dos meninos estarem se casando. Falo meninos, pois os noivos tinham apenas 14 anos de idade, ainda muito jovens para estarem se casando, isso na nossa concepção de “brasileiros”<sup>31</sup>. O estranhamento na verdade começa pela idade dos noivos, pois na nossa cultura pode acontecer de dois jovens casarem com essa idade, porém é muito difícil. Mas para a cultura cigana isso é muito normal e corriqueiro.



32- Ciganos comendo durante o casamento.

---

<sup>31</sup> Brasileiro é o nome dado pelos ciganos aos não ciganos.

O pastor Luan, começa a cerimônia de casamento falando da criação do homem, porém ressalta que Deus percebeu que faltava algo para completar a coroa da criação, faltava a mulher, então a mulher foi criada para ser adjutora do homem. E então Deus fala “Não é bom que o homem esteja só”, pois Adão se sentia muito só. E da costela da Adão Deus faz a mulher. Ele ainda fala que o casamento é a primeira instituição criada por Deus, o casamento tem o seu fundamento na palavra do Senhor. Fala ainda que o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. Logo após, o pastor pede as alianças para abençoar, e posteriormente os noivos trocam as alianças e se beijão.

#### 4.3 Separação espacial entre os gêneros nos casamentos calons do Recôncavo Baiano

Logo ao chegar ao casamento, percebi que havia uma separação espacial entre os gêneros, já que as mulheres ficavam mais distante dos homens, dançando entre elas ou conversando com as amigas. Enquanto os homens exibiam seus colares, seus anéis, seus carros novos uns para os outros. Durante o casamento presenciei um grupo de ciganos que saíram da festa para mostrar o carro novo que um deles havia comprado, como estava ao lado grupo, acabei ouvindo toda conversa, o dono do carro falou por quanto tinha comprando o veículo e chamou os amigos para dar uma olhada na “máquina”, segundo ele.

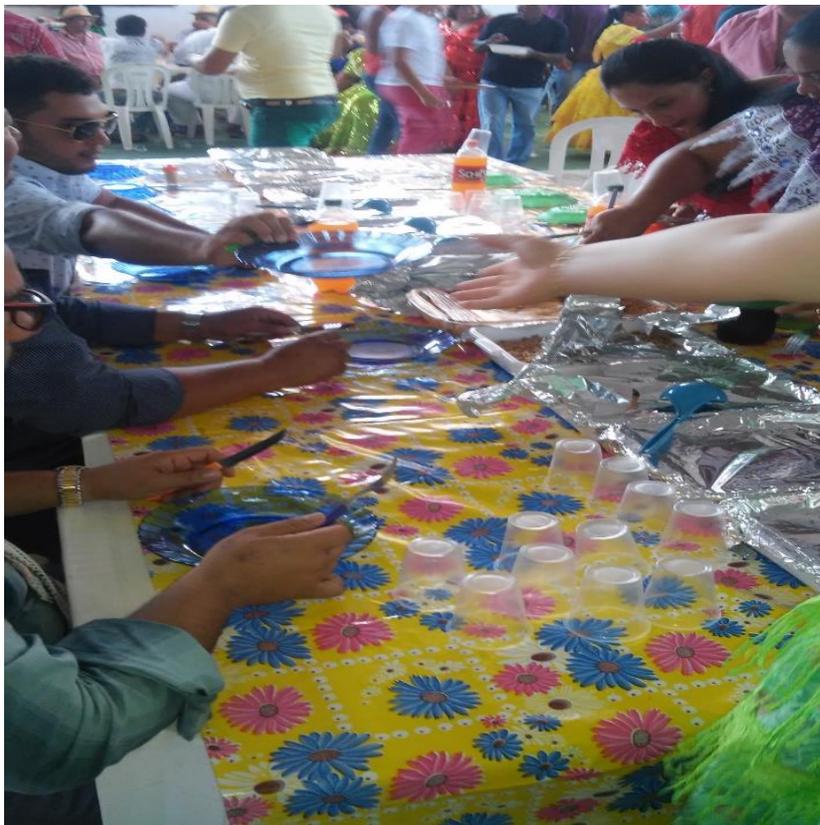
No casamento pude perceber um pouco mais sobre a calonidade dos ciganos baianos, através dos comportamentos diferenciados entre os gêneros, as vestimentas dos calons e das calins, a forma como festejam, como se alimentam e etc.

Nesse sentido, (Ferrari, 2010) aponta:

O conceito de “calonidade” é uma escolha deliberada para evitar a noção de “identidade calon”. A recusa da noção de identidade, a qual reifica processos em “entidades” existente a prior, se dá em favor de uma noção de “processo”. A “calonidade” não configura uma “lista de atributos”, mas um processo de “fazer-se”, um modo de agir “em construção”, continuamente reinventando e incompleto, por definição. Nesse sentido, a calonidade é ela própria performativa, quero dizer, é definida na e pela performance, o que não se confunde com uma formação de uma “identidade calon” atualizada em múltiplas performances. (Ferrari, 2010, p. 174-175).

Um fato bastante interessante que ocorre nas festas de casamento, quando se termina a cerimônia, é a existência de uma mesa com várias assadeiras contendo os pratos especiais da festa, onde as mulheres servem primeiro aos homens que estão na mesa, no caso a família dos noivos e o pastor, e só depois que eles são servidos é que finalmente as mulheres vão poder colocar o alimento em seus pratos.

Abaixo podemos ver a mesa preparada especialmente para os homens do casamento cigano, os privilégios dos homens são muitos, a mulher é submissa ao seu pai, o líder da família antes de casar e quando acontece o casamento com treze ou quatorze anos ela passa a ser submissa ao seu marido. Então a vida das ciganas é uma vida de submissão.



33- Ciganos sendo servido após a cerimônia.

Como podemos observar na fotografia, as ciganas servem os ciganos com os pratos especiais da festa, como lasanha, macarronada, carne de porco assado e outros. Porém, aconteceu um fato muito engraçada na hora que eu pretendia me servi, pois quando eu pegava o prato elas colocavam a comida e outra cigana me levava o prato, peguei cinco pratos e todos foram levados pelas ciganas. Na verdade,

eu entendi que esse foi um meio das ciganas falarem pra mim “- O que essa jurin está fazendo aqui? Esse não é o meio social dela?”, Outra questão que pode ter levado a essa situação é pelo fato das ciganas sentirem ciúmes dos ciganos, pois os mesmos costumam serem galanteadores, e pelo fato do cigano ser livre para ter várias mulheres brasileiras, isso acaba influenciando nos ciúmes das calins.



34- Momento de servir os pratos principais.

Enquanto eu estava no casamento, uma questão que acabou me constrangendo, foram os olhares dos calons durante a festa, mesmo usando a aliança de casada eles me olhavam de uma forma diferente, e um cigano chegou até mesmo a sentar na minha frente com aquele olhar galanteador. E isso pode ter levado as ciganas a terem ciúmes e acarretou na tomada de pratos consecutivos. Isso também ocorreu com outras pesquisadoras, como Florência Ferrari (2010), na pesquisa com os calons paulistas, onde a mesma fala dos ciúmes das ciganas que acabou atrapalhando na sua pesquisa. .

Como eu havia falado anteriormente, as ciganas evangélicas aparentam ter menos ciúmes que as não evangélicas, e no casamento de Governador Mangabeira isso ficou bastante evidente, pois as ciganas não evangélicas me viam como uma ameaça ao matrimônio delas.

Após termos conhecido um pouco sobre a preparação e dinâmica do casamento em Governador Mangabeira, iremos conhecer um pouco sobre essa cerimônia na cidade de Sapeaçu.

#### 4.4 O casamento em Sapeaçu

Fiquei sabendo dessa cerimônia através do pastor Luan, eu havia falado com ele que se houvesse casamento era para me avisar, então, o pastor me avisou uns oito dias antes do acontecimento. No entanto, esse casamento foi muito mais simples que o primeiro, até mesmo pelo dote dado pelo pai da noiva, o primeiro foram 15 mil reais, enquanto o segundo foram 4 mil reais.

Ao chegar no local, percebi que havia uma barraca toda arrumada para a cerimônia, nesta barraca, haviam salgados e bolo.



35- Bolo e salgados do casamento em Sapeaçu.

Logo ao olhar para o lado, percebi que havia um grupo de homens sentados em frente a uma barraca, enquanto as calins esperavam a noiva na barraca onde estava o bolo e os salgados. Essa é a velha separação espacial entre os gêneros dos casamentos ciganos do Recôncavo. Como podemos ver nas fotos a seguir.



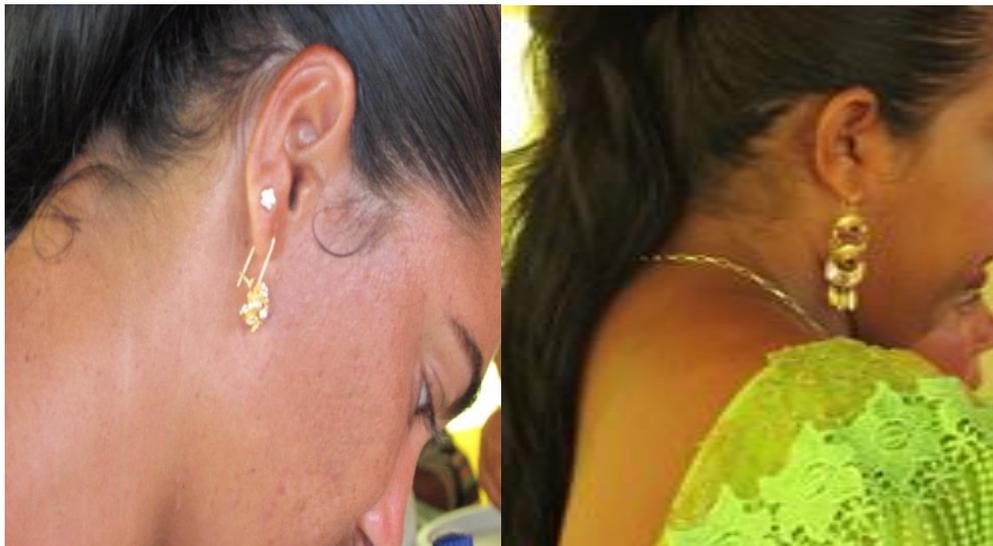
36- Homens na festa de casamento em Sapeaçu.



37- Mulheres na festa de casamento.

Como podemos observar, nas festas sempre há esse tipo de separação entre homens e mulheres, os homens costumam falar sobre terrenos, carros e alguns tipos de negócios, já as mulheres falam de vestidos, falam umas das outras e esses assuntos não interessam aos homens ciganos.

As mulheres costumam colocar seus melhores brincos e seus melhores colares de ouro na hora de se arrumar para os casamentos, como podemos ver a seguir.



38- Brincos de ouro das ciganas na festa de casamento.



39- Colares e brincos da cigana.



40- Ciganas usando adornos na festa de casamento.



41- Colares usados pelas ciganas durante os casamentos.

Todavia, o tipo de brincos e colares vai depender da posição social da cigana. Quanto mais abastado financeiramente o cigano, mais ouro a sua esposa vai ter e ele também.

Enquanto estávamos esperando a noiva, eu aproveitei para fazer alguns registros visuais, mas, primeiramente pedia permissão. Fotografei as calins os calons, sempre sentados separados, fotografei a barraca, os bolos e salgados, ou seja, fotografei tudo que me foi permitido. Todavia, logo ao chegar na barraca onde iria acontecer a casamento, percebi que todas as convidadas estavam sentadas e conversando entre si, porém não tinha mais cadeiras, mas a mãe da noiva me recebeu muito bem e logo de imediato foi buscar uma cadeira de plástico para que eu pudesse me sentar, fiquei sentada por uns 20 minutos até a chegada da noiva. A noiva veio em

um carro de um dos ciganos que estava na festa. A calin foi se arrumar em um salão de beleza da cidade e por esse motivo atrasou um pouco.



42- Noiva chegando no casamento.

Toda vestida de noiva, com um buquê de flores brancas, feito pelas próprias ciganas, a noiva entra na barraca de uma forma tímida e singela. Após a entrada, o pastor iniciou a casamento, falando sobre família, sobre como o homens devem tratar as esposa e que deve respeita-la. No momento das alianças, pelas condições financeiras dos noivos, eles não conseguiram comprar as alianças, então nesse momento o pastor orou pelo casal e os abençoou, e não podia faltar o beijo no final da cerimônia.



43- Cerimônia do casamento em Sapeçu.



44- Momento em que o pastor ora pelo casal.

Após a celebração, formou-se uma fila para pegar o bolo e os salgados, porém, os ciganos não tiveram muita paciência para esperar, e começou a confusão, cada um queria pegar o pedaço maior do bolo, pegavam os salgados, na verdade, em poucos minutos comeram tudo. Essa cena foi muito engraçada, eles brigando pela

comida, gritavam de uma forma desesperadora, porém, apesar de toda confusão todos comeram. E depois que acabou toda comida o casamento acabou, porém isso aconteceu em 15 minutos, ou seja, em 15 minutos toda comida foi servida, foi o casamento mais rápido que já fui.



45- Momento da distribuição do bolo e dos salgados.

#### 4.5 A cultura da submissão feminina

A cultura cigana é muito machista e durante a pesquisa eu pude perceber os privilégios dos homens ciganos e a extrema submissão feminina.

Com relação à situação de subalternidade feminina e esses tipos de privilégios masculinos, é importante destacar que essa situação é muito comum na etnia cigana, pelo fato dessa cultura ser extremamente patriarcal e machista, desvalorizando o papel da mulher e enxergando-a como um ser inferior. Sobre o sistema patriarcal, podemos citar Saffioti (2004):

Esta construção social do que é ser mulher e do que é ser homem se relaciona com o sistema patriarcal, aqui entendido como um sistema de dominação masculina, com constituição e fundamentação históricas, em que o homem organiza e dirige, majoritariamente, a vida social. Com o aumento da desigualdade social e a intensificação da exploração da classe trabalhadora, aprofunda-se a situação de dominação-exploração sobre a mulher. Assim, podemos afirmar que o sistema do capital articula exploração do trabalho com dominação ideológica e se apropria da lógica e valores do sistema patriarcal. Saffioti (2004, p. 56)

Nesse sentido, eu gostaria de fazer uma ressalva, destacando que na maioria das sociedades inclusive a nossa, as mulheres ainda hoje sofrem com a inferioridade imposta pela sociedade machista. Dessa forma, é interessante afirmar que a cultura cigana é sim machista, todavia, a nossa cultura também pode ser considerada machista, frisando que os níveis de machismo aqui são bem menores, o que não quer dizer inexistente. Com relação a essa temática é interessante citar Ortner (1979, p. 100), onde a autora aponta que:

Em outras palavras, explico o problema na seguinte questão. O que poderia ter havido na estrutura generalizada e nas condições de existência comuns a cada cultura, que poderia leva-la a colocar um valor inferior sobre a mulher? Especificamente a minha tese é que a mulher está identificada com – ou se se desejar, parecer ser um símbolo de – alguma coisa que cada cultura desvaloriza, alguma coisa que cada cultura determina como sendo uma ordem de existência inferior a se própria.

Ortner (1979) fazia uma analogia da mulher com natureza, onde ambas tendem a ser dominadas pelo homem, e a mulher parece mais próxima a natureza até mesmo pela questão da procriação.

A cultura cigana é patriarcal, sexista e machista. Ao homem tudo é permitido e a mulher só resta à submissão. As mulheres tem o dever de fazer as tarefas domésticas, cuidar dos filhos e ainda dar na mão dos homens ciganos tudo o que pedirem. As ciganas já nascem submissas ao seu pai, e a posteriori ao casamento passa a ser submissa ao seu marido, e se por ventura torna-se viúva passa a ser submissa a um dos seus filhos, pois as mulheres viúvas tendem a ficar com um dos seus filhos homens e não com uma das filhas.

Betty Friedan, no seu livro “*A mítica feminina*”, destaca que:

Mas a nova imagem de que essa mística reveste a mulher é também uma velha imagem: «ocupação — dona de casa». Transforma a esposa-mãe, que jamais teve oportunidade de ser outra coisa, em modelo para todas as mulheres; pressupõe que a história tenha atingido um final glorioso neste capítulo. Sob roupagens sofisticadas faz de certos aspectos concretos finitos, domésticos, da vida feminina, conforme era vivida pelas mulheres limitadas que estavam por necessidade a cozinhar, lavar, procriar, dentro de uma religião, dum padrão pelo qual deviam todas pautar-se, sob perigo de perder a feminilidade. (Friedan, 1971, p. 40-41)

Nas minhas pesquisas de campo na cidade de Cruz das Almas, passei por vários estabelecimentos comerciais no centro da cidade, e a dona de um mercadinho, aceitou fazer entrevista comigo, ela disse que muitas famílias ciganas fazem compras no mercadinho e que os homens sempre chegam na frente, enquanto as mulheres sempre ficam atrás dos homens, como se fosse muito inferior ao gênero masculino. Porém, o que me deixou pasma foi o fato dela dizer que após as compras quem carrega os pacotes eram as mulheres ciganas, ou seja, eles fizeram a parte deles de dar o dinheiro, suprir as necessidades, e as mulheres que carreguem os pesos.

Beauvoir (2009) no livro *Segundo Sexo*, utilizou a dicotomia cultura/natureza como cerne da sua teoria emancipatória: no modelo dialético existencialista, a mulher – o Outro – está condenada à imanência, pois encerrada em suas funções reprodutivas enfadonhas e repetitivas, as quais não lhes permitem colocar-se um Projeto.

Segundo Farganis<sup>32</sup> (1997, p. 228):

...Usamos o conhecimento para dominar a natureza ou para estabelecer uma relação de parceria como ela? Quem se beneficia de

---

<sup>32</sup> Farganis (1997, p. 228).

nossa visão da natureza como um objeto de ser dominado? Usamos o conhecimento para dar continuidade aos atuais arranjos de estratificação social ou para eliminar as distinções de classe? Usamos o conhecimento para confirmar padrões históricos de subordinação ou para tornar válidas propostas de equidade de gênero?

Essa indagação citada por Farganis nos leva à reflexão, porém, é de grande importância salientar que a ciência seja utilizada para transformação de realidades que devem ser mudadas e não para a permanência delas. Que sejam colocadas disciplinas sobre o estudo das mulheres, mulheres (negras) nas universidades e que também sejam colocados estudos sobre as mulheres ciganas, que são de uma minoria étnica, buscando renovar ideias já impetradas na sociedade de forma a persistir de geração em geração com mudanças infelizmente não muito relevantes.

Em uma das minhas entrevistas, eu perguntei sobre o machismo a um calon:

- Você acha que o cigano tem mais liberdade do que a mulher cigana?

-Claro, Claro que sim. A cigana veste como tu ver esses vestido. O cigano não, cigano pode ter várias mulheres, o cigano bebe, vai para farra e quando chega a comida tá pronta, a roupa tá lavada, a casa está toda arrumada. Eu acho que a cultura cigana é bastante machista. E isso é bastante machista mesmo. Mas quando a gente passa a servir ao Senhor Jesus a gente muda.

Manuela Delgado (2008, p. 165), no seu artigo “Os limites da impostura. Reflexões sobre trabalho etnográfico entre as Minorias Religiosas” frisa o machismo e o sexismo da cultura cigana.

No me extenderé con el relato de lo que he oído en casa y fuera de casa durante cuatro décadas acerca de los gitanos: pero sí traeré a estas páginas la memoria del machismo que he percibido trabajando entre ellos y ellas, la superioridad del varón que ensalzan abiertamente y parece inscrita en sus prácticas culturales (y en las nuestras, a veces enmascarado, maquillado, pero presente), que —quizás porque la proximidad de los gitanos a mi cultura, entorno y mi cotidianeidad me recuerdan quién soy— me ha resultado un tipo de discriminación más insidiosa que la provocada por las prácticas sexistas que he observado durante mis estancias de campo en Centroamérica, por ejemplo.

A Cigana evangélica Ysis, de 30 anos, casada, tem três filhos e participa tanto dos cultos da 1ª Igreja Batista, quanto do Templo Batista. Ysis fala um pouco da sua infância dura e como os homens são machistas e sexistas.

- Mas antigamente, as mães nem ligava se a gente tomava banho ou não, as tranças ficava 8 dias nem penteava... Eu via as minhas cunhada fazer as coisas nas filhas e aí eu fazia em mim mesmo, arrumava meu cabelo. A minha mãe nunca lavou meu cabelo, eu que lavava, eu que fica responsável pela barraca, eu e minha irmã. Aí a minha mãe saía pra ler a mão, vender figa, pra ver se conseguia um tostão. E ainda eu tinha que vim com a lata na cabeça pra encher o giral. Aí pegava água na cabeça pra três homens tomar banho e lavar a roupas de três homens todo dia. E ainda tinha os sobrinhos que eu tomava de conta, três, quatro sobrinhos.

- Por que os homens não pegavam água para eles tomarem banho?

- Os homens não faz nada, quem trabalha a gente. O homem só faz colocar comida dentro de casa mesmo.

Uma das minhas interlocutoras, a cigana Márcia, destaca na sua fala que para me tornar uma cigana eu teria que me comportar como cigana, fazer as tarefas domésticas, não trabalhar fora e cuidar do marido, ou seja, é uma cultura extremamente sexista. E só me comportando desta maneira que eu poderia me tornar uma cigana.

Como se comportar feito cigana?

- Se comportar, se vestir bem, não deixar as pernas do lado de fora, cuidar da vida, lavar prato, lavar roupa, porque cigana é assim, não trabalhar nessas coisas de loja, nesses trabalhos fora de casa. Aí tem que ir lavar roupa, lavar prato, fazer comida... Tem que cuidar do marido.

-E como vocês cuidam do marido?

- Dá comida na hora certa, quando chamar ouvir, não dá repelão, não reclamar.

Ela destaca ainda, que as mulheres devem cuidar das tarefas domésticas, lavar prato, lavar roupas, cuidar dos filhos e do marido. E quando eu pergunto como cuidar do marido, ela fala que a mulher precisa ser totalmente submissa ao homem, e nunca deve dizer não. A mulher já é criada para obedecer o marido, mas o fato delas aceitarem, não quer dizer que elas concordem com essa posição de submissão.

A cigana Ariane, de 26 anos, casada e membra do Templo Batista, fala que a mulher é orientada a ser obediente, logo quando marca o casamento a mãe dá conselhos as filhas.

- Existe preparação antes do casamento?

- Os pais compram tudo, compra móveis, a mãe dá conselhos, fala que ela tem que cuidar do marido, tem que fazer as coisas de casa direito, fala que não pode brigar com o marido, que não vai brigar com ele, que tem que ser boa com a sogra, que tem que ser boa com o sogro.

Nesse sentido, as mulheres ciganas são criadas para serem submissas, elas precisam cuidar de todas as tarefas domésticas, enquanto o homem apenas faz uma troca, uma venda, empresta dinheiro à juros e quando não tem o que fazer vai para casa dormir ou assistir TV.

É interessante destacar que as mulheres ciganas evangélicas agenciam essa submissão para serem beneficiadas, elas agenciam para levarem os maridos para a igreja e colocar no caminho certo, segundo elas. Então o fato delas “aceitarem” a submissão, serem obedientes aos seus maridos, fazerem o que os agrada é simplesmente uma estratégia delas para conquistar o objetivo, que é levar os maridos para a igreja evangélica.

Após conhecermos mais sobre a submissão feminina e como as ciganas agenciam essa submissão, a seguir iremos tratar sobre a conversão religiosa e as implicações dessa conversão na manutenção e atualização da identidade étnica.

## CAPÍTULO V

### A CONVERSÃO: MANUTENÇÃO E ATUALIZAÇÃO DA CALONIDADE

O capítulo V versa, tratar sobre a conversão cigana ao protestantismo e as implicações dessa conversão na manutenção e atualização da calonidade ou identidade cigana.

Em se tratando de conversão religiosa é válido salientar que trabalhos referentes a essa temática ainda podem ser considerados escasso no Brasil<sup>33</sup>. No entanto, esse capítulo abrange, a conversão dos calons e calins residentes no município de Cruz das Almas e como essa conversão implica na manutenção e atualização da identidade, ou melhor calonidade desses ciganos, prefiro utilizar o termo calonidade, já que esse termo tem muito a ver com a performance dos ciganos desse grupo. Segundo Florência a calonidade implica em uma performance:

A “calonidade” não configura uma lista de atributos, mas um processo de “fazer-se”, um modo de agir, “em construção”, continuamente reinventado e incompleto por definição. Neste sentido a calonidade é ela própria performativa, quero dizer, e definida na e pela performance [...]. (Ferrari 2010: 19)

Porém, essa performance passa por mudanças constantes, como a própria Ferrari destaca que está em construção, e essa construção nunca acaba – e essas mudanças são perceptíveis com a conversão cigana ao protestantismo entre os ciganos calons de Cruz das Almas.

Uma das performances que eles passam a fazer é levantar as mãos como forma de adoração ao seu Deus. Onde outrora eles adoravam os santos católicos e buscavam práticas ligadas ao candomblé, hoje apresentam performances totalmente diferentes das anteriormente citadas.

#### 5.1 Performance após a conversão

---

<sup>33</sup> Destaca-se aqui o trabalho do pesquisador Edênio Vale (2002) “Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa” e o artigo “Conversão ao Pentecostalismo e alterações cognitivas e de identidade”, de Stadler (2002). Outra pesquisa importante é a realizada por Rafael Shoji (2002), “Uma perspectiva analítica para os convertidos ao Budismo japonês no Brasil”.

Após a conversão os ciganos passam a fazer algumas performances que outrora não faziam, como por exemplo, levantar as mão como sinal de adoração ao seu Deus.



46- Ciganas levantando as mãos como sinal de adoração a Deus.



47- Cigana estendendo a mão como sinal de adoração ao seu Deus.

Os evangélicos costumam estender as mãos para o alto - e não é diferente entre os ciganos convertidos nas Igrejas Batistas - eles apresentam performances

iguais aos demais membros da igreja, diferenciando-se apenas pelas roupas coloridas e vibrantes das mulheres. No entanto, os homens não apresentam diferenças perceptíveis, pois os mesmos costumam se vestir igual aos jurons (não ciganos).



48- Cigana com as mãos estendidas na hora da oração.

Outra performance que os ciganos convertidos passaram a fazer é a oração, sempre com os olhos fechados, com a cabeça baixa como reverência e respeito a Deus, os ciganos oram no templo.



49- Ciganos orando a Deus.

As palmas também fazem parte da performance dos ciganos durante os cultos evangélicos. Na maioria das vezes batem-se palmas quando estão entoando louvores<sup>34</sup> no altar, as palmas também são pedidas pelo pastor ou algum dirigente<sup>35</sup> da igreja como forma de adoração ao Senhor Jesus.



50- Movimento de batida de palmas no momento do louvor.

---

<sup>34</sup> Os louvores são canções gospel entoadas no altar.

<sup>35</sup> Dirigentes são as pessoas que ficam no altar com o cronograma de tudo que irá ocorrer durante o culto, e essas pessoas vão coordenando todo o culto de acordo com o cronograma elaborado por eles. Depois o dirigente passa a palavra para o pastor ou algum pregador durante o culto, encerrando assim a participação do dirigente.



51- Ciganos batendo palmas durante um louvor.

Outro tipo de performance desenvolvida após a conversão é a leitura da bíblia. Durante os cultos, os ciganos que sabem ler, levam as suas bíblias e fazem a leitura juntamente com os demais membros da igreja. A maioria dos ciganos convertidos sabem ler, e quem não tinha muita habilidade na leitura após a conversão foi se aperfeiçoando e hoje ler perfeitamente. Porém, existem ciganos mais velhos que não sabem ler, no entanto, ouvem a leitura e acabam conhecendo a bíblia.



52- Cigana lendo a bíblia.

Como vimos, os ciganos passaram a adquirir várias performances que outrora não tinham. Sobre isso, é importante citar Goffimam, ele fala das diferentes fachadas que um grupo compartilha. Goffimam (2009) aponta que todos os indivíduos inseridos em um grupo comum, têm concessão para, ou são obrigados a manter a mesma fachada social em certas situações, além de esperar-se que tenham compatibilidade entre aparência e maneira, acredita-se também, que exista uma coerência entre o ambiente, aparência e maneira. O autor ainda salienta que fazem parte da fachada pessoal vestuário, sexo, idade, características raciais, aparências, atitudes, padrões de linguagem, gestos corporais e etc.

## 5.2 O “empoderamento” singelo das ciganas após a conversão.

Durante as minhas pesquisas eu pude perceber que as ciganas evangélicas acabam desenvolvendo atividades que outrora seria muito difícil de acontecer, elas acabam tendo um singelo “empoderamento”, coloquei entre aspas, pois a pesquisa mostra algumas mudanças, que podem futuramente resultar numa

modificação na dinâmica das relações entre homens e mulheres ciganos. Costa (2008) fala sobre como deu-se início ao conceito de empoderamento:

O conceito de empoderamento surgiu com os movimentos de direitos civis nos Estados Unidos nos anos setenta, através da bandeira do poder negro, como uma forma de auto valoração da raça e conquista de uma cidadania plena. O termo começou a ser usado pelo movimento de mulheres ainda nos anos setenta. Para as feministas o empoderamento compreende a alteração radical dos processos e estruturas que reduzem a posição de subordinada das mulheres como gênero. As mulheres tornam-se empoderadas através da tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais.

Segundo Stromquist, os parâmetros do empoderamento são:	
a) • construção de uma auto-imagem e confiança positiva;	De acordo com o que percebi nas pesquisas, as ciganas desenvolveram uma auto-imagem e confiança positiva;
b) • desenvolvimento da habilidade para pensar criticamente;	Através das alfabetizações ocorridas após a conversão e até mesmo as pregações e os ensinamentos direcionados para os ciganos, eles tem pensado mais criticamente;
c) • a construção da coesão de grupo;	Os ciganos evangélicos tem uma coesão de grupo, e as ciganas estão cada vez mais coesas, seja pelo ministério de louvor, ou pela união da própria etnia.
d) • a promoção da tomada de decisões;	As ciganas ainda não chegaram a esse nível, ainda os homens tem o poder da decisão.
e) • a ação.	As ciganas executam algumas ações ainda bem pontuais, mas as ações das ciganas costumam ser mais nos cultos evangélicos.

As ciganas após a conversão começam a “apoderar-se”, onde outrora ela apenas fazia as tarefas domésticas e cuidava dos filhos e marido, após a conversão

elas passam a ter oportunidade de fazer oração no púlpito, catarem músicas gospel durante os cultos e algumas delas passam a ser alfabetizadas para a leitura da bíblia e através da leitura elas também vão a busca de conhecimento. Sendo assim, a conversão tem permitido a ampliação e o acesso aos diversos espaços sociais.

Através de uma entrevista com uma das ciganas evangélicas, pude perceber o quanto a conversão também está dando um senso crítico as ciganas.

- O que é ser cigana pra você?

- Ser cigana é bom. Ser cigana é estudar, fazer faculdade, buscar o melhor pra vida, ser professora, médica, enfermeira, advogada... ser cigana é isso, não é só vestimenta não... Ser cigano é buscar o melhor né? Pra nossa vida, estudar... Estudar é muito bom, os meus meninos vão pra escola e gostam de estudar.

Para Saffioti (2004), quando se aborda o empoderamento da mulher, ela destaca que o mesmo se materializa quando ocorre o rompimento com o cotidiano, dessa forma, é preciso que as mesmas conheçam seus direitos, suas possibilidades e potencialidades, para assim, lutarem pela sua autonomia.

Nesse sentido, tenho percebido que mesmo de uma forma “modesta”, as ciganas têm rompido com seu cotidiano, elas após a conversão têm tido mais possibilidades e tem mostrado o seu potencial enquanto ciganas evangélicas, como gostam de ser chamadas. Todavia, as mudanças ocorridas na vida delas ainda são pequenas e pontuais, porém, futuramente pode representar uma transformação na dinâmica entre os gêneros.

Lisboa (2008) destaca que o empoderamento feminino acontece quando as mulheres são capazes de mudar suas crenças e comportamentos lutando contra as diversas formas de opressão e submissão.



53- Cigana orando no púlpito da igreja.

O movimento de mulheres tem situado o empoderamento no campo das relações de gênero e na luta contra a posição socialmente subordinada das mulheres em contextos específicos. O termo empoderamento chama a atenção para a palavra “poder” e o conceito de poder enquanto relação social. O poder (na ciência política geralmente vinculado ao Estado) pode ser fonte de opressão, autoritarismo, abuso e dominação. Na proposta do feminismo, porém, pode ser uma fonte de emancipação, uma forma de resistência (LISBOA, p. 5, 2008).



54- Cigana cantando enquanto a sua filha toca bateria ao lado.

Esse tipo de cena que vemos acima seria bem difícil antes da conversão dessa cigana. O fato dela está cantando no púlpito e a sua filha tocando bateria, sem sombra de dúvida é uma conquista feminina cigana nessa etnia machista e patriarcal. Enquanto essa cigana cantava, o seu marido ficava sentado na cadeira assistindo a sua esposa e a e sua filha se “apresentarem”. Não obstante, essas conquistas ainda ficam muito além e aquém do desejado, mas elas estão dando o primeiro passo em busca da sua autonomia.

O ministério de Louvor das ciganas também é uma conquista feminina, elas conquistaram o seu lugar nos cultos, se apresentado no púlpito das igrejas. Nesses momentos as ciganas tem destaque no culto em homenagem as mulheres da 1ª Igreja Batista, coisa que outrora, antes de se converter, elas não tinham.



55- Ciganas cantando no culto em homenagem as mulheres, na Igreja Batista.

As ciganas também foram homenageadas pelo Templo Batista, no dia internacional da mulher. Elas foram representadas pelas por suas filhas, foi uma grande homenagem representado as mulheres de diferentes culturas, cor e etnia.



56- Crianças fazendo homenagem no Dia Internacional da Mulher.

A cigana evangélica Ariane também fala que após a conversão passou a buscar meios de ajudar na despesa da casa.

- O que você passou a fazer após a conversão e que não fazia antes?
- Eu comecei a vender, Avon, Natura, foi um jeito que eu encontrei pra sobreviver. Vendo roupas também pra criança.
- Antes você fazia a leitura de mão e venda de figas?
- Não. Nunca fiz, eu não sabia fazer essas coisas.

E como ela fala na entrevista, antes de se converter não fazia nada para obter um ganho financeiro. Porém, até mesmo pelo meio social das igrejas, elas foram sendo influenciadas para mudar sua forma de vida, na qual outrora era extremamente dependente dos esposos.

### 5.3 Motivos que levaram a conversão

Os ciganos de Cruz das Almas podem ter inúmeros motivos que levaram a conversão ao protestantismo, mas eu pude perceber através das entrevistas, que na

sua maioria os ciganos foram para igreja em busca de uma cura, seja física ou mental, seja a cura destinada pra eles ou algum familiar.

Um dos principais relatos sobre a conversão é o do pastor Luan, nele é ressaltada a sua cura do câncer.

- Com relação a sua conversão, o que foi que lhe influenciou a se converter?

-Nós desde pequenos recebemos a influência do catolicismo né? Fomos catequizados de forma indireta, pelo catolicismo e adoramos os santos católicos, mas eu em particular não tinha nenhuma afeto com a igreja evangélica protestante e nem teria a vontade de servir a Jesus, servindo ele como modelo. Mas eu sofri uma doença e essa doença tinha me colocado em uma situação difícil e os médicos... eles chegaram a dizer que eu tinha câncer nos pulmões, e no momento de desespero no momento de angústia, eu ouvi Deus falar comigo e essa voz me levou até a igreja, e essa igreja foi parceira, cuidando de mim até eu fazer a cirurgia. E aí, em um momento de oração junto com o pastor da igreja, ele orou para que o senhor me desse paz e nesse momento eu fiz um voto com senhor, pedindo que ele me curasse e que fosse qualquer outro tipo de doença menos o câncer e depois que eu fiz a cirurgia e fiz a biópsia, constatou-se que os médicos estavam enganados no diagnóstico porque todos os exames dava 99% de certeza de linfomas nos pulmões “câncer”. E depois eu vim a me converter “aceitar a Jesus” depois das orações. O Senhor, ele me falou que... quando eu ouvir a voz, ele me falou que iria me salvar, então foi um ato miraculoso os médicos se confundiram e concluíram que eu não tinha câncer, e então eu fiquei com Jesus desde daí...

O Ruy Llera Blanes (2007, p. 42), em seu artigo “Contato, conhecimento e conflito” destaca que na Igreja Filadelfia (IF), também acontece esses momentos de imposição das mãos e a busca da cura por alguns ciganos, como podemos ver na citação abaixo:

A oração é também um momento de “intercessão” por aqueles que estão a sofrer com doenças e/ou problemas pessoais: é nestes momentos que os crentes em pior estado físico e anímico se aproximam junto do pastor e pedem a “intercessão” ou cura por imposição de mãos. A intercessão é um conceito importante para a doutrina da IF, na medida em que representa um acto concreto de comunicação entre o crente e Deus: aquele pede a este, através de uma oração, uma “intervenção” em favor de uma pessoa ou grupo concreto. Este acto implica um sentido de experiência religiosa que passa pela percepção de que a crença é, também, um acto de reciprocidade no seio do grupo

Uma das minhas interlocutoras também ressalta que foi a igreja em busca de cura. Essa é a Carmem, uma cigana convertida há 8 anos, tem duas filhas e seu marido já frequentou a igreja, porém, ele está desviado.

- Como aconteceu a sua conversão? Quem te influenciou?

- Eu fui para a igreja em busca de cura, eu tinha uma depressão muito forte, não queria sair de casa, ficava muito triste dentro de casa, ficava trancada no quarto sem vontade de fazer nada, sabe? Mas, depois que eu me converti, graças a Deus eu fiquei boa, hoje eu escuto hinos de louvores, vou para igreja, leio a bíblia, pratico aquilo que tá na palavra, tudo isso...

Existem casos que além da busca da cura da depressão ou da cura física, também a conversão ajudou alguns ciganos a saírem do caminho das drogas e da prática de outras atividades condenadas pela igreja e pela moral.

- Como aconteceu a sua conversão? Quem te influenciou?

- Eu mesmo, foi Espírito Santo mesmo.

- Mas você não foi influenciado por algum cigano evangélico?

- Não.

- Meu irmão há dez anos atrás, porque eu tinha outro irmão. Minha mãe mais esse irmão aí, meu irmão estava meio enfermo. Quem ia para a igreja era minha mãe, eu tinha 12 anos nessa época.

- Mas o que influenciou para que você tivesse se convertendo a busca da cura do seu irmão? O que foi realmente?

- Não. Naquela época eu era pequeno, mas, mas eu fiquei em algumas situações, me envolvi com coisas ruins, eu tinha minha irmã, é uma depressão muito terrível, muito forte mesmo. Ai minha família só me levava para o pai de santo, só me levava para esses lugares, achando que iria me dar a cura. O que eu mais louvo a Deus é isso, Deus me tirou dessas coisas... Aí minha irmã, me levaram pra casa dos benzendeiros, aí o benzendor dizia que eu estava com o espírito do seu irmão, aí vinha de novo e falava que que: - você tá com o espírito do seu pai! e aí só fazia piorar, sabe? E dava comida as oferendas, aí depois de um ano, ia lá de novo aí falavam, você está com "espírito de fulando de tal", "sua vó", aí ia dava de novo as oferendas, aí piorava ai falavam: - É o espírito de fulano de tal de novo, ai falava: - Você está com espírito no corpo e quer te matar, e aí era enganado sabe? Aí criou isso... aí eu acho que foi Deus mesmo que me tirou de lá. Eu bebia, usava drogas, fumava... estava em um caminho muito errado...

- Você foi o primeiro da família a se converter?

Foi, eu aceitei 12 de dezembro, quando foi em março a minha esposa se converteu também. Ela viu meu testemunho, viu que eu estava mudando...

Etimologicamente, a raiz latina da palavra conversão, dá-lhe o sentido de “mudança, transformação. Conversio, Mutatio, onia. Mudança de costumes para o bem voltar-se para” (COHEN, 1967, p.29-385). A conversão representa, transformação, tanto no nível das crenças como no nível das práticas.

Blanes (2008, p. 225) no seu livro “Os aleluias” também fala de uma história ocorrida na Igreja Filadélfia muito parecida com os testemunho do cigano Rafael.

Peret era um músico internacionalmente reconhecido – tendo como pontos altos o êxito do seu single Borriquito e a participação no Festival da Canção da Eurovisão de 1974 – **e epitomizava de certa forma o estilo de vida do «cigano artista» (conjugando álcool, drogas e mulheres)** quando anunciou, em 1982, que se convertera à IF e que abandonava por completo a sua atividade musical para se dedicar a ser «obreiro de Deus». (Grifo nosso).

Ainda sobre o que levou os ciganos a se converter, Luzia fala um pouco sobre a sua conversão em uma das entrevistas realizadas:

- O que influenciou para que você se convertesse?
- O pastor Luan, nós vimos o testemunho do Pastor e aí eu fui sendo influenciada. Pastor Luan sempre ia na minha cabana para falar de Jesus, falar do amor de Deus para mim, então foi ele que me evangelizou. Também a conversão do meu marido, eu vi que ele estava mudando, sabe?

O pastor Luan e sua esposa, sem dúvida, foram um dos maiores influenciadores para que os ciganos se convertessem a religião protestante. E isso foi mais significativo devido a eles pertencerem à mesma etnia. Segundo Laraia (1986, p. 3): “Podemos ver, que a cultura influência, ou seja, tem essa capacidade enorme de influenciar o comportamento social e diversificar enormemente a humanidade”.

A cigana Ariane, também relata o que favoreceu para que ela se convertesse.

- Como ocorreu a sua conversão?
- Foi através de Luan né? Porque ele caiu enfermo, aí procurou Jesus, aí fez uma aliança com Deus, e através dele eu também aceitei a Jesus.
- O que favoreceu para que você se convertesse ao evangelho?
- A cura do meu marido, ele tinha câncer e foi curado. O meu marido foi desenganado pelos médicos, mas Deus é maravilhoso e curou ele.

A cigana evangélica Ysis, também fala como aconteceu a sua conversão, Ysis tem 30 anos e canta no ministério de louvor das ciganas no Templo Batista, ela estudou até a primeira série do fundamental I.

- Como aconteceu a sua conversão? O que influenciou para que você estivesse aceitando a Jesus?

- Eu sempre gostei dos louvores, sabe? Eu ouvia muito louvor, muito louvor. E aí eu fui um dia para a Assembleia, e quando eu fui o pastor fez o apelo, foi eu, meu esposo e meu filhinho. Aí o pastor fez o apelo e eu aceitei. Eu já ouvia muito louvor de Sérgio Rufino e Demarte e Fabiano. Eu ouvia muito louvor, e o que me influenciou bastante para eu me converter foram os louvores. Eu amo os louvores evangélicos.

Segundo a cigana, os louvores evangélicos foram a principal influência para que ela se convertesse ao protestantismo. Eu ainda perguntei se ela teria outra religião anteriormente.

- Antes de ser evangélica qual era sua religião?

- Eu nunca fui para a igreja católica não, nunca fui dessas que tinha muita idolatria a imagens não, nunca tive essa imagem na minha barraca, nunca fui pra Bom Jesus da Lapa<sup>36</sup>, porque muitas ciganas vão todo ano, e eu nunca participei de nada disso. Eu só era cigana mesmo.

Já a cigana Márcia, de 27 anos, estudou até a 6ª série do fundamental II, membra da Iª Igreja Batista, casada e tem dois filhos, fala como ela se converteu ao evangelho e como os louvores fazem bem a ela.

- O que favoreceu para que você se convertesse ao protestantismo?

- Na verdade, eu morava próximo à Igreja evangélica, aí eu sempre ia.

- Alguém te convidada para ir à igreja?

- Não. Eu estava congregando na Assembleia de Deus, aí Deus tocou no meu coração e eu comecei a ir para o culto da igreja era perto da minha casa. O pastor me chamou e disse que era pra eu continuar indo. Aí eu fui, fiquei quase uns 8 meses indo, depois de muito tempo que eu estava indo para a igreja o pastor me chamou e perguntou se eu queria fazer parte da igreja, aí eu falei que queria. Aí as irmãs perguntaram também se eu queria aceitar Jesus, aí eu falei que queria.

---

<sup>36</sup> Bom Jesus da Lapa é uma cidade de turismo religioso na Bahia, onde costumam ir vários católicos, principalmente em agosto, quando é comemorado o dia de Bom Jesus da Lapa.

Canto no ministério de louvor, dirijo o culto também eu sou bastante ativa na igreja, graças a Deus. Eu gosto muito dos louvores, o louvor faz muito bem pra pessoa.

A cigana Cassandra fala o que levou ela a se converter:

- Como foi que aconteceu a sua conversão?

- Na verdade eu tinha e tenho muita fé em Deus, agora a fé que eu tinha era diferente da que eu tenho hoje, e eu fui e aceitei Jesus pra pedi perdão a Deus, perdão porque a gente... sempre cigano reza e tudo essas coisas...a gente acreditava muito em rezador, rezadeira, mesa branca, e a gente pensava de mesa branca ser bom, mas na realidade agora eu sei que não. Aí a gente foi pra um rezador, mas na verdade era coisa ruim sabe? Aí minha irmã, a gente fez trabalho de limpeza e tal, na realidade eu nem queria ir, aí falei com meu marido, eu não vou me misturar com essas coisas, isso é ruim, eu nem sei como aconteceu aquilo, também por causa da perna da minha menina, por causa do joelho dela, ela tinha o joelho doente, fiz todo tipo de exame, levei pra todo tipo de ortopedista e nada resolveu esse problema dela, aí meu marido pensou "É uma bruxaria que minha menina pisou, esse problema é bruxaria", aí ele foi procurar essas coisas, mas também eles não resolveram. Aí eu me converti pra pedi perdão a Deus...

- E quanto custou esse trabalho?

- Minha irmã, custou sete mil reais, aí ele pagou a metade e ficou a outra metade pra pagar depois. Mas, esse trabalho não resolveu nada...

Eu também fiz entrevista com Renata, ela tem 62 anos, não sabe ler e está convertida há 7 anos, ela é casada e sua filha também é evangélica.

- Como aconteceu a sua conversão?

- A minha filha me influenciou, foi ela que me chamou. Aí eu tive problema de hepatite aí eu fui curada por Jesus, só ele pode libertar e curar.

- E a senhora conseguiu a cura?

- Sim. Graças a Deus, hoje eu faço todo exame e dá normal.

#### 5.4 Mudanças ocorridas com a conversão.

Com a conversão, muitos ciganos se dizem mudados, falam que o Deus deles transforma a vida, que outrora eram errantes. Logo abaixo, podemos ver a entrevista do cigano evangélico Rafael, falando quais as transformações ocorridas na vida dele.

- O que você fazia antes, que ao se tornar evangélico você parou de fazer?

- É muita coisa, eu bebia... eu consumia drogas... fumava, bebia, pegava muitas festas... Caía na vida da prostituição, pegava mulheres...entendeu? O que eu mais louvo a Deus é ele ter me tirado das casas dos feiticeiros, ali só fez piorar a minha vida, só me enganava...Era um mal que nos engana... Através dos nossos testemunhos muitas almas se rende a Deus. Assim como Deus me libertou ele vai libertar todos os ciganos, agora basta as pessoas querer ser transformado por Jesus. Eu fazia tudo, mas Jesus me transformou, não faço mais nada disso...

Sem sombra de dúvida, ocorreram inúmeras mudanças na vida dos ciganos calons de Cruz das Almas após a conversão. E não é diferente com a conversão ao pentecostalismo na França e na Espanha, essas conversões tem servido como estratégia eficaz contra o abuso de drogas, por exemplo, (Santos, 2001). As conversões ao pentecostalismo têm promovido muitas mudanças socioculturais e tais mudanças extrapolam os limites dos cultos nas igrejas e trilham para o cotidiano dos ciganos. Porém, os mesmos tem uma capacidade enorme de se adaptar às mudanças da sociedade dominante e permitindo preservar a sua autonomia através de costumes e tradições ancestrais (Santos, 2001).

A situação de extrema pobreza, sobretudo nos centros urbanos, a droga e a violência conduziram-nos a uma grave crise de identidade. A sua conversão ao pentecostalismo pode significar um renascer de um sentimento de pertença a um grupo, através da ideia de povo eleito, ligado ao discurso religioso, mas igualmente através de um sentimento de solidariedade, reforçado pela participação nos cultos.

Os ciganos convertidos do recôncavo fazem questão de ressaltar o quanto Deus mudou a vida deles. Como podemos ver logo abaixo com Luzia.

- Você acha que a pessoa se tornando crente ela muda as suas atitudes?

- Muda! muda tudo, Jesus transforma ...

- E o que mudou na sua vida?

- Mudou tudo, eu brigava muito e Jesus me transformou, brigava muito dentro de casa. Tinha muito rancor, mas Jesus me transformou, guardava muitas coisas no coração, coisas ruins. Deus transforma, Deus liberta, Deus salva, Deus cura, Deus é Deus nas nossas vidas...

A cigana Luzia ainda falou o que mudou no ramo dos negócios ciganos após a conversão dela e do seu marido Rafael.

- E após a conversão o que mudou na vida de vocês?
- Depois da conversão tudo muda, não empresta dinheiro à juros, não mente mais, não rouba, tem que viver pela fé mesmo. Deixa de ser agiota, deixa de emprestar dinheiro à juros.
- E antes de se converter o seu esposo emprestava dinheiro à juros?
- Emprstavam sim, vendia relógio, vendia rádio, negociava muito o Rafael.
- Agora você faz o que para sobreviver?
- Agora nós vivemos pela fé, na verdade eu estou sobrevivendo de 220 reais que eu recebo do bolsa família. Ai nós ficamos orando a Deus, pra Deus abrir as portas de emprego pra o Rafael. A igreja também ajuda, dá cesta básica, a igreja já tem quatro anos nos sustentando.

Durante essa entrevista a cigana destaca as mudanças sofridas por ela e seu esposo, após a conversão os ciganos param de praticar a agiotagem, porém tem muita dificuldade para encontrar trabalho, principalmente por carregarem um estigma, e pela sociedade ter uma visão estereotipada sobre eles. No entanto ela ressalta sobre o papel social da igreja, por estar dando cesta básica a mais de 4 anos a essa família.

Contudo, por Rafael e Luiza viverem em extrema pobreza, Rafael ter problemas com drogas e depressão, acredito que com a conversão acabou renascendo um sentimento de pertença a um grupo, no caso, o grupo dos evangélicos. Outrossim, o sentimento de solidariedade existente no meio evangélico, como Luiza falou das cestas básicas, das ajudas financeiras da igreja e de alguns irmãos, tudo isso acaba reforçando a participação nos cultos.

O fato dos ciganos homens, representarem uma porcentagem menor nas igrejas evangélicas, se deve principalmente pelo fato da igreja condenar a agiotagem, já que essa tornou-se a forma como os ciganos sobrevivem aqui no recôncavo, a agiotagem já faz parte da Calonidade dos ciganos no recôncavo, eles ainda vendem terrenos, carros, celulares, além das trocas. Então, isso acaba sendo um empecilho para que os homens ciganos se convertam.

A cigana evangélica Ariane, conta sobre a sua conversão e o que mudou na vida dela após a conversão.

- O que você fazia antes de se converter, que ao se tornar evangélica parou de fazer?
- Eu ia para festa, dançava, mas depois que me converti não faço mais isso. No momento é que eu me converti não pratiquei mais a dança.
- O que você passou a fazer após a conversão e que não fazia antes?
- Eu comecei a vender, Avon, Natura, foi um jeito que eu encontrei pra sobreviver. Vendo roupas também pra criança.
- Antes você fazia a leitura de mão e venda de figas?
- Não. Nunca fiz, eu não sabia fazer essas coisas.
- Você acha que a conversão te tornou mais feliz?
- Sim. Na verdade mudou tudo, principalmente na vida conjugal, melhorou muito, sinto paz de espírito, a parte espiritual melhorou, o conhecimento de Deus, a fidelidade, cada dia mais nós vamos aprendendo mais da palavra, se derramando aos pés do Senhor, nós temos muito mais amor, convicção da nossa salvação.

Gomes (2011, p. 151), fala sobre a conversão no Brasil.

A conversão tem uma história profunda, especialmente porque ela precede o aparecimento de todas as grandes tradições religiosas, em especial as monoteístas, e fornece um dos modos de expressão do encontro entre o homem e a divindade, seja na experiência individual, seja na étnica ou na coletiva.

Todavia, é isso que acontece com os ciganos convertidos, é o encontro entre o homem e a divindade, de uma forma individual, étnica e coletiva.

A cigana evangélica Ysis, fala um pouco sobre as mudanças ocorridas na vida dela após a conversão.

- O que você fazia antes de se tornar evangélica que ao se converter parou de fazer?
- Participava de festa dos casamentos de cigano, dançava muito nas festas, hoje já não faço mais isso. Sempre ia para o arraial<sup>37</sup> aqui em Cruz das Almas, para festa de São João, agora não vou mais. Comia as comidas de São João, eu não tenho mais superstições que eu tinha antes, nada oferecido eu não como. Na quaresma, na Semana Santa,

---

<sup>37</sup> O Arraial é uma festa de tradição em Cruz das Almas, ela acontece no São João, e reuni milhares de pessoas. No arraial costumam vir vários cantores famosos e atrai muita gente, inclusive, os ciganos fazem questão de participar da festa.

eu fazia, caruru, vatapá e peixe, hoje o que tiver pra fazer eu como, não tenho essa superstição de não comer carne na quaresma.

- O que você passou a fazer após a conversão que não fazia antes?
- Passei a orar ao Senhor quando eu levanto, quando eu vou dormir, a todo momento estou orando ao Senhor, louvo ao Senhor!

A Márcia, cigana evangélica também, fala que Deus transformou a vida dela, e que as suas atitudes não são mais as mesmas.

- O que você fazia antes que ao se converter parou de fazer?
- É um bocado de coisa... Ouvir a muita música do mundo, fazia as coisas que não devia, xingava palavrões, a gente não deve xingar palavrões, desrespeitava o próximo.
- O que mais?
- Gostava de ir pra festa, e é sempre para o arraial daqui, dançava as músicas do mundo, fica atrás daqueles cantores do mundo.
- Que você passou a fazer depois da conversão?
- Comecei a respeitar mais o próximo, parei de falar certas palavras, parei de xingar os outros.
- Você acha que eu convívio com a sua família melhorou após a conversão?
- Melhorou, não tem mais briga, não xingo, não maltrato ninguém.
- O que mudou após a conversão?
- Tirou toda ansiedade, eu era muito ansiosa, tirou toda tristeza, tirou todo rancor do meu coração, eu era muito rancorosa, se alguém fizesse alguma coisa pra mim de ruim, ficava com aquele rancor no meu coração, sabe?

A minha interlocutora Cassandra, cigana evangélica, fala sobre as suas mudanças após a conversão.

- Com relação a leitura de mão, você praticava a leitura de mão?
- Antes de aceitar a Jesus eu fazia, vendia figa, eu lia a mão, eu vendia figa (risos). Mas aí minha irmã, é o ganha pão das ciganas, sabe? É o jeito delas viver, delas sobreviver, de ganhar dinheiro, e é a tradição mesmo, já nasce naquilo mesmo sabe? Os que vão nascendo vão se criando naquilo. Já li mão, já vendi figas...
- E após a conversão, você continua fazendo a leitura de mão e vendendo figas na rua?
- Eu deixei tudo isso, pra glória de Deus! Eu sei que agora eu já conheço a palavra, eu sei que tudo isso é espírito de engano, eu sei

que isso aí é puro engano. É minha irmã, muitas pessoas, muitos brasileiros já veio pra eu ler a mão, depois de ser crente, e eu não li, aí eu disse não! Eu não leio mais a mão não! Eu sou cristã agora, aí eu digo, prego a palavra pra ele, digo: - Jesus te ama! Deus tem um plano na sua vida! Eu falo assim pra eles, aí ele fala:- Você é cristã? Aí eu digo: - Eu sou! Aí eles voltam com o dinheiro na mão. Eu sei que não é mais certo.

Ainda com a interlocutora Cassandra, eu pergunto sobre a conversão dos ciganos e quais as mudanças na vida deles.

- E os ciganos, o que eles costumavam fazer que após a conversão deixaram de praticar?

-Cigano? Eles não tão bebendo mais, não tão jogando mais, não estão mais se prostituindo, eles pegavam mulheres na rua e mudou depois que passaram a ser crente, tão mudando devagarinho, tá mudando, sabe? É porque minha irmã, não deixa tudo de uma vez só não, é devagarinho, devagarinho que vai se convertendo, que o Santo Deus vai tocando, mas pra glória de Deus, minha irmã, eles houve a palavra, levam as mulheres pra igreja, agora o pastor Luan foi uma mudança radical mesmo.

### 5.5 O que o “outro” pensa da conversão cigana.

Nesta seção iremos ver algumas entrevistas tendo como pauta a conversão cigana, o que o “outro” pensa dessa conversão religiosa.

Carol, de 55 anos, membra do Templo Batista, fala um pouco sobre a conversão cigana.

- Você acha que a conversão cigana realmente acontece?

- Eu creio que acontece, mas é como todo ser humano. Porque a conversão é uma coisa e a decisão é outra, às vezes a pessoa se converte de uma maneira, mas o viver não condiz com uma pessoa convertida, a conversão pode vir através de um louvor, de uma palavra, porém é de uma forma momentânea, não vive a palavra, o que a bíblia nos ensina. Todavia, Isso pode acontecer com qualquer ser humano.

Carol ressalta que na verdadeira conversão, a pessoa deve fazer o que a bíblia manda, pois muitas pessoas se convertem, mas não vivem a palavra, ou seja, não fazem o que é ensinado na bíblica. Todavia, os que seguem a palavra fala, esse está verdadeiramente convertido. Porém, ao final ela fala que a conversão cigana acontece.

Ezequiel, membro da 1ª Igreja Batista fala um pouco sobre a conversão dos ciganos ao protestantismo e sobre essas mudanças.

- Você acha que realmente os ciganos se convertem? Que há uma transformação?

- Há uma conversão verdadeira, porque é necessário que cada ser humano acredite que Deus é o Senhor, é o salvador da sua vida e se torne uma nova criatura. Porque independente de raça, cor, posição social, etnia, todo homem é convidado a se arrepender do seu pecado. O homem passa a ter uma nova visão e isso é que faz a diferença na sociedade. Tanto faz que a própria palavra de Deus fala, "Quem está em Deus nova criatura é, as coisas velhas se passaram, eis que tudo se fez novo", o mais importante é o ser humano arrepender do seu pecado e aí é que o homem passa o tempo a ter uma nova visão espiritual, o importante é o ser humano dedicar a sua vida ao Senhor e as demais coisas o Senhor vai realizar na vida dele. Atualmente os ciganos tem sua casa própria, tem aqueles que tem casa própria e tem aqueles que permanecem em tendas. Essas pessoas que conhecem a Deus e procuram fazer a vontade do Senhor, o propósito e o objetivo de cada uma dessas pessoas é procurar fazer a vontade do Senhor e é procurar se enquadrar em um padrão social novo, e esse novo abre-se mão das coisas velhas, ou melhor, das tradições velhas e para as coisas novas.

Esse membro da igreja coloca como exemplo da transformação, o fato da maioria dos ciganos convertidos morarem em casa, porém, como vimos nas falas anteriores a mudança perpassa as coisas físicas e ficam muito mais no campo da subjetividade. Segundo as falas as mudanças transformam interiormente e não só nesses pequenos detalhes de morar em casas ou barracas.

Mariana, de 46 anos de idade e membra da 1ª Igreja Batista, fala da conversão dos ciganos Batistas.

- O que você acha da conversão cigana?

- Eu acho isso uma coisa excelente, maravilhoso, eles estão tendo sede do verdadeiro Deus. E com isso Deus tem mudado a vida deles e da família deles. Tem dado libertação e eles têm sido mais livres, e é um meio deles estarem mais inseridos na sociedade, porque a igreja é o meio social.

Mariana destaca que é muito positiva a conversão e frisa a importância da convivência com o meio social na igreja, é na igreja que ciganos e não ciganos se

interagem, conversam, se abraçam. Tornando um meio social saudável para todos. É esse contato que colabora para que os estigmas e preconceitos desapareçam.

Diego, de 49 anos de idade e membro da Iª Igreja, fala sobre a conversão dos ciganos.

- O que você acha dos ciganos estarem se convertendo ao evangelho?

Isso é muito positivo, e eu acredito que acontece realmente a conversão, o pastor e a família dele e a maioria dos ciganos realmente se converte e os ciganos amigos vão se chegando também. Eu tenho ido muito na congregação que o pastor cigano é responsável e a gente ver que a conversão é de coração. Você também pode observar que tem aqueles que são convertidos e aqueles que só frequentam por causa da esposa, pois as esposas não podem sair sozinhas. Você ver a diferença dos convertidos, você ver a forma que se comportam, principalmente as mulheres que ficam mais quebrantadas pra receber a palavra e os homens são mais duros. Eu acho que pela falta de fé eles ficam pensando “se eu me converter eu vou fazer o que? Se eu só sei fazer agiotagem? Se eu só sei fazer negócio, comprar e vender”, então isso é um dos empecilho para eles se converterem. O pastor mesmo quando se converteu foi uma barra, ele conversava comigo, pegou um carro, ficava na praça, e no dia ele não pegava ninguém no táxi, o povo chegava, pegava outro táxi e ele do lado só olhando, a situação é complicada, pra quem estava acostumado a pegar muito dinheiro...a situação é complicada.

Diego afirma que a conversão cigana é indubitável e que é de coração. Diego destaca algo muito interessante, que é o fato dos ciganos irem acompanhando as suas esposas, apesar de não serem crentes. As esposas não podem andar sozinhas e muitos ciganos acabam indo apenas para acompanhá-las na igreja, porém eles aos poucos vão sendo influenciados pelo discurso evangélico.

#### 5.5.1 O que permaneceu no corpo das ciganas após a conversão.

As ciganas evangélicas falaram sobre diversas mudanças nas atitudes, como não maltratar os outros, não xingar, não mentir, sobre querer resolver os problemas com as próprias mãos e após a conversão deixam nas mãos de Deus, muitas delas liam a mão em troca de dinheiro e vendiam figas. Contudo, Existem coisas que não mudam nas ciganas, como os sinais diacríticos que as identificam como pertencentes à etnia. Estou falando dos vestidos bordados e coloridos que as ciganas usam.

A minha hipótese inicial foi que os ciganos se convertiam para minimizar o estigma, porém a pesquisa me mostrou algo diferente, já que elas continuam usando

os vestidos de ciganas e afirmando o seu pertencimento a etnia com muito orgulho, não só as mulheres, mas os homens também fazem questão de reforçarem o sua etnia através das correntes, anéis e etc.

Durante as minhas pesquisas, perguntei se as ciganas gostariam de ser não ciganas, e foi quase unânime, quase todas elas falaram que tem orgulho de sua etnia, com exceção de uma cigana. Ariane, Ysis, Nalva, Marcia falam respectivamente sobre a possibilidade de elas serem não ciganas:

[Maraísa] - Você gostaria de ser não cigana?

[Ariane]- Não, porque eu sou cigana, gosto de ser cigana.

[Maraísa] - Você gostaria de ser não cigana? Por quê?

[Ysis] - Não. Eu não queria ser brasileira não, a vida de jurin não é brincadeira não, tem uma vizinha mesmo que trabalha em uma loja aqui em Cruz e aí ela fica na loja de 7:00 até às 18:00 horas e depois quando chega em casa ainda tem fazer as coisas de casa, lava roupa, lava prato, limpar a casa, e vai dormir uma da manhã, isso é vida? Eu não queria ser brasileira não, a cigana não, a cigana só trabalha aqui dentro de casa.

[Maraísa] - Você gostaria de ser não cigana?

[Nalva] - Não. Gosto de ser cigana mesmo.

[Maraísa] - Você gostaria de ser não cigana?

[Márcia] - Eu não. Eu gosto de brasileira, mas não gostaria de ser brasileira. E a origem dos ciganos são mais respeitada do que das brasileiras.

É interessante frisar que existem algumas ciganas que mesmo depois da conversão continuaram usando dentes de ouro e tatuagem. Quando eu perguntei para a cigana Ysis sobre usar dentes de ouro ela fala:

- Olha, esse negócio de usas dente ouro é assim, quando a pessoa perde o dente de osso aí ela bota o dente de ouro, fica toda fechada de ouro, mas tem alguns que gostam.

A seguir iremos ver a imagem da boca de uma cigana que usa dentes de ouro a aproximadamente 22 anos.



57- Dentes de ouro de uma cigana.

Ariane, tem 36 anos, membra do Templo Batista, ela é casada e o seu marido também é evangélico. Ariane usa dentes de ouro e fala um pouco sobre como colocou os dentes postiços.

- Por que você usa dentes de ouro? Você acha bonito usar dentes de ouro?

- Olha minha irmã, quando eu era pequena meus dentes começaram a ficar cariados, mas meus pais não tratavam dos meus dentes, aí quando eu tinha 13, 14 anos tiraram os meus dentes e colocaram de ouro. Mas eu uso porque é o jeito, porque eu não tenho dente mesmo, porque senão eu não usava.

Nalva é membra do Templo Batista, tem vinte e cinco anos de idade, é convertida há 3 anos. Nalva Estudou até a quarta série, a sua mãe também é evangélica e foi quem mais influenciou na conversão. Nalva fala um pouco sobre a tatuagem que colocou no ombro.

- Você gosta de tatuagem? Quando você colocou essa tatuagem?

- Olha, essa tatuagem eu coloquei em uma época que eu não estava firme na igreja, eu só frequentava mesmo. Mas se fosse hoje eu não

colocaria, fiquei muito arrependida depois que coloquei. Mas quando chegar o aparelho a laser que tira tatuagem eu vou tirar, como certeza eu vou tirar, estou arrependida.



58- Colar simbolizando a estrela de Davi e a tatuagem de uma cigana convertida.

Outra coisa que as ciganas permanecem usando em seus corpos são as joias, a utilização das joias e até mesmo os dentes de ouro reforçam e seu pertencimento étnico.

O pente na cabeça também permanecem mesmo após a conversão. De acordo com as ciganas que eu conversei durante a pesquisa, as casadas usam pentes envergados no cabelo para prende-los. Sendo assim, este tipo de adereço tem a função também de identificação, pois quem usa o pente no cabelo sempre são mulheres casadas, nunca são solteiras.



59- Ciganas usando pente na cabeça.

Após conhecermos o que permaneceu no corpo das ciganas após a conversão, finalizamos esta dissertação com as considerações finais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação tem como tema de investigação a persistência e continuidade de um grupo étnico num contexto de conversão religiosa. Todavia, através da pesquisa conseguimos identificar qual a influência da conversão religiosa na calonidade dos ciganos convertidos ao protestantismo na cidade de Cruz das Almas. Nosso problema de pesquisa consistia em saber quais eram as implicações da conversão religiosa para a manutenção e atualização da identidade étnica. Já o objetivo geral compreendia em saber a influência da conversão religiosa para a manutenção e atualização da identidade étnica cigana.

Ao longo deste trabalho, busquei fazer uma etnografia focada principalmente nos cultos evangélicos e nas habitações dos ciganos, tendo contato direto com os interlocutores e seus parentes não-evangélicos. Também procurei informantes nas ruas e comércio de Cruz das Almas, tendo como objetivo conhecer as representações sociais dos ciganos.

A maioria dos ciganos evangélicos de Cruz das Almas, outrora eram nominalmente católicos e também frequentavam as religiões de matrizes africanas, isso se dava pelo fato do Recôncavo Baiano ter como predomínio essas duas religiões. De início, uma das minhas hipóteses era que os ciganos evangélicos se convertiam com o intuito de minimizar os estigmas e até mesmo negar a sua etnicidade, porém, através da pesquisa pude descartar esta hipótese, já que os ciganos convertidos ainda se vestem com roupas tradicionais ciganas e fazem questão de reforçar a sua etnicidade, como mostramos através das entrevistas no capítulo 3. Os ciganos sabem que o ouro lembra a sua etnicidade, assim como, as correntes e anéis e eles usam de propósito justamente para que os demais os identifiquem como tal.

A conversão religiosa ocorrida entre os ciganos calons de Cruz das Almas, acabou atualizando a sua calonidade, porém, algumas características foram mantidas, como vimos no decorrer do trabalho. As ciganas antes da conversão eram propensas à superstição, leitura de mão e venda de figas, todavia, após a conversão mudaram a simbologia de crença, já que elas passam a não mais acreditar na quiromancia e na superstição, como mostramos no capítulo 5. Contudo, elas permaneceram usando os vestidos coloridos, continuaram usando pente envergado no cabelo, assim com,

permaneceram usando dentes de ouro, tatuagens e adornos como expomos nas imagens do capítulo 5.

Durante a pesquisa pude perceber que um dos principais motivos para a conversão religiosa foi a busca de cura e também de resolução de problemas, como mostramos nos capítulos 2 e 5. Durante a minha pesquisa ouvi testemunhos ou relatos de curas de câncer, cura de hepatite, de livramento de morte, cura de depressão, fim nos problemas conjugais, cura de vícios como drogas e uso de bebidas alcoólica, ou seja, a solução desses problemas acabaram reforçando e estimulando a permanência desses ciganos na igreja. Outrossim, um dos fatores que também favorece para permanência dos ciganos na igreja, principalmente da mulheres, são os louvores entoados, as músicas que são tão presentes na cultura cigana ganham uma nova simbologia após a conversão, como expomos nas narrativas do capítulo 2.

Todavia, o que mais influenciou na conversão cigana foi sem dúvida as redes de relações sociais, como eu frisei no capítulo II. O fato de existir um pastor cigano na igreja fez toda diferença, pois isso acabou influenciando a sua rede de relações, principalmente a sua família e amigos para que se tornassem evangélicos.

No capítulo 2 nós fizemos uma reflexão sobre a conversão cigana na Europa e no Brasil. Através dessa reflexão nós pudemos ver algumas semelhanças, como o combate de atividades tidas como errôneas, tais como, o combate do uso de drogas, bebidas e armas. E também vimos dessemelhanças como o fator principal do sucesso das igrejas protestantes na Europa e no Brasil. Também no capítulo 2 nós mostramos como vivem os ciganos em Cruz das Almas, e através das imagens percebemos que eles têm uma cultura onde é vigente os negócios, já que a maioria das casas estavam à venda.

No capítulo 3 mostramos os estereótipos ciganos transnacionais e os estereótipos locais. Todavia, percebemos que os cruzalmenses ainda enxergam os ciganos como trapaceiros, aqueles que querem tirar vantagem através da agiotagem, as mulheres são fedidas, ladronas e mentirosas. Enfim, os ciganos ainda carregam estereótipos advindos das representações sociais que vieram da Europa para o Brasil ainda no século XVI.

No capítulo 4 expomos um pouco da preparação, articulação e dinâmica dos casamentos ciganos, onde nós mostramos através das imagens, como as ciganas são vaidosas e exigentes com relação aos seus vestidos. Durante o casamento

percebemos a divisão espacial entre os homens e mulheres e como a dinâmica do casamento é bem diferenciada dos não ciganos.

No capítulo 5 nós conhecemos algumas performances adquiridas após a conversão dos ciganos, tais como, levantar as mãos como sinal de adoração a Deus, a batida de palmas, a leitura da bíblia, abaixar a cabeça e fechar os olhos para a oração. Ainda nesse capítulo, nós mostramos como as mulheres estão ganhando o seu espaço nos cultos, através do ministério de louvor das ciganas, das orações no púlpito e etc. Também conhecemos o que mudou na vida dos ciganos após a conversão, onde através dos relatos eles afirmam que pararam de usar drogas, ingerir bebidas alcoólicas, deixaram de ter relações extraconjugais, pararam de xingar e tratar mal os outros e que hoje tem mais paz.

Futuramente, esta pesquisa poderá ser aprofundada, já que atualmente existe na Bahia uma igreja situada na Região Metropolitana de Salvador, onde é formada apenas por ciganos. Neste sentido, eu poderei fazer uma comparação entre a Igreja Batista e a Igreja Duvê Barôn, buscando encontrar similaridade e dessemelhanças entre as duas instituições. Assim como, procurarei fazer comparação entre os ciganos convertidos de Cruz das Almas e desta cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. “Trânsito religioso no Brasil”, São Paulo em Perspectiva, 15, 3, 2001, p.92-101.

ANDRADE, Hanrrikson de. Do UOL, no Rio 29/06/2012. População evangélica passa de 15,4% para 22,2% em 10 anos e alcança 42,3 milhões de fiéis em 2010. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/populacao-evangelica-passa-de-154-para-222-em-10-anos-e-atinge-423-milhoes-em-2010.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 05 maio 2017

BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. In: Os grupos étnicos e suas fronteiras - Fredrik Barth. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.

BASTOS, A. C. T. Cartas do solitário. São Paulo: Nacional, 1938. v. 115.

BLANES Ruy Llera ,1976- Os Aleluias: ciganos evangélicos e música / Ruy Llera Blanes. — Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2008. - 260 p.

\_\_\_\_\_. (2007) Contacto, conhecimento e conflito: dinâmicas culturais e sociais num movimento evangélico cigano na Península Ibérica. *Etnográfica*, Vol.11, 2, 29-54. Disponível em <<http://www.ics.ul.pt/rdonweb-docs/Ruy%20Blanes%20-%20Publica%C3%A7%C3%B5es%202007%20n.pdf>>. Acesso em 05 out. 2013

\_\_\_\_\_. Nós, os Ciganos e os Outros, Etnicidade e Exclusão Social. *Anál. Social*, Lisboa, n. 182, jan. 2007. Disponível em <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732007000100022&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732007000100022&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 18 abr. 2013.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, 6.ed., São Paulo, Bertrand Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. A Economia das Trocas Lingüísticas: o que falar quer dizer. In: *A Economia das Trocas Lingüísticas e Linguagem e Poder Simbólico*. Cap.1 e cap. 2. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 9-128.

CANTÓN DELGADO, Manuela. (2008). Los confines de la impostura. Reflexiones sobre el trabajo etnográfico entre minorías religiosas. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, 2008, enero-junio, vol. LXIII, nº 1, p. 147-172, ISSN: 0034-7981.

\_\_\_\_\_. Creencias protestantes, estratégias gitanas: el evangelismo de las iglesias de Filadelfia en el Sur de España. *Revista de dialectología y tradiciones populares*, ISSN 0034-7981, Tomo 58, Cuaderno 2, 2003, págs. 179-200.

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em Campo, ou como escapar das armadilhas do método. In: *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

Censo Populacional 2014. *Censo Populacional 2014. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=28/08/2015&jornal=1&pagina=99&totalArquivos=248>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

COHEN, M. Caminhos da Bíblia. Tradução Maria da Glória A. Vaz. Biblioteca de Cultura Judaica. Rio de Janeiro: Editora Tradição, 1967.

Cruz das Almas (BA). Prefeitura. 2015. Disponível em: <<http://www.cruzdalmas.ba.gov.br/cidade>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. In: Durkheim. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os Pensadores).

ESTEVAM, M. E. D. Territórios-rede na Bahia: análise dos territórios cigares do Recôncavo baiano, com ênfase às cidade de Governador Mangabeira e Cruz das Almas. In: *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2008, Salvador. do IV ENECULT, 2008.

FARGANIS, Sondra. O feminismo e a reconstrução da ciência social. In: *Gênero, corpo e conhecimento*. JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. [Ed.]. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 224-240.

FAZITO, Dimitri. A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 49, n. 2, Dec. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012006000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012006000200007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. Transnacionalismo e Etnicidade: A Construção Simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana). Dissertação de Mestrado em Sociologia. (UFMG), 2000.

FERRARI, Florência. 2002. Um Olhar Oblíquo: contribuições para o imaginário ocidental sobre os ciganos. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP.

\_\_\_\_\_. 2010. O mundo passa: uma etnografia dos calon e suas relações com os brasileiros. Tese de doutorado em antropologia social. São Paulo: USP.

\_\_\_\_\_. Ciganos nacionais. **Acta lit.**, Concepción, n. 32, p. 79-96, 2006. Disponível em <[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0717-68482006000100007&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-68482006000100007&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 24 abr. 2017.

FLICK, Uwe. “O embasamento da pesquisa qualitativa”. In: Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004. 2ª ed.

FRIEDAN, B. “II A heroína doméstica”. In: Friedan, B. “A Mística Feminina”. Petrópolis, RJ - Brasil. Editora Vozes Ltda. 1971, tradução em português; p. 32-61.

GOFFMAN, ERVING. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. Estigma: notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada. São Paulo: LTC, 1988. POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J Teorias da Etnicidade. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

GOMES, A. M. A (2011). Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião. Ciências da Religião - História e Sociedade, 9(2), p. 148-174.

GUIMARAIS, Marcos Toyansk Silva. O associativismo transnacional cigano: identidades, Diásporas e territórios. São Paulo. 2012. Tese (Doutorado em Geografia) – USP.

HILKNER, Regiane Rossi and HILKNER, Mauro. Ciganos: um mosaico étnico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. Proceedings online... Associação Brasileira de Educadores Sociais. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000092012000200022&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092012000200022&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 Junho de 2016.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Censo iconográfico 2010/ dados gerais/ Cruz das Almas-BA. Disponível em <<http://cod.ibge.gov.br/NVH>> Acesso em: 11 jul. 2016.

KONING, Juliette. Novo nascimento cristão: uma nova identidade? Conversão, etnicidade e cidadania na Indonésia. *Relig. soc.* [online]. 2008, vol.28, n.1, pp.42-68. ISSN 1984-0438. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872008000100003>> Acesso em: 11Jul. 2016.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1986.

MENDES, Maria Manuela Ferreira. Nós, os ciganos e os outros. Etnicidade e exclusão social. Lisboa: Livros Horizonte, 2005, 205 páginas.

MENDONÇA, A. G. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Aste/Umesp, 1995.

MOONEN, Frans. A história esquecida dos ciganos no Brasil. *Saculum; Revista de História*, 02, João Pessoa, jul/dez. 1996.

\_\_\_\_\_. 2012. Ciganos e Ciganólogos: Estudar ciganos pra quem e pra quê? Recife: Núcleo de Estudos Ciganos.

\_\_\_\_\_. Os estudos ciganos no Brasil. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2011.

MOSCOVICI, Os ciganos entre perseguição e emancipação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 3, p. 653-678, set./dez. 2009.

MUSSI, Joana. 2014. O espaço como obra: ações, coletivos artísticos e cidade. São Paulo: Annablume Editora, Fapesp, Invisíveis Produções, 259 pp.

ORTNER, S. Está a mulher para a natureza, assim como o homem para a cultura? In: Rosaldo, MICHELLE Z. & LAMPHERE, L. A mulher, a cultura, a sociedade. Rio de Janeiro: Paz E Terra, 1979. p. 33-64.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Religião como solvente: uma aula. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 75, p. 111-127, jul. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002006000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 30 jun. 2016.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF\_FERNART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguidade Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 20, n. 2, nov. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702008000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 out. 2013.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Ana Paula. Ciganos evangélicos portugueses: a conversão ao petencostalismo. In: *Anales de História Contemporânea*, 17. 2001.

SARRÓ, Ramon, Blanes, Ruy Llera (2008). O Atlântico Cristão: Apontamentos Etnográficos Sobre o Encontro Religioso em Lisboa. In Villaverde, Manuel, Wall, Karin, Aboim, Sofia e Silva, Filipe Carreira da (Eds.), *Itinerários: A Investigação nos 25 Anos do ICS* (pp. 839-854). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais disponível em <[ics.ul.pt/rdonweb-docs/Ramon%20Sarr%C3%B3-20Publica%C3%A7%C3%B5es%202008%20n%C2%BA4.pdf](http://ics.ul.pt/rdonweb-docs/Ramon%20Sarr%C3%B3-20Publica%C3%A7%C3%B5es%202008%20n%C2%BA4.pdf)>. Acesso em 05 out 2013.

SEMAIN, Etienne. “Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas Ciências Sociais” In: FELDMAN-BIANCO, Bela. & LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.) *Desafios da imagem: fotografias, iconografias e vídeos nas Ciências Sociais*.

SEPPIR- Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social. *Secretaria de políticas para comunidades tradicionais. Guia de Políticas Públicas para Povos Ciganos*. 2013.

SHIMURA, Mário Igor. **Identidades Ciganas no Brasil**. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016, João Pessoa. GT020. CIGANOS: um exercício de comparação etnográfica, 2016. v. 30.

SORIA, Ana Paula C. B. 2008. Entre a dor de ser “cigano” e o orgulho de ser romã: aproximação à literatura romani e a auto - representação dos romã em duas obras de Jorge Nedich. 112 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, (Brasília).

SOUZA, Alfredo Ferreira de. Conversão: Uma discussão sobre troca cultural e assimilação da religião cristã. TEXTOS & DEBATES - Revista de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, n.19, 2012, p. 85-104.

SOUZA, Mirian Alves de. Construções identitárias ciganas e codificações políticas na esfera pública. 2012. Disponível em: <[https://iiiseminarioppgsufscar.files.wordpress.com/2012/04/souza\\_miriam-alves.pdf](https://iiiseminarioppgsufscar.files.wordpress.com/2012/04/souza_miriam-alves.pdf)> Acesso em: 05 abr. 2017.

STROMQUIST, Nelly. La busqueda del empoderamiento: en qué puede contribuir el campo de la educación. In. Leon, Magdalena. Op. cit. p.105.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. Correrias de ciganos pelo território mineiro (1808-1903). Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.

WEBER, Max. Ensayos sobre Sociologia de la Religión. 2. ed. Trad. esp. Madrid: Taurus.v. I. 1992.

## LISTA DE IMAGENS

### **Página 14**

1- Classificação de grupos religiosos no Brasil (2000/2010).

### **Página 16**

2- Mapa das comunidades ciganas por município-Brasil-2011.

### **Página 17**

3- Mapa de Cruz das Almas.

### **Página 19**

4- Mapa do setor econômico de Cruz das Almas.

### **Página 38**

5- Casa de uma das ciganas evangélicas do Templo Batista.

### **Página 39**

6- Casa da concunhada da cigana Luzia.

### **Página 40**

7- Vestidos de uma viúva.

### **Página 42**

8- Casa em construção de uma das ciganas evangélicas.

9- Casa temporária de uma das ciganas.

### **Página 43**

10- Casa da cigana evangélica Márcia.

### **Página 44**

11- Frase encontrada sobre a porta da casa da sogra de Márcia.

12- Frase encontrada acima da porta da cigana Márcia.

### **Página 45**

13- Frase na varanda da casa.

14- Frases encontradas entre as duas casas.

### **Página 46**

15- Casa de um casal de ciganos evangélicos.

16- Casa de uma das ciganas evangélicas.

### **Página 53**

17- Ciganos convertidos na Congregação Batista.

### **Página 54**

18- Ciganos sentados na fileira de bancos centralizada. (I Igreja Batista).

**Página 56**

19- Cigano contando o testemunho na igreja.

**Página 59**

20- Ciganas dançando música profana no casamento.

21- Ciganas convertidas louvando (cantando) na I Igreja Batista de Cruz das Almas.

**Página 61**

22- Disposição dos ciganos evangélicos no Templo Batista.

23- Disposição dos ciganos na 1ª Igreja Batista de Cruz das Almas.

**Página 85**

24- Vestidos modelo três babado fechado e Barbie.

**Página 86**

25- Vestido modelo quatro ponta curta fechada.

26- Vestido modelo rainha.

**Página 87**

27- Vestido modelo Thaís.

**Página 88**

28- Separação espacial das calins no casamento.

**Página 90**

29- Grupo masculino no casamento.

30- Calins dançando entre si no casamento.

**Página 90**

31- Casamento cigano em Governador Mangabeira.

**Página 91**

32- Ciganos comendo durante o casamento.

**Página 93**

33- Ciganos sendo servido após a cerimônia.

**Página 94**

34- Momento de servir os pratos principais.

**Página 95**

35- Bolo e salgados do casamento em Sapeaçu.

**Página 96**

36- Homens na festa de casamento em Sapeaçu.

37- Mulheres na festa de casamento.

**Página 97**

38- Brincos de ouro das ciganas na festa de casamento.

39- Colares e brincos da cigana.

**Página 98**

40- Ciganas usando adornos na festa de casamento.

**Página 99**

41- Colares usados pelas ciganas durante os casamentos.

**Página 100**

42- Noiva chegando no casamento.

**Página 101**

43- Cerimônia do casamento em Sapeaçu.

44- Momento em que o pastor ora pelo casal.

**Página 102**

45- Momento da distribuição do bolo e dos salgados.

**Página 109**

46- Ciganas levantando as mãos como sinal de adoração a Deus.

47- Cigana estendendo a mão como sinal de adoração ao seu Deus.

**Página 110**

48- Cigana com as mãos estendidas na hora da oração.

49- Ciganos orando a Deus.

**Página 111**

50- Movimento de batida de palmas no momento do louvor.

**Página 112**

51- Ciganos batendo palmas durante um louvor.

**Página 113**

52- Cigana lendo a bíblia.

**Página 116**

53- Cigana orando no púlpito da igreja.

54- Cigana cantando enquanto a sua filha toca bateria ao lado.

**Página 117**

55- Ciganas cantando no culto em homenagem as mulheres, na Igreja Batista.

**Página 118**

56- Crianças fazendo homenagem no Dia Internacional da Mulher.

**Página 132**

57- Dentes de ouro de uma cigana.

**Página 133**

58- Colar simbolizando a estrela de Davi e a tatuagem de uma cigana convertida.

**Página 134**

59- Ciganas usando pente na cabeça.